



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

WANIA CALDAS SILVA DE MIRANDA

**JAIR BOLSONARO E AS MULHERES NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2022:
UMA ANÁLISE DA COBERTURA DA IMPRENSA SOB A PERSPECTIVA DO
JORNALISMO CÃO DE GUARDA**

FORTALEZA
2023

WANIA CALDAS SILVA DE MIRANDA

JAIR BOLSONARO E AS MULHERES NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2022:
UMA ANÁLISE DA COBERTURA DA IMPRENSA SOB A PERSPECTIVA DO
JORNALISMO CÃO DE GUARDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Mídia e práticas socioculturais.

Orientador: Prof. Dr. Diógenes Lycarião Barreto Sousa.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- M646j Miranda, Wania Caldas Silva de.
Jair Bolsonaro e as mulheres na eleição presidencial de 2022: Uma análise da cobertura da imprensa sob a perspectiva do jornalismo cão de guarda / Wania Caldas Silva de Miranda. – 2023.
103 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Diógenes Lycarião Barreto Sousa.
1. Jair Bolsonaro. 2. Jornalismo cão de guarda. 3. Eleição. 4. Mulheres. 5. Análise de conteúdo. I. Título.

CDD 302.23

WANIA CALDAS SILVA DE MIRANDA

JAIR BOLSONARO E AS MULHERES NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2022:
UMA ANÁLISE DA COBERTURA DA IMPRENSA SOB A PERSPECTIVA DO
JORNALISMO CÃO DE GUARDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Mídia e práticas socioculturais.

Aprovada em 22/11/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Diógenes Lycarião Barreto Sousa.(Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Márcia Vidal Nunes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Monalisa Soares Lopes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha mãe Ana e ao meu pai Walter, que
me ensinaram que a vida é agora.

AGRADECIMENTOS

Não se faz nada sozinho, muito menos pesquisa. Para começar, quero agradecer à minha companheira que aturou todos os altos e baixos inerentes a esse processo e comemorou cada mínima conquista. Muito obrigada, Renata, pela paciência e pela resistência durante a pandemia e depois dela. Tua força e teu amor me ajudaram todas as vezes.

Ao meu orientador Diógenes, que apostou no tema e na viabilidade desta pesquisa e foi um grande parceiro e incentivador. À Hébely, amiga e pesquisadora, que foi uma luz crítica e cuidadosa nessa minha jornada. Aos meus amigos Henriette, Caio, Raquel e Carol, que me deram ombros, abraços, sorrisos e cervejas em momentos fundamentais. Também quero agradecer aos queridos colegas do Gruppocom que doaram parte do seu tempo corrido para opinar e criticar, contribuindo de maneira decisiva para esta pesquisa.

Por fim, quero dizer que este trabalho é fruto de todas e todos que incentivaram de alguma forma a minha educação. Isso inclui o meu pequeno núcleo familiar, formado por minha mãe e por minha irmã Marina, meus padrinhos e familiares queridos, e, claro, todos os professores e professoras que me ajudaram nessa caminhada, com destaque para os da Universidade Federal do Ceará, minha casa na graduação e no mestrado. Em nome deles, quero agradecer às professoras Márcia e Monalisa, membros da banca, que, com suas generosas observações, enriqueceram muitíssimo este trabalho final. Espero que esta pesquisa possa contribuir com as reflexões sobre este momento histórico e sobre o papel do jornalismo, que, apesar das mazelas, é tão importante para a democracia.

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar a cobertura que trata da relação entre Jair Bolsonaro e as mulheres na eleição presidencial de 2022. Para isso, serão analisadas matérias jornalísticas que associam o candidato ao eleitorado feminino em três portais de notícias: Folha de S. Paulo, do Grupo Folha, G1, do Grupo Globo, e R7, do Grupo Record. Os dois primeiros grupos foram alvos frequentes de ataques de Bolsonaro e de apoiadores e o último teve um alinhamento com o governo entre 2019 e 2022. O trabalho contextualiza o cenário político brasileiro das duas últimas décadas, com destaque para as manifestações de 2013, o crescimento da extrema direita, o impeachment de Dilma Rousseff e os processos eleitorais de 2018 e 2022, além de destacar a cruzada antigênero travada por Bolsonaro durante toda a sua trajetória política. Em seguida, a pesquisa se debruça sobre o conceito de jornalismo cão de guarda (*watchdog*) e sua relação com a democracia, além de trazer um histórico sobre mídia e política no Brasil. Por fim, a pesquisa recorre às ferramentas da análise de conteúdo para observar se os portais de notícias cumpriram seu papel de vigilância e de que forma a função de cão de guarda se manifesta. Entre as conclusões, temos o G1 oferecendo uma cobertura mais vigilante, seguida por Folha de S. Paulo, enquanto R7 apresenta dados de ausência quase total da função de cão de guarda.

Palavras-chave: Jair Bolsonaro; jornalismo cão de guarda; eleição; mulheres; análise de conteúdo.

ABSTRACT

This research aims to analyze the coverage of the relationship between Jair Bolsonaro and women in the 2022 presidential election. To do this, we will analyze news articles that associate the candidate with the female electorate on three news portals: Folha de S. Paulo, from the Folha Group, G1, from the Globo Group, and R7, from the Record Group. The first two groups were frequent targets of attacks from Bolsonaro and his supporters, while the latter was aligned with the government between 2019 and 2022. The work contextualizes the Brazilian political scene over the last two decades, highlighting the demonstrations of 2013, the rise of the far right, the impeachment of Dilma Rousseff and the electoral processes of 2018 and 2022, as well as highlighting the anti-gender crusade waged by Bolsonaro throughout his political career. Next, the research looks at the concept of watchdog journalism and its relationship with democracy, as well as a history of media and politics in Brazil. Finally, the research uses the tools of content analysis to observe whether the news portals have fulfilled their role of surveillance and how the watchdog function manifests itself. Among the conclusions is that G1 offers the most vigilant coverage, followed by Folha de S. Paulo, while R7 shows an almost total absence of the watchdog function.

Keywords: Jair Bolsonaro; watchdog journalism; election; women; content analysis.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Matéria G1	73
Imagem 2 - Matéria G1	73
Imagem 3 - Matéria R7	75
Imagem 4 - Matéria R7	75
Imagem 5 - Matéria Folha de S. Paulo.....	78
Imagem 6 - Matéria Folha de S. Paulo.....	78

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Resultados G1	74
Gráfico 2 - Resultados R7	77
Gráfico 3 - Resultados FSP	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Critérios de inclusão e exclusão	56
Tabela 2 - Matérias G1	56
Tabela 3 - Matérias R7	60
Tabela 4 - Matérias Folha de S. Paulo	62
Tabela 5 - Resultados quantitativos	69
Tabela 6 - Resultados quantitativos	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DOI-Codi	Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna
LGBTQIA+	+ Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero
HGPE	Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral
OMS	Organização Mundial da Saúde
PL	Partido Liberal
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSL	Partido Social Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	VINTE ANOS DE AVANÇOS E RETROCESSOS: A DEMOCRACIA BRASILEIRA ENTRE AS ELEIÇÕES DE 2002 E 2022.....	17
2.1	Eleição de 2018: pauta conservadora, redes sociais e rejeição das mulheres.....	23
2.2	“Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”: Jair Bolsonaro no poder e a consolidação do bolsonarismo.....	29
2.2.1	<i>Bolsonaro e a guerra anti-gênero da extrema direita.....</i>	34
3	JORNALISMO, GÊNERO E DEMOCRACIA.....	38
3.1	Ataques à imprensa e às mulheres jornalistas.....	38
3.2	A relação entre democracia, jornalismo e a função de cão de guarda.....	41
3.3	Poder e imprensa no Brasil.....	45
3.3.1	<i>Grupos Folha, Globo e Record.....</i>	49
4	CAMPANHA DE 2022: MÉTODOS DE BUSCA E ANÁLISE DAS NOTÍCIAS.....	53
4.1	Questões da pesquisa.....	54
4.2	Metodologia de busca e análise das notícias.....	55
4.2.1	<i>Fase 1: Busca das matérias.....</i>	55
4.2.2	<i>Fase 2: Categorias de análise.....</i>	67
4.2.3	<i>Hipóteses.....</i>	69
5	A PAUTA DE GÊNERO NA CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 2022	71
5.1	Análise e discussão dos resultados.....	71
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
	REFERÊNCIAS.....	86
	APÊNDICE A - LIVRO DE CÓDIGOS.....	92
	APÊNDICE B - ANÁLISE DE CONTEÚDO G1.....	96
	APÊNDICE C - ANÁLISE DE CONTEÚDO R7.....	98
	APÊNDICE D - ANÁLISE DE CONTEÚDO FSP.....	100
	APÊNDICE E - ANÁLISE DE CONTEÚDO GERAL.....	103

1 INTRODUÇÃO

“As mulheres estão praticamente integradas à sociedade”. A declaração é do ex-presidente Jair Bolsonaro e ocupou as manchetes dos portais de notícias no dia 08 de março de 2022, Dia Internacional da Mulher¹. Dois meses antes, em 20 de dezembro de 2021, o noticiário político cobriu as férias do então presidente no litoral de Santa Catarina e repercutiu um vídeo que mostra Bolsonaro cantando um funk que compara mulheres de esquerda a cadelas². Nos quatro anos de governo, as ofensas às mulheres jornalistas também foram frequentes. Em uma delas, em 2020, o presidente fez uma insinuação sexual sobre a atuação profissional da jornalista Patrícia Campos Mello, da Folha de S. Paulo, o que lhe rendeu uma condenação por danos morais³.

Esses episódios, somados a outros inúmeros em sua trajetória como parlamentar, ajudam a ilustrar o histórico de ataques e atitudes machistas e misóginas do presidente Jair Bolsonaro e a repercussão na grande imprensa. Diante disso, e considerando a complexidade dessa conjuntura, esta pesquisa se propõe a analisar a eleição presidencial de 2022, sob a perspectiva da relação entre jornalismo cão de guarda e democracia, levantando o que a imprensa pautou sobre gênero e a relação entre mulheres e Bolsonaro de agosto a outubro de 2022. Para isso, mergulhamos na observação e no estudo do processo - ainda em curso no Brasil e no mundo - de reinvenção das direitas conservadoras e do fortalecimento do extremismo em alguns desses grupos. Essa contextualização passa pelos movimentos que defendem valores tradicionais e um deliberado discurso conservador e preconceituoso, abrindo espaço para mazelas sociais como a xenofobia, o machismo, a homofobia e o racismo, sob o argumento da liberdade de expressão (MIGUEL, 2018). Brexit, no Reino Unido, eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos, governos de extrema direita em países do leste europeu (GONZALEZ et al, 2021), e o esgotamento da

¹ HOLANDA, M. 'Mulheres estão praticamente integradas à sociedade', diz Bolsonaro. Folha de S. Paulo, 8 mar. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/03/depois-de-vetar-bolsonaro-agora-edita-decreto-para-distribuicao-gratuita-de-absorventes.shtml>

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hSLPamd6Gfs>

³ G1. Justiça de SP mantém condenação de Bolsonaro por danos morais à jornalista Patrícia Campos Mello. Jornal Nacional, 29 jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/29/justica-de-sp-mantem-condenacao-de-bolsonaro-por-danos-morais-a-jornalista-patricia-campos-mello.ghtml>

chamada Onda Rosa, que levou governos progressistas de esquerda ao poder na América Latina, são alguns elementos dessa conjuntura.

Ao longo destes últimos anos, o campo progressista assistiu perplexo, atrapalhado e inativo à reorganização e ao fortalecimento político das direitas. “Direitas”, “novas direitas”, “onda conservadora”, “fascismo”, reacionarismo”... Uma variedade de conceitos e sentidos para um fenômeno que é indiscutível protagonista nos cenários nacional e internacional de hoje: a reorganização neoconservadora que, em não poucas ocasiões, deriva em posturas autoritárias e antidemocráticas. (GALLEGO, 2018)

Gibson (2020) também destaca esse movimento ao redor do mundo, citando o que ele chama de “movimentos políticos populistas e autoritários”, que tendem a silenciar vozes dissidentes e minoritárias, em países como Estados Unidos, Turquia, Hungria, Itália e Brasil, além de Venezuela e Nicarágua, como nos alerta Delgado (2020).

Considerando esse processo, e para que possamos analisar o cenário proposto por este trabalho, é fundamental voltar alguns anos, até antes da eleição de 2018, que levou Jair Bolsonaro ao cargo de presidente da República. O período escolhido foi entre as eleições presidenciais de 2002 e 2022, dando o devido destaque para o processo desencadeado pelas manifestações de 2013, o nascimento de novas lideranças de direita, o questionamento da lisura do processo eleitoral em 2014, os movimentos “Fora Dilma” em 2015, o impeachment em 2016 e os desdobramentos da Operação Lava Jato. Além disso, no cenário temos o antipetismo e o protagonismo da campanha nas redes sociais e da disseminação em massa de notícias falsas.

Reportagens em jornais e redes de televisão, processos judiciais, investigações policiais e boatos gerados na internet retroalimentaram-se, gerando uma nuvem de informações verdadeiras, duvidosas ou indubitavelmente falsas que estigmatizava o PT - e, por consequência, toda a esquerda - como encarnação da desonestidade e do mal. (MIGUEL, 2018)

Na eleição de 2018, enfrentando uma forte rejeição, o candidato Fernando Haddad (PT), que substituiu o ex-presidente Lula na disputa, foi derrotado por Jair Bolsonaro (eleito pelo PSL, hoje no PL) no segundo turno, em uma eleição marcada pelo atentado a Bolsonaro em uma atividade de campanha⁴ e pelo uso massivo do Whatsapp na campanha (NICOLAU, 2020; PIAIA; ALVES, 2020).

⁴ SCHREIBER, M. Qual será o impacto do atentado contra Bolsonaro na corrida eleitoral? **BBC News Brasil**, Brasília, 08 set. 2018. Acesso em 24 ago. 2021.

O presidente eleito era deputado federal pelo Rio de Janeiro há sete mandatos, não tinha protagonismo nos grandes debates do País e basicamente construiu sua imagem com declarações discriminatórias, como quando disse, em 2011, que preferia um filho morto em um acidente a um filho gay⁵. Em relação às mulheres, o histórico de Bolsonaro também é marcante. Em 2003, disse para a deputada Maria do Rosário (PT) - e repetiu em 2014 - que não a estuprava porque ela não “merecia”⁶. Em 2016, no processo de impeachment de Dilma Rousseff na Câmara, o então deputado justificou seu voto homenageando o general Carlos Alberto Brilhante Ustra, que seria “o pavor” de Dilma na Ditadura Militar⁷. No mesmo ano, afirmou que não empregaria mulheres com o mesmo salário dos homens⁸.

Na cadeira da Presidência, o discurso contra os direitos humanos não mudou. Em abril de 2019, Bolsonaro disse que o Brasil não pode ser um país do turismo gay e que “quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade”⁹. Em maio daquele ano, a ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, começou uma cruzada em defesa da abstinência sexual nas discussões sobre educação sexual nas escolas, como forma de evitar a gravidez e doenças¹⁰.

Segundo Fonseca (2019, p. 111), é “uma agenda que se funda pela negação do outro, que nega o valor da diversidade e que classifica como ‘coitadismo’ discursos e ações relacionadas a ações afirmativas ou à defesa da igualdade de gênero, por exemplo”. Já González et al. (2021) destacam que esta foi a primeira eleição presidencial com a vitória de um candidato com um discurso abertamente de extrema direita. Os autores lembram que, embora o Brasil já tenha sido governado

⁵ O que Bolsonaro já disse de fato sobre mulheres, negros e gays. **El País Brasil**, 7 out. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/06/politica/1538859277_033603.html

⁶ VEJA 11 frases polêmicas de Bolsonaro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 06 jun. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/veja-11-frases-polemicas-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em 22 ago. 2021.

⁷ BARBA, M. D.; WENTZEL, M. Discurso de Bolsonaro deixa ativistas ‘estarecidos’ e leva OAB a pedir sua cassação. **BBC News Brasil**, São Paulo e Basileia (Suíça), 19 abril. 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_mdb. Acesso em: 22 ago. 2021.

⁸ VEJA 11 frases polêmicas de Bolsonaro. **Folha de S. Paulo**. 06 out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/veja-11-frases-polemicas-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em 22 ago. 2021.

⁹ MULHERES brasileiras não são uma commodity, diz Paulo Coelho a Bolsonaro. **Poder 360**, 26 abr. 2019. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/mulheres-brasileiras-nao-sao-uma-commodity-diz-paulo-coelho-a-bolsonaro/>. Acesso em 22 ago. 2021.

¹⁰ CARMO, M. Damares defende que escolas discutam abstinência sexual e critica Popeye. **BBC News Brasil**, Buenos Aires. 31 maio. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48479429>. Acesso em 22 ago. 2021.

outras vezes por presidentes conservadores, como os militares durante a ditadura, o general Dutra e Jânio Quadros, Bolsonaro foi o único defensor da ditadura, anticomunista, misógino e contra quilombolas e gays. Ao citar Norris e Inglehart (2019), González et al. (2021) afirmam que Bolsonaro faz parte de uma onda neoconservadora que alguns autores chamam de populista.

Diante de todo esse cenário, o objetivo desta pesquisa é fazer um levantamento de matérias jornalísticas e analisar, com as ferramentas da análise de conteúdo (BARDIN, 2016; CARLOMAGNO; ROCHA, 2016; SAMPAIO; LYCARIÃO, 2018, 2021), como a grande imprensa, aqui representada pelos portais de notícias G1, Folha de S. Paulo e R7, noticiou a relação entre Bolsonaro e as mulheres na eleição presidencial de 2022. A ideia é mapear o que virou pauta, de que forma os veículos trataram o tema e como isso dialoga com a discussão sobre jornalismo e democracia no mundo atual. É fundamental destacar que, assim como em Guazina, Leite e Santos (2021, p. 46), a temática de gênero será tratado, neste trabalho, como sinônimo de mulheres e de relações sociais entre homens e mulheres. Ao contrário das autoras, no entanto, não incorporamos as discussões que atravessam a população LGBTQIA+, que também foi constantemente alvo do discurso de ódio de Bolsonaro. Essa escolha foi feita não por considerarmos um tema menos importante, mas puramente por um recorte metodológico desta pesquisa.

E para responder às perguntas propostas, este trabalho começa com uma contextualização do cenário político brasileiro, fazendo um paralelo com movimentos e tendências mundiais, como é o caso do crescimento da extrema direita em vários países. No primeiro capítulo, que começa com a vitória de Lula em 2002, damos um maior destaque a acontecimentos que nos ajudam a situar a eleição de 2022, como a campanha de 2018, que levou Jair Bolsonaro à Presidência da República, e os quatro anos de mandato, com ênfase na batalha anti-gênero travada pelo ex-presidente com o apoio de setores conservadores da sociedade brasileira.

No capítulo seguinte, temos uma discussão sobre jornalismo, gênero e democracia. A ideia é discutir os ataques à imprensa e às mulheres jornalistas como um método da extrema direita, a relação entre democracia e jornalismo cão de guarda (*watchdog*), além de fazer um estudo sobre poder e imprensa no Brasil, ressaltando o perfil dos portais Folha de S. Paulo, G1 e R7, que serão analisados neste trabalho.

Na sequência, trazemos uma contextualização sobre a eleição presidencial de 2022 e detalhes sobre a metodologia e as questões que pretendemos responder

com esta pesquisa. Por fim, no último capítulo, temos a análise das matérias e a discussão dos resultados.

2 VINTE ANOS DE AVANÇOS E RETROCESSOS: A DEMOCRACIA BRASILEIRA ENTRE AS ELEIÇÕES DE 2002 E 2022

O processo eleitoral de 2022, onde se situa o recorte desta pesquisa, é fruto de uma série de fatos que deixaram marcas na história recente do país. E para chegarmos até ele, revisitar o atual ciclo democrático brasileiro¹¹, iniciado em 1985 com a eleição - mesmo que indireta - do civil Tancredo Neves após 21 anos de ditadura militar, seria um bom marco para ilustrar historicamente esse cenário. No entanto, para deixar essa contextualização um pouco mais próxima da eleição analisada, optamos por dar ênfase às duas últimas décadas como forma de explicar a conjuntura da vitória de Jair Bolsonaro em 2018 e a eleição de 2022.

Partimos, então, de 2002, da primeira vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, que desde 1989 disputava a cadeira presidencial. Após três derrotas, o candidato saiu vitorioso da disputa com José Serra, do PSDB do então presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), encerrando o ciclo de oito anos do partido no poder. O governo de Lula, primeiro operário a chegar à Presidência da República, deu início ao que diversos autores denominam de “Onda Rosa”, uma referência aos governos progressistas e de centro-esquerda nos anos 2000, em países latinoamericanos como Argentina, Uruguai e Chile.

Foram implementadas políticas de combate à desigualdade racial, de valorização da produção cultural das periferias e de promoção da equidade de gênero. Ainda que insatisfatórias do ponto de vista do passivo histórico a ser enfrentado e das demandas dos movimentos sociais, representaram progressos que não podem ser negados. Os governos do PT conviveram com um momento de ascenso das lutas de muitos grupos subalternos por visibilidade, igualdade e inclusão. (MIGUEL, 2019, p. 80)

Os avanços sociais e econômicos conviveram, ainda no primeiro mandato de Lula, com o “escândalo do mensalão” e com a constante presença da pauta nos grandes veículos de imprensa do país que, segundo Miguel (2019), fez com que o “PT passasse definitivamente para a posição de vidraça” no que se refere ao tema corrupção. Entretanto, apesar das denúncias de que o governo pagava uma espécie

¹¹ A República brasileira é marcada por breves intervalos democráticos desde a sua instauração em 1889. González et al. (2021) consideram que, no século XX, a primeira trégua efetivamente democrática ocorreu entre o Estado Novo e o golpe militar (1945-1964), e o segundo intervalo teria sido iniciado na década de 1980, após 21 anos de ditadura civil-militar (1964-1985).

de mesada para os parlamentares aprovarem as medidas no Congresso, Lula foi reeleito em 2006, elegeu a sucessora, a então ministra Dilma Rousseff, e deixou a Presidência em 2010 com uma aprovação de 87%, de acordo com pesquisa do Ibope¹².

Já o governo Dilma, iniciado em 2011, aproveitou a maré positiva deixada pelo antecessor, mas foi surpreendido por uma série de manifestações que tomaram as ruas do país em 2013, às vésperas de dois grandes eventos sediados no Brasil: a Copa das Confederações e a Copa do Mundo de 2014. Sem coordenação definida, os movimentos reuniam grupos e pautas diversas, como jovens da periferia, monarquistas, defensores da ditadura militar e pessoas de classe média protestando contra a corrupção (PINHEIRO-MACHADO; FREIXO, 2019). A exemplo do que foi observado na Primavera Árabe - conjunto de manifestações e protestos em países do Oriente Médio e do norte da África -, no 15M na Espanha (ALMANSA-MARTÍNEZ; TORRES, 2016), no Occupy Wall Street nos Estados Unidos (HARVEY, 2012), as chamadas “Jornadas de junho” do Brasil nasceram na internet e tomaram as ruas em 2013 (CASTELLS, 2013). Scherer-Warren (2014) descreve essas manifestações como “amplas da cidade e/ou indignados”.

Esse tipo se refere às manifestações de rua contemporâneas, que vêm ocorrendo em diversas esferas públicas mundiais e também no Brasil atual. São convocadas principalmente por múltiplas redes sociais virtuais, que frequentemente existem em torno de algumas afinidades sociais ou políticas, mas que em seu conjunto podem apresentar ideários e ideologias conflitivos, conforme confirmado por confrontos entre manifestantes de rua em 2013 em nosso país. (SCHERER-WARREN, 2014, p. 23)

Numa visão mais recente do que ocorreu naquele ano, Pinheiro-Machado e Freixo (2019) consideram que as manifestações foram, entre outras causas, fruto do esgotamento de um modelo político que começou a se estruturar na transição democrática e que teve como auge os governos petistas. Segundo os autores, essa desilusão aparecia tanto entre os jovens da classe média tradicional quanto os das regiões periféricas, que ascenderam socialmente durante os anos dos governos petistas. Outras características dos protestos deste período, de acordo com Pinheiro-Machado e Freixo (2019), são a falta de protagonismo do PT e a “descoberta” das

¹² BONIN, Robson. Popularidade de Lula bate recorde e chega a 87%, diz Ibope. **G1**. 16 dez. 2010. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2010/12/popularidade-de-lula-bate-recorde-e-chega-87-diz-ibope.html>.

ruas pela direita. Na visão de Miguel (2019), as manifestações revelaram uma espécie de descolamento entre o governo e o PT e a sua base, deixando o partido “paralisado”. “Os movimentos populares sob influência petista se viram na obrigação de blindar o governo e, com isso, perderam a oportunidade de dialogar com os manifestantes” (MIGUEL, 2019, p. 157). Claramente tateando na nova conjuntura, o governo reuniu governadores e prefeitos e anunciou, em 17 de junho daquele ano, “cinco pactos” (por responsabilidade fiscal, reforma política, saúde, transporte, e educação)¹³, que não foram suficientes para acalmar os ânimos do país.

E o rescaldo de 2013 permaneceu na eleição presidencial de 2014. Num ambiente de forte antipetismo, que se confundia com o discurso anticorrupção, Dilma Rousseff derrotou o tucano Aécio Neves, mas foi reeleita com uma pequena diferença e com o país dividido. “Para a direita, foi um balde de água fria: mesmo com a conjuntura favorável, com a erosão da base social petista e com o cerco da mídia e do aparato repressivo do Estado sobre o governo alcançando o zênite, a presidente se reelegeu” (MIGUEL, 2019, p. 160).

Como lembram Feres Júnior e Sassara (2018), logo após a derrota - a quarta seguida¹⁴ -, o PSDB começou a questionar a lisura do processo eleitoral. Em pedido de auditoria apresentado ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o partido alegou, como destacam os autores (2018, p. 227), “descrença de que a contagem dos votos era confiável e que o sistema eletrônico era infalível com base em várias acusações feitas após o processo de votação”. O plenário do TSE, no entanto, não encontrou evidência de fraude¹⁵.

A turbulência da eleição de 2014, alimentada pela narrativa de desconfiança do processo eleitoral e pelas denúncias da operação Lava Jato, se estendeu pelo ano seguinte com grandes manifestações contra a presidente. Puxadas por movimentos como Vem Pra Rua e Movimento Brasil Livre (MBL), os protestos tiveram ampla adesão nas capitais e contaram com cobertura ao vivo dos grandes

¹³ MENDES, P. Dilma propõe 5 pactos e plebiscito para constituinte da reforma política. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/dilma-propoe-5-pactos-e-plebiscito-para-constituente-da-reforma-politica.html>

¹⁴ A disputa eleitoral entre PSDB e PT perdurou por vinte anos, de 1994, ano da primeira eleição de Fernando Henrique Cardoso, a 2014, quando Dilma Rousseff foi reeleita após uma eleição acirrada com Aécio Neves. O PSDB saiu vitorioso em 1994 e 1998 e o PT, em 2002, 2006, 2010 e 2014.

¹⁵ PLENÁRIO do TSE: PSDB não encontra fraude nas Eleições 2014. **TSE**. 05 nov. 2015. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2015/Novembro/plenario-do-tse-psdb-nao-encontra-fraude-nas-eleicoes-2014>. Acesso em mar. 2023.

veículos de imprensa do país¹⁶. A principal pauta era o “Fora Dilma”, mas havia manifestantes que pediam a intervenção militar, apoiando a Lava Jato e culpando Lula e o PT pela corrupção do país¹⁷. Também é fundamental ressaltar que, a partir de 2015, o país começou a enfrentar problemas econômicos e, apesar do discurso contrário durante a campanha, Dilma implementou ajustes fiscais que reduziram as suas taxas de aprovação em mais de 30 pontos percentuais (MUNDIM; VASCONCELLOS; OKADA, 2023, p. 4)¹⁸. Dificuldades na área política, principalmente na relação com o Congresso Nacional, também eram evidentes no início do segundo mandato.

A relação de Dilma com os integrantes da elite política nunca foi fácil, pelo perfil técnico, por traços de personalidade da presidente e mesmo pelo fato de ser mulher, dificultando a integração num ambiente tão marcado por um *éthos* masculino e sexista - de fato, junto às lideranças políticas, tanto quanto nas ruas, nas redes sociais e na mídia, houve um significativo traço misógino na desqualificação da presidente (MIGUEL, 2019, p. 152).

Nas manifestações daquele ano, Miguel (2018) destaca que a classe média e as classes mais baixas reproduziram o discurso da elite, contra programas como Bolsa Família e a favor da meritocracia, com apoio das igrejas evangélicas, principalmente. Segundo o autor, a predominância era de um discurso maniqueísta, com grande influência da grande imprensa. Pinheiro-Machado e Freixo (2019) também ressaltam o papel dos meios de comunicação empresariais e do Judiciário nesse processo.

Garantidos pela blindagem da grande imprensa e pelo apoio de amplos segmentos da sociedade, juízes de primeira instância e procuradores da república vêm sendo recorrentemente acusados de atropelar a ordem jurídica e as garantias constitucionais vigentes em nome de uma lógica “salvacionista”, em que os fins justificariam os meios. Neste sentido, a escalada conservadora dos últimos anos acabou por ter no judiciário e nos meios jurídicos em geral - onde crescem cada vez mais as perspectivas punitivistas - uma de suas principais trincheiras, contribuindo sobremaneira para fragilizar ainda mais as instituições e a democracia brasileiras. (PINHEIRO-MACHADO; DE FREIXO, 2019)

¹⁶ MANIFESTANTES fazem maior protesto nacional contra o governo Dilma. **G1**. 13 mar. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/manifestacoes-contra-governo-dilma-ocorrem-pelo-pais.html>. Acesso em mar. 2023.

¹⁷ MANIFESTANTES fazem atos contra Dilma em todos os Estados e no DF. **UOL**. 13 mar. 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/03/13/manifestantes-fazem-atos-contra-dilma-neste-domingo.htm>. Acesso em mar. 2023.

¹⁸ Do original: “Although during the campaign she had stated she would not undertake economic reforms, 2015 began with the implementation of fiscal adjustment measures that reduced her approval ratings by more than 30 percentage points”.

Feres Júnior e Gagliardi (2019) também ressaltam que o antipetismo dos meios de comunicação contribuiu para o fim do governo Dilma. Na visão dos autores, houve uma aliança entre os meios de comunicação, setores do Judiciário, do Ministério Público, da direita e do empresariado, mas que, apesar de ter dado certo, produziu “efeitos indesejáveis” para os próprios agentes. “O maior deles foi a desvalorização do sistema político como um todo, produzida pela criminalização da política, que, entre outras coisas, redundou na eleição de Bolsonaro” (FERES JÚNIOR; GAGLIARDI, 2019, p. 41). Na visão de Albuquerque (2022), nos anos dos governos petistas a grande imprensa teria radicalizado a cobertura negativa e começado “a construir uma narrativa que atribuía a eles a intenção de levar a cabo um projeto de perpetuação no poder por vias não democráticas”, o que a imprensa costumava chamar de “lulopetismo” (ALBUQUERQUE, 2022, p. 210).

Já Miguel (2019, p. 172) considera que “a Lava Jato revelou parte da corrupção sistêmica da política brasileira, por meio de operações espetaculares que, no entanto, atingiram apenas os partidos da base de governo Dilma Rousseff”.

Esse processo de desgaste para o governo e para a própria democracia brasileira evoluiu e, em dezembro de 2015, o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PTB), autorizou a abertura do processo de impeachment da presidente no mesmo dia em que a bancada do PT anunciou que votaria pela continuidade do processo de cassação do deputado no Conselho de Ética¹⁹. Com a abertura do processo, o cenário tornou-se irreversível. Em abril de 2016, após seis horas de votação, 367 deputados se posicionaram a favor²⁰ do afastamento de Dilma, com destaque para as justificativas de tom conservador e pelos cartazes empunhados com a frase “tchau, querida”. Dentre essas falas, é fundamental recuperar a do então deputado federal Jair Bolsonaro:

Perderam em 1964, perderam em 2016. Contra o comunismo, contra o Foro de São Paulo. Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim²¹.

¹⁹ PASSARINHO, N. Eduardo Cunha autoriza abrir processo de impeachment de Dilma. **G1**. 02 dez. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/eduardo-cunha-informa-que-autorizou-processo-de-impeachment-de-dilma.html>. Acesso em mar. 2023.

²⁰ CÂMARA autoriza instauração de processo de impeachment de Dilma com 367 votos a favor e 137 contra. **Agência Câmara de Notícias**. 17 abr. 2016. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/485947-camara-autoriza-instauracao-de-processo-de-impeachment-de-dilma-com-367-votos-a-favor-e-137-contra/>. Acesso em mar. 2023.

²¹ BARBA, M. D.; WENTZEL, M. Discurso de Bolsonaro deixa ativistas ‘estarecidos’ e leva OAB a pedir sua cassação. **BBB News Brasil**. 19 abr. 2016. Disponível em:

O “pavor de Dilma”, Ustra foi o chefe do DOI-Codi de São Paulo, um dos principais órgãos de repressão política do governo militar, entre 1970 e 1974. Segundo a Comissão Nacional da Verdade, ao menos 50 pessoas foram assassinadas²² e outras centenas foram torturadas²³ sob o comando do coronel. Em 2012, o Tribunal de Justiça de São Paulo reconheceu Ustra como torturador do regime militar²⁴.

Após esse episódio da votação na Câmara, a presidente foi afastada por 180 dias. O processo de impeachment, apoiado por parte relevante da grande mídia, como mostram Marques, Mont’Alverne e Mitozo (2018), foi concretizado no dia 31 de agosto de 2016 pelo Senado Federal, quando Dilma perdeu definitivamente o mandato e foi substituída pelo vice-presidente Michel Temer (PMDB). Pinheiro-Machado e Freixo (2019) consideram que esse processo que culminou com a perda de mandato de Dilma não só não resolveu como agravou a crise política brasileira.

O afastamento definitivo da presidenta da República pelo Senado Federal em agosto de 2016, após um controvertido processo de impeachment autorizado quatro meses antes pela Câmara de Deputados, não poria fim à crise política. Ao contrário, ela se agravaria ainda mais, visto que a maneira como foi conduzido esse processo explicitou que, apesar da tentativa do parlamento, do judiciário e da mídia empresarial de travesti-lo de uma aparência de legalidade e institucionalidade, o que estava em andamento era um golpe jurídico-parlamentar que contava com o apoio da maior parte da elite empresarial e dos principais grupos de mídia e que não se esgotaria com a retirada de Dilma Rousseff da Presidência da República. (PINHEIRO-MACHADO; DE FREIXO, 2019)

Durante todo esse período, Jair Bolsonaro exercia o cargo de deputado federal, onde ocupava um espaço de pouca relevância na política nacional, apenas aparecendo para o grande público por ocasião de alguma declaração violenta e extremista noticiada pela imprensa. Entre elas, temos as agressões, nos anos 1990 e 2000, ao ex-presidente Fernando Henrique Cardoso - nesse caso, ameaça de fuzilamento -, ao cardeal arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, aos ex-

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_mdb. Acesso em mar. 2023.

²² MENDES, P. Durante depoimento de Ustra, comissão aponta 50 mortes no DOI. **G1**. 10 mai. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2013/05/durante-depoimento-de-ustra-comissao-aponta-50-mortes-no-doi.html>. Acesso em mar. 2023.

²³ JIMÉNEZ, C. Um retrato do torturador comandante Brilhante Ustra, segundo as suas vítimas. **EI País Brasil**. 22 Abr. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/20/politica/1461180363_636737.html. Acesso em mar. 2023.

²⁴ CREDENDIO, J. E. TJ-SP nega recurso e reconhece coronel Ustra como torturador. **Folha de S. Paulo**. 14 ago. 2012. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2012/08/1137102-tj-sp-nega-recurso-e-reconhece-coronel-ustra-como-torturador.shtml>. Acesso em mar. 2023.

ministros Carlos Tinoco, do Exército, e Geraldo Quintão, da Defesa (Nascimento et al, 2018). Segundo os autores, que pesquisaram 30 anos da presença de Jair Bolsonaro nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, as principais pautas que deram visibilidade a Bolsonaro foram: as que eram contra os direitos humanos, pautas em apologia à ditadura e ao golpe militar, em defesa dos direitos dos militares e em apologia à tortura e à violência, e incluem, por exemplo, “concordância com frases fascistas do ditador Benito Mussolini” (Nascimento et al, 2018, p. 150). Entre as conclusões mais relevantes do trabalho de Nascimento et al. (2018) está a de que a pauta contrária aos direitos humanos é que mais ajuda a constituir a imagem pública de Bolsonaro, indicando o que eles chamam de “retroalimentação” entre o avanço dessas pautas identitárias e o posicionamento crítico do ex-deputado nos jornais.

2.1 Eleição de 2018: pauta conservadora, redes sociais e rejeição das mulheres

Os efeitos políticos da deposição de Dilma Rousseff repercutiram bastante nos anos seguintes. Na avaliação de Miguel (2019), o golpe de 2016 não foi dado para colocar Bolsonaro no poder, mas essa vitória da extrema direita seria “impensável” sem ele. “Foi ele que promoveu a degradação do debate público, a ampliação da violência seletiva das instituições e o retorno da intimidação aberta como instrumento da luta política” (MIGUEL, 2019, p. 181).

Outro elemento que se somou à fragilidade democrática do país foi o crescimento das igrejas neopentecostais, a presença de pastores na política e a maior relevância da Rede Record, desde a compra da emissora pelo pastor Edir Macedo (PORTO; NEVES; LIMA, 2020). Fonseca (2019) destaca o papel dos evangélicos no apoio a Bolsonaro e na importância da pauta conservadora na campanha daquele ano.

A polarização que se estabeleceu na sociedade brasileira nos últimos anos tem sido significativa e, nesse sentido, os evangélicos desempenharam papel central, posicionando-se, em sua maioria, em apoio a Bolsonaro - tendo sido esse apoio, inclusive, parte da estratégia eleitoral do candidato ao assumir o discurso moral como pauta central. (FONSECA, 2019, p. 110)

Com forte discurso contra o aborto, contra as políticas de combate à homofobia e contra a educação sexual nas escolas, os fundamentalistas da chamada bancada evangélica se caracterizam pela presença de uma “verdade revelada que

anula qualquer possibilidade de debate” (MIGUEL, 2018). Fonseca (2019) também se debruça sobre esse tema. Segundo ele, “além da presença midiática (cada vez mais digital) das religiões”, o autor destaca os discursos que se definem como “‘de direita’ no seio das religiões” como elementos que podemos ajudar a explicar o que chamamos de “bolsonarismo” (FONSECA, 2019, p. 107).

Outro elemento fundamental para a campanha de 2018 foi a construção da imagem de Bolsonaro por meio das redes sociais. Para Mundim, Vasconcellos e Okada (2023), o uso das redes sociais, com destaque para as de mensagens instantâneas, ajudaram na disseminação de informações entre eleitores conservadores e que se posicionavam contra os partidos tradicionais, e que procuravam um representante sem espaço nos meios de comunicação tradicionais antes de 2018.

Assim, o grande número de seguidores que Bolsonaro atraiu nas redes sociais deu-lhe substância política. Isto foi importante para ele lançar a sua candidatura e ser competitivo desde o início da campanha. E, junto com o WhatsApp, foram um instrumento de campanha eficaz para apresentar as suas propostas e propaganda negativa contra os adversários, bem como reduzir ou cancelar os efeitos dos ataques recebidos na disputa eleitoral. (MUNDIM; VASCONCELLOS; OKADA, 2023, p. 20)²⁵

Esses novos elementos e os acontecimentos já citados ajudaram a compor o ano eleitoral de 2018, que começou bastante atípico e turbulento. Em abril, Luiz Inácio Lula da Silva foi preso e teve, ao longo da campanha, a candidatura substituída pela de Fernando Haddad. Em 06 de setembro, Jair Bolsonaro sofreu um atentado a faca em Juiz de Fora-MG²⁶ e direcionou todo o arsenal de sua campanha para as redes sociais, que, aliás, foram decisivas para a disseminação em massa de informações falsas (FERREIRA, 2018).

Para Lopes, Albuquerque e Bezerra (2020), dois fatos marcaram profundamente a eleição de 2018: o impeachment de Dilma Rousseff e os desdobramentos da Lava Jato, “com destaque para a condenação, prisão e

²⁵ Do original: “So, the large number of followers Bolsonaro attracted on social media gave him political substance. This was important for him to launch his candidacy and be competitive from the beginning of the campaign. And, along with WhatsApp, they were also an effective campaign tool to present his proposals and negative propaganda against opponents, as well as reduce or cancel the effects of the attacks received in the electoral dispute”.

²⁶ JAIR Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora. **G1**, 06 set. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>. Acesso em 27 mar. 2023.

impedimento da candidatura de Lula (PT)" (LOPES; ALBUQUERQUE; BEZERRA, 2020, p. 382).

Outra característica importante da eleição de 2018, é que, ao longo do processo eleitoral, Bolsonaro se consolidou principalmente entre evangélicos e homens (NICOLAU, 2020), e sentiu a rejeição das mulheres²⁷.

Esse apoio expressivo do eleitorado masculino provavelmente também deve ter ocorrido nas sete vezes em que Bolsonaro foi eleito deputado federal. Durante a sua vida parlamentar, ele foi sobretudo um representante dos interesses dos militares, corporação predominantemente masculina; e seus temas favoritos (flexibilização dos critérios para a posse de armas, uso de políticas duras no combate ao crime organizado e crítica à política de direitos humanos) têm maior acolhida pelo público masculino (NICOLAU, 2020, p. 47).

As pesquisas Datafolha do primeiro turno mostram a rejeição do eleitorado feminino que variou de 43%, em 22 de agosto²⁸, a 50% em 04 de outubro²⁹, a três dias do primeiro turno da eleição. Mas, apesar das pesquisas, a campanha de Bolsonaro seguiu na linha das declarações polêmicas e discriminatórias. A 20 dias do primeiro turno, em 17 de setembro, o candidato a vice-presidente na chapa de Bolsonaro, Hamilton Mourão, declarou que casa só com mãe e avó é “fábrica de desajustados”³⁰, reforçando a retórica machista de Bolsonaro que, no ano anterior, disse que deu uma “fraquejada” quando teve uma filha³¹.

²⁷ PESQUISA Datafolha de 2 de outubro para presidente: Rejeição por sexo, idade, escolaridade, renda, religião, cor e região. **G1**, 03 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/03/pesquisa-datafolha-de-2-de-outubro-para-presidente-rejeicao-por-sexo-idade-escolaridade-renda-religiao-cor-e-regiao.ghtml>. Acesso em 11 ago. 2021.

²⁸ FLECK, I. Cresce a rejeição das mulheres a Jair Bolsonaro, aponta pesquisa Datafolha. 22 ago. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/cresce-a-rejeicao-das-mulheres-a-jair-bolsonaro-aponta-pesquisa-datafolha.shtml>. Acesso em mar. 2023.

²⁹ PESQUISA Datafolha de 4 de outubro para presidente: rejeição por sexo, idade, escolaridade, renda, religião, cor e região. **G1**, 05 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/05/pesquisa-datafolha-de-4-de-outubro-para-presidente-rejeicao-por-sexo-idade-escolaridade-renda-religiao-cor-e-regiao.ghtml>. Acesso em mar. 2023.

³⁰ GIELOW, I. Casa só com 'mãe e avó' é 'fábrica de desajustados' para tráfico, diz Mourão. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 set. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/casa-com-mae-e-avo-e-fabrica-de-desajustados-para-trafico-diz-mourao.shtml>. Acesso em 21 ago. 2021.

³¹ GREGO, M. Piada de Bolsonaro sobre sua filha gera revolta nas redes sociais. **Exame**, São Paulo, 06 abr. 2017. Disponível em: <https://exame.com/brasil/piada-de-bolsonaro-sobre-sua-filha-gera-revolta-nas-redes-sociais/>. Acesso em 22 ago. 2021.

As mulheres reagiram com movimentos anti-Bolsonaro³², que confluíram para o #EleNão, que reuniu milhões de mulheres em várias cidades do Brasil e do mundo. Segundo Bittencourt (2020), a mobilização das mulheres “fortaleceu-se e organizou manifestações nas ruas contra o candidato, diante das recorrentes declarações machistas e misóginas”. Nicolau (2020) destaca que o movimento, realizado no dia 29 de setembro de 2018, foi criado pelo grupo do Facebook “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro” e ressalta que, pela primeira vez desde a redemocratização, pessoas foram às ruas numa campanha eleitoral para protestar contra um adversário e não em apoio a um candidato. Esse recorte de gênero era, portanto, incomum em outras disputas presidenciais e vale destacar que os governos Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016) tentaram, minimamente, promover políticas afirmativas para as mulheres e contaram com a presença de ministras no primeiro escalão do governo³³.

O processo eleitoral de 2018 terminou com a vitória, no segundo turno, de Bolsonaro com 55,13% dos votos válidos, contra 44,87% de Fernando Haddad. Na avaliação de Mundim, Vasconcellos e Okada (2023), citando Hunter and Power (2019), Bolsonaro foi eleito graças a uma combinação de condições que incluem recessão econômica, corrupção e crime, além de contingências políticas, como a fraqueza dos candidatos rivais, e o uso estratégico das redes sociais, já que tinha pouco tempo no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral. Para os autores, “teria sido praticamente impossível para Bolsonaro ganhar a Presidência sem redes sociais e serviços móveis de mensagens instantâneas para canalizar e amplificar o seu discurso” (MUNDIM; VASCONCELLOS; OKADA, 2023, p. 3)³⁴. Ou seja, Bolsonaro foi eleito, na visão dos autores, pela capacidade de agregar anseios conservadores, por

³² OLIVEIRA, J. Um milhão de mulheres contra Bolsonaro: a rejeição toma forma nas redes. **El País Brasil**. 12 set. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/12/actualidad/1536768048_321164.html. Acesso em mar. 2023.

³³ A Secretaria dos Direitos da Mulher foi criada em 2002, último ano de governo de FHC. Em relação ao número de ministras, de 1995 a 2002, Fernando Henrique nomeou duas. Lula, de 2003 a 2010, nomeou 11, e Dilma Rousseff, de 2011 a 2016, 16. Antes, Fernando Collor teve apenas uma ministra e Itamar Franco, duas. Após a redemocratização, apenas Michel Temer não teve nenhuma mulher no primeiro escalão do governo. Ver mais em: <https://memoria.ebc.com.br/noticias/politica/2016/05/saiba-quem-foram-ministras-do-periodo-democratico-no-brasil>

³⁴ Do original: “It would have been virtually impossible for Bolsonaro to win the presidency without social networks and mobile instant messaging services to channel and amplify his discourse”.

desacreditar a classe política entre os eleitores, e por inovar na sua estratégia de comunicação, ao utilizar massivamente as redes sociais e os serviços de mensagens instantâneas.

Em relação ao papel da grande imprensa nesse processo, Albuquerque (2002) destaca que “nas duas últimas décadas, as grandes organizações jornalísticas atuaram decisivamente para solapar as instituições da democracia representativa”, oferecendo condições favoráveis para o impeachment de Dilma, em 2016, e a prisão de Lula em 2018. Para o autor, a postura da imprensa também contribuiu para a eleição de Jair Bolsonaro, “cujo discurso anti-institucional e autoritário se beneficiou muito do clima de desmoralização das instituições representativas. (...) Uma vez no poder, Bolsonaro voltou baterias contra essa própria imprensa” (ALBUQUERQUE, 2022, p. 215).

Numa análise sobre a campanha de Bolsonaro naquele ano, Lopes, Albuquerque e Bezerra (2020) ressaltam que o candidato se apresentou como o representante da luta anticorrupção e incorporou a narrativa antipetista e antissistema criada com a Lava Jato.

A campanha de Jair Bolsonaro vocalizou diversas insatisfações e mudanças postas pelo eleitorado, se constituindo em um poliedro que reuniu setores: econômicos (empresários, comerciantes, agentes do mercado financeiro, agronegócio); conservadores (líderes religiosos com suas bases; conservadores alinhados ao ideólogo Olavo de Carvalho; profissionais de segurança pública e das Forças Armadas); e antissistema (grupos articulados em torno da luta anticorrupção) O antipetismo foi o elemento que perpassou as percepções eleitorais desses variados setores. (LOPES; ALBUQUERQUE; BEZERRA, 2020, p. 383).

Para Abranches (2019), Bolsonaro foi a primeira candidatura explícita de direita no Brasil e encontrou um cenário internacional favorável, com os ultranacionalistas Ukip no Reino Unido, AfD na Alemanha e a ala de ultradireita do partido Republicano ligada ao presidente Donald Trump.

Embora assumindo o papel de candidatos contra a esquerda, nem Jânio Quadros nem Fernando Collor aderiram de forma tão clara e manifesta a um ideário tipicamente de direita como Bolsonaro. A existência de um polo bem definido e mobilizado à direita pode ter um papel importante no processo de realinhamento partidário e forçar a melhor definição de valores e ideias dos partidos ao longo do espectro ideológico. (ABRANCHES, 2019, p. 17)

Santos e Tanscheit (2019, p. 175) lembram que, naquela eleição, o candidato do PSDB, Geraldo Alckmin, contava com a maior coligação eleitoral, com

dez partidos, e teve quase 50% do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral e R\$ 852,8 milhões de Fundo Partidário. No entanto, a candidatura de Alckmin, “além de não decolar, amargou o quarto lugar na corrida presidencial, o pior resultado eleitoral do PSDB desde 1989” (SANTOS; TANSCHHEIT, 2019, p. 175).

O fim do ciclo PT-PSDB “e a hiperfragmentação das bancadas”, de acordo com Abranches (2019), teriam desorganizado o jogo político-partidário que deu estabilidade democrática e condições para o funcionamento do presidencialismo de coalizão por décadas.

A eleição geral de 2018 foi disruptiva. Encerrou o ciclo político que organizou o presidencialismo de coalizão nos últimos 25 anos e acelerou o processo de realinhamento partidário que já estava em curso, pelo menos desde 2006. Rompeu o eixo político-partidário que organizou governo e oposição nas últimas seis eleições gerais e que era movido pela disputa polarizada entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) pela Presidência da República, enquanto os demais partidos se limitavam a disputar posições no Congresso para garantir assento na coalizão de governo. (ABRANCHES, 2019, p. 11)

Nessa mesma linha, Santos e Tanscheit (2019) ressaltam que, em 2018, a “direita moderada”, que prevaleceu de 1994 a 2018 representada pelo PSDB, foi substituída pela “direita radical”, fenômeno também observado em outras partes do mundo. Segundo os autores, o programa político dessa direita coloca o debate sociocultural no mesmo patamar do debate socioeconômico e tem como característica “a aversão a políticas de correção de desigualdades socioculturais e à proteção constitucional de grupos minoritários, notadamente mulheres, LGBTs e população negra” (SANTOS; TANSCHHEIT, 2019, p. 157). Essa “direita radical” é, em resumo, representada pela orientação econômica neoliberal e pelo “enxugamento do Estado” - que ajudou Paulo Guedes a atrair o apoio do mercado financeiro e do empresariado -, pelas pautas conservadoras com ingerência do Estado nas escolhas privadas dos indivíduos e pela hostilidade ao sistema político.

O programa político apresentado por Bolsonaro representa novidade relevante tanto para a direita quanto para o sistema político brasileiro em seu conjunto. Entre o autoritarismo e o estatismo da “velha” direita e o democratismo e o neoliberalismo da “nova” direita na década de 1990 (Campello de Souza 1992), Bolsonaro e o PSL optaram por conjugar o autoritarismo e o neoliberalismo de forma inovadora e acrescida de agenda de forte conservadorismo comportamental e de cunho religioso. (SANTOS; TANSCHHEIT, 2019, p. 179 e 180:)

Na visão de Rocha e Solano (2021, p. 21), a eleição de Bolsonaro foi fruto da consolidação de uma nova direita brasileira entre os anos de 2006 e 2018, e o surgimento de “um novo fenômeno populista no país a partir de 2014: o bolsonarismo”. González et al. (2021) avaliam que Bolsonaro conseguiu unir os conservadores ideológicos, os religiosos e a agenda neoliberal da elite econômica.

Capitão reformado, Jair Bolsonaro foi o primeiro militar eleito pelo voto popular desde a eleição do general Dutra, em 1945³⁵.

2.2 “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”: Jair Bolsonaro no poder e a consolidação do bolsonarismo

A frase-título deste tópico foi o slogan da campanha vitoriosa de Jair Bolsonaro em 2018. Com uma clara menção ao nacionalismo e à religiosidade do candidato - ou pelo menos à imagem que ele gostaria de transmitir durante a campanha - a mensagem remete ao lema da Brigada de Infantaria Paraquedista do Exército³⁶ (“Brasil acima de tudo”). A frase, por sua vez, também tem uma óbvia semelhança com o verso “Alemanha acima de tudo”, utilizado pelos alemães em cânticos que exaltavam o nazismo nos anos 1930 e 1940. Em matéria assinada por Alexandre Schossler em 23 de outubro de 2018, no site da emissora alemã Deutsche Welle³⁷, o repórter conta que “Deutschland über alles” (A Alemanha acima de tudo) é o primeiro verso da canção nacionalista “Das Lied der Deutschen” (A canção dos alemães), composta em 1841 por August Heinrich Hoffmann e incorporada, décadas depois, pelos nazistas.

Os nazistas cantavam apenas a primeira estrofe da canção (justamente a que inclui o trecho “Alemanha acima de tudo” e as reivindicações territoriais) e em seguida emendavam com os versos do hino do partido nazista. Durante a execução, faziam a saudação nazista. Com isso, a associação do verso Deutschland über alles e de toda a primeira estrofe com o nazismo passou a ser irreversível. (SCHOSSLER, 2018)

³⁵ JAIR Bolsonaro é eleito presidente da República com 55% dos votos. **Rádio Câmara**. 28 out. 2018. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/546933-jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-da-republica-com-55-dos-votos/>

³⁶ MISSÃO, Visão e Valores. **Brigada de Infantaria Paraquedista do Exército Brasileiro**. Disponível em: <http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/missao-visao-e-valores>. Acesso em mar. 2023.

³⁷ SCHOSSLER, A. “Alemanha acima de tudo”, um verso e um passado sombrio. **Deutsche Welle**. 23 out. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/alemanha-acima-de-tudo-um-verso-e-um-passado-sombrio/a-46002358>. Acesso em 15 mar. 2023.

Apesar de polêmica, o Exército Brasileiro não se sentiu impelido a mudar a frase, muito menos Bolsonaro que, assim como o então presidente norte-americano Donald Trump (2017-2021), era o candidato que defendia a posse de armas e assumia abertamente um discurso machista³⁸, racista³⁹ e homofóbico⁴⁰ sob o pretexto de defesa da família e dos valores cristãos. Aliás, vale destacar que o tema do fascismo voltaria algumas vezes a ser ligado a Bolsonaro. Em 2020, no início do segundo ano de governo, houve uma nova menção ao nazismo⁴¹, amplamente divulgada na imprensa⁴²: “Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido”, diz matéria do El País Brasil⁴³. Na ocasião, Roberto Alvim usou trechos do discurso do ministro da Propaganda de Hitler e copiou a estética, a aparência e a trilha sonora - a ópera "*Lohengrin*", de Richard Wagner -, fazendo referências claras ao nazismo⁴⁴.

Para Avritzer (2021), Bolsonaro é o terceiro *outsider* que a direita brasileira levou à Presidência em sessenta anos⁴⁵. Na visão do autor, Bolsonaro chegou à presidência como um líder de um movimento capaz de destruir políticas e políticos (AVRITZER, 2021).

A antipolítica proposta pelo presidente implica três tipos de ações conjugadas: em um primeiro campo, destroem-se estruturas existentes do Estado brasileiro nas áreas de educação, meio ambiente e direitos humanos,

³⁸ SHUCH, M.; GARCIA, L. "Mulheres estão praticamente integradas à sociedade", diz Bolsonaro. **Valor**, 08 mar. 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/03/08/mulheres-esto-praticamente-integradas-sociedade-diz-bolsonaro.ghtml>

³⁹ Veja falas preconceituosas de Bolsonaro e o que diz a lei sobre injúria e racismo. **Folha de S. Paulo**. 26 jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/veja-falas-preconceituosas-de-bolsonaro-e-o-que-diz-a-lei-sobre-injuria-e-racismo.shtml>

⁴⁰ BOSCO, N. Bolsonaro faz ataque homofóbico e diz que linguagem neutra 'estimula a molecada a se interessar por essa coisa'. **O Globo**. 07 dez. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-faz-ataque-homofobico-diz-que-linguagem-neutra-estimula-molecada-se-interessar-por-essa-coisa-25309138>

⁴¹ BARBIÉRI, L. F. Bolsonaro exonera secretário da Cultura, que fez discurso com frases semelhantes às de ministro de Hitler. **G1**. 17 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/17/bolsonaro-exonera-secretario-da-cultura-que-fez-discurso-com-frases-semelhantes-as-de-ministro-de-hitler.ghtml>. Acesso em 20 mar. 2023.

⁴² FERNANDES, T. Secretário de Bolsonaro é exonerado após discurso que copia ministro de Hitler. **Folha de S. Paulo**. 17 jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/01/secretario-de-bolsonaro-e-exonerado-apos-pronunciamento-semelhante-a-de-ministro-de-hitler.shtml>. Acesso em 20 mar. 2023.

⁴³ ALESSI, G. Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido. **El País Brasil**. 17 jan. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-17/secretario-da-cultura-de-bolsonaro-imita-discurso-de-nazista-goebbels-e-revolta-presidentes-da-camara-e-do-stf.html>. Acesso em: 20 mar. 2023.

⁴⁴ EM vídeo, Alvim copia Goebbels e provoca onda de repúdio nas redes sociais. **Folha de S. Paulo**. 17 jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/01/em-video-alvim-cita-goebbels-e-provoca-onda-de-repudio-nas-redes-sociais.shtml>. Acesso em 29 mar. 2023.

⁴⁵ Segundo o autor, os outros dois são Jânio Quadros e Fernando Collor.

sob o argumento de que elas incentivam uma política progressista de esquerda; em um segundo âmbito, desmantela-se a política pública de saúde durante a pandemia, que, se exitosa, corria o risco de reabilitar a política e um centro político; e, em uma terceira linha, intimidam-se os demais poderes de modo que a antipolítica não seja interrompida por decisões legislativas ou judiciais quando buscam impor limites à política de destruição (AVRITZER, 2021, p. 16).

Já De Oliveira e Maia (2020) destacam que Bolsonaro tem como estratégia “instigar a lógica de aversões e antagonismos já instalados entre a população brasileira, entre elas, o ódio existente em relação ao politicamente correto”. Para González et al. (2021), a vitória de Bolsonaro e da extrema direita foram fruto da cultura política do Brasil, uma vez que conservadorismo e autoritarismo são características constantes no país. O que há de novo, segundo eles, “é a incorporação da agenda identitária, de gênero, étnica e de sexualidade pelos partidos de esquerda no Brasil” (GONZÁLEZ et al., 2021, p. 37).

O comportamento racista e misógino do Presidente e muitas de suas propostas, contra direitos das mulheres, dos afrodescendentes e do público LGBT, assim como a defesa da intervenção dos militares na política, não só encontra apoio nos valores e atitudes da população, mas tem raízes em uma tradição antiga. (GONZÁLEZ et al., 2021, p. 40)

Ao contrário dos países europeus e dos Estados Unidos, Marques (2023) considera que o populismo de extrema direita na América Latina não se caracteriza pela xenofobia, mas principalmente pela agenda conservadora “baseada na crítica ao aborto e à liberdade sexual - o chamado ‘populismo cultural’ (McGuigan 2002)”⁴⁶.

De acordo com Alonso (2019), Bolsonaro é o grande líder da chamada “comunidade moral bolsonarista”, que trava uma “guerra cultural” nas redes sociais, para deslegitimar minorias, defender o golpe de 1964 e a tortura e associar a corrupção “aos petralhas”. Para ela, Bolsonaro se apresentou como um homem comum, “membro dessa comunidade moral que abarca milhões de brasileiros e muitos se sentiram representados, como num espelho de aumento” (ALONSO, 2019, p. 53). Esse líder teria convertido adversários políticos em “inimigos da pátria”, o que os torna “abatíveis”. “O sentido se corporifica no gesto-síntese de candidato e seguidores, que simulam empunhar uma arma” (ALONSO, 2019, p. 55). A

⁴⁶ Do original: “Specifically in the Brazilian context, recent years have witnessed the strengthening of a conservative and supposedly moralizing agenda (Hunter and Power 2019; Lugo-Ocando 2020) based on criticism of abortion and sexual freedom—the so-called “cultural populism” (McGuigan 2002).” (MARQUES, 2023, p. 3)

“comunidade”, segundo a autora, é caracterizada pela crença em códigos binários, que divide o mundo em dois: bem e mal, sagrado e profano, cidadãos de bem e bandidos, nacionalistas e globalistas, por exemplo (ALONSO, 2019).

Essas clivagens simbólicas simplificam a realidade, reduzindo sua complexidade a estereótipos administráveis, e ativam sentimentos coletivos de alta voltagem - o afeto, o medo, o ódio. Seu manejo reforça o senso de pertencimento a uma comunidade de semelhantes e estigmatiza os diferentes. A violência - física, simbólica ou política - protege o grupo, que se sente ameaçado desde o início dos governos petistas. (ALONSO, 2019, p. 52)

Um dos pilares da “comunidade moral bolsonarista” é, para a autora, a hierarquia de gênero, que coloca a masculinidade num lugar de superioridade e de mando. “O corpo atlético, militarizado, comparece polissêmico: signo de boa saúde (a salvo das drogas), capacidade reprodutiva (preservada pela heterossexualidade) e disposição para o combate (o físico em detrimento do intelectual). (ALONSO, 2019, p. 58). O complemento “natural” é a subordinação feminina, como o de princesa, mas desde que ela não se desvie do caminho do matrimônio e da obediência ao marido. Ela lembra que nesse local permitido estão manifestações como “Mulheres com Bolsonaro” e o #EleSim, em contraponto ao #EleNão.

Miguel (2019, p. 180) diz que, no período em que Bolsonaro esteve no poder, “o retrocesso brasileiro se viu constrangido a se expor em toda sua nudez: antidemocrático, hierárquico, misógino, racista, homofóbico, anti-intelectualista, violento”.

Já Setzler (2021) vai em outra direção ao se debruçar sobre a relação de afinidade entre Bolsonaro e seus eleitores, considerando os dados que mostram que, no caso de Trump, as pautas autoritárias e de caráter preconceituoso foram decisivas para o resultado eleitoral dos Estados Unidos em 2016. A ideia do autor era analisar se o mesmo fenômeno teria se repetido no Brasil, ou seja, se esses temas teriam sido fundamentais para a vitória de Bolsonaro. Setzler (2021) chegou à conclusão de que afinidades ideológicas e partidárias, como o antipetismo, foram mais importantes para o resultado eleitoral de 2018 do que a pauta antidemocrática e contra minorias, apoiada por uma parcela menor dos eleitores do ex-presidente.

Russo, Pimentel Junior e Avelino (2022) também questionam essa ideia de que a população brasileira teria “virado à direita”. Eles argumentam que uma das razões para explicar o aumento no posicionamento ideológico do eleitor como de direita pode ser atribuído ao processo de tomada de decisão do voto e não

necessariamente ao aumento do eleitorado conservador. Eles também alertam para a dificuldade dos eleitores da América Latina, incluindo o Brasil, em se posicionarem na escala esquerda-direita.

Nesse sentido, parece mais correto dizer que esse crescimento da direita também se deve, em boa medida, à ascensão do bolsonarismo. Ou seja, uma parte dos eleitores não se tornou de direita e passou a votar em Bolsonaro, mas sim passou a ser de direita porque apoiou Bolsonaro, invertendo-se assim a lógica de causalidade. (RUSSO; PIMENTEL JUNIOR; AVELINO, 2022, p. 610)

Os autores também afirmam que o efeito contrário também foi percebido, isto é, “parte do eleitorado que avalia o presidente de forma negativa tende a se mover no sentido contrário ao do presidente, quando informada sobre a posição dele, em um processo que aumenta a polarização” (RUSSO et al., 2022, p. 610). Em resumo, os autores sustentam que o eleitor brasileiro não está mais à direita, mas que houve “uma formação de grupos sustentados pela predisposição positiva a um líder carismático”: Bolsonaro.

Na perspectiva de Alonso (2019), boa parte dos eleitores podem não concordar com declarações e atos do líder, mas compartilham profundos valores culturais com ele.

A maioria dos eleitores de Bolsonaro talvez não endosse suas crenças, ao menos em voz alta. Mas fatia gorda partilha os valores de sua comunidade moral. Não são insanos, ignorantes ou sem “consciência” de seus reais interesses. São os que, como o eleito, veem o patriotismo como um enraizamento, a família tradicional como coluna mestra da vida e a violência como autodefesa. Creem no mérito individual, no trabalho duro e em Deus. Têm nas igrejas seus sustentáculos moral, afetivo, financeiro, e no evangelho sua lente para ler a realidade. (ALONSO, 2019, p. 68)

Essa liderança ficou evidente durante a pandemia da Covid-19, quando o Brasil - e um grande coro de negacionistas - entrou numa batalha institucional contra a Organização Mundial da Saúde (OMS) e contra as vacinas, com protagonismo do próprio presidente, que se manifestou publicamente chamando a doença de “gripezinha” e dizendo que não era coveiro, quando foi perguntado sobre as mortes⁴⁷.

O discurso negacionista do presidente se capilarizou nas redes sociais, com Bolsonaro e sua equipe (cuja característica mais gritante é ter à frente os próprios filhos como apoiadores e divulgadores) repetindo a estratégia de utilizar as mídias digitais para criticar o isolamento social, apontado por eles

⁴⁷ GOMES, P. H. 'Não sou coveiro, tá?', diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus. **G1**. 20 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>. Acesso em 29 mar. 2023.

como elemento danoso à economia. O resultado foi a cisão ou radicalização da sociedade, com grupos claramente definidos a favor e contra as medidas sanitárias (TUZZO; TEMER, 2021, p. 63).

Além da área da saúde, Miguel (2019) ressalta que houve, durante os quatro anos de governo Bolsonaro, um “refluxo” de políticas de enfrentamento a desigualdades históricas, como de gênero, raça, sexualidade e classe, e, para ele, essa “desproteção social” atingiu bastante as mulheres, tema que trataremos no próximo tópico.

2.2.1 Bolsonaro e a guerra anti-gênero da extrema direita

As discussões sobre gênero atravessam a trajetória de Jair Bolsonaro, em seus quase 30 anos como deputado federal e nos quatro em que foi presidente da República. Durante o governo, por exemplo, disse, em uma live, que tinha dúvidas sobre sancionar ou vetar o projeto que punia empresas em caso de discriminação salarial porque poderia tornar o emprego para as mulheres “quase impossível”⁴⁸. Já no caso da distribuição gratuita de absorventes para mulheres de baixa renda não houve dúvidas e o ex-presidente vetou⁴⁹ o projeto em outubro de 2021. No mês seguinte, em conversa com apoiadores, questionou se as mulheres teriam começado a menstruar no governo dele⁵⁰. Em 08 de março de 2022, Dia Internacional da Mulher do ano eleitoral em que concorreu à reeleição, Bolsonaro voltou atrás e anunciou a distribuição de absorventes⁵¹.

Como já vimos neste capítulo, a pauta de gênero também foi utilizada por Bolsonaro antes da eleição de 2018 e em toda a sua vida como parlamentar. Para Guazina, Leite e Santos (2021, p. 44), “a obsessão de Bolsonaro” pela temática de

⁴⁸ Bolsonaro diz que multa para discriminação salarial pode tornar emprego para mulheres 'quase impossível'. **Folha de S. Paulo**. 22 abr. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/04/bolsonaro-diz-que-multa-para-discriminacao-salarial-pode-tornar-emprego-para-mulheres-quase-impossivel.shtml?origin=folha>. Acesso em 11 abr. 2023.

⁴⁹ Bolsonaro veta distribuição gratuita de absorvente a mulheres de baixa renda. **Folha de S. Paulo**. 7 out. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/10/bolsonaro-veta-distribuicao-gratuita-de-absorvente-a-mulheres-de-baixa-renda.shtml>. Acesso em 11 abr. 2023.

⁵⁰ 'Mulher começou a menstruar no meu governo?', diz Bolsonaro sobre projeto de pobreza menstrual. **UOL**. 25 nov. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/videos/2021/11/25/mulher-comecou-a-menstruar-no-meu-governo-diz-bolsonaro-sobre-projeto-de-pobreza-menstrual.htm>. Acesso em 11 abr. 2023.

⁵¹ Após veto, Bolsonaro recua e anuncia distribuição gratuita de absorventes. **G1**. 08 mar. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/03/08/apos-veto-bolsonaro-recua-e-anuncia-distribuicao-gratuita-de-absorventes.ghtml>. Acesso em 11 abr. 2023.

gênero se explica, de acordo com argumentos utilizados pelo próprio político, “pela necessidade de ‘preservar’ a sociedade brasileira da ‘influência’ de homoafetivos. As mulheres, de acordo com o seu pensamento, também deveriam priorizar o ‘lar’ e a família”. Além disso, segundo as autoras (2021, p. 44), o amplo debate sobre igualdade de gênero no Brasil “foi sistematicamente combatido e rotulado por Bolsonaro e seus seguidores como ‘ideologia de gênero’”. Esse termo, tão utilizado no Brasil nos últimos anos, de acordo com Biroli (2020), começou a ser difundido nos anos 1990 e adotado por um documento da Igreja Católica em 1998.

Na segunda década deste século, a ‘ideologia de gênero’ se tornaria um slogan difundido em protestos de rua, campanhas eleitorais e consultas populares. Políticos de extrema direita têm mencionado essa expressão em pronunciamentos oficiais e ela tem sido incorporada à agenda governamental de países tão distintos quanto Brasil, Paraguai, Hungria e Polônia” (BIROLI, 2020, p. 154).

Na visão da autora, o termo “ideologia de gênero” tem funcionado, na América Latina, como oportunidade político-eleitoral e para dar mais visibilidade às “perspectivas moralistas unitárias” no debate público (BIROLI, 2020, p. 154). No Brasil de Bolsonaro, temos o uso simbólico do termo em seu programa eleitoral em 2018 e na posse em 2019, quando disse que pretendia “libertar o país da ‘ideologia de gênero’” (BIROLI, 2020).

Melo (2020, p. 4) também destaca o que ela chama de “cruzada transnacional contra a ‘ideologia de gênero’” que, nas duas primeiras décadas deste século, ganhou força em países da Europa e da América Latina questionando e distorcendo a “cientificidade do conceito de gênero”. No Brasil, a autora ressalta que a “ideologia de gênero” foi incorporada por parlamentares evangélicos no Congresso Nacional e por outros grupos políticos que, em 2014, se uniram para banir a perspectiva de gênero durante o processo de aprovação do Plano Nacional de Educação. A batalha, ela lembra, alcançou os estados, com a exclusão, nos planos de educação, “de expressões como gênero, sexualidade, orientação sexual e diversidade sexual” (MELO, 2020, p. 5). Em relação a Bolsonaro, a autora também lembra que o ex-presidente assumiu, em 2018, “enfática e estrategicamente a cruzada contra o gênero, angariando, assim, o decisivo apoio do eleitorado evangélico (e, também, de parte do eleitorado católico)” (MELO, 2020, p. 6). González et al. (2021, p. 37) afirmam que “sob a influência dos EUA e com a participação de Steve Bannon”,

Bolsonaro incluiu a crítica à “ideologia de gênero” como uma prioridade de sua agenda política.

E essa “maré conservadora” do Brasil, segundo Schwarcz (2019), ganhou força após a nomeação da pastora Damares Alves para o recém-criado Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos⁵². A ministra, que assumiu a pauta contra o aborto⁵³, afirmou, nos primeiros dias de governo, que “menina será princesa e menino será príncipe” e que “menino veste azul e menina veste rosa” nessa “nova era” do Brasil⁵⁴.

Para Aguiar e Pereira (2019), essa luta antigênero de Bolsonaro traz uma visão estereotipada do feminismo e das feministas e a inversão de causas. Ou seja, “ao invés de vincular os problemas sociais à ideologia patriarcal, atribuir os problemas vivenciados pelas mulheres ao feminismo” (AGUIAR; PEREIRA, 2019, p. 19), o que deixa evidente uma estratégia do backlash (FALUDI, 2001),

Guazina, Leite e Santos (2021) destacam que essa agenda antigênero tem sido incorporada por líderes populistas de direita em diferentes países. Esses líderes, destacam as autoras (2021) citando Kareithi (2014), usam uma linguagem hegemônica masculina, que é representada pela “família patriarcal, agressividade, força física e gestos ou declarações de cunho autoritário”.

Dietze e Roth (2020) chamam a atenção exatamente para o papel crucial que as agendas anti-gênero e anti-diversidade étnico-racial desempenharam na emergência contemporânea de novos líderes populistas de direita no mundo ao ser utilizada como ferramenta retórica de construção de coalizões entre novos e velhos grupos políticos conservadores, reacionários ou extremistas (GUAZINA, LEITE e SANTOS, 2021, p. 45).

Biroli (2020) também destaca que essa reação à pauta de gênero é uma característica comum em várias partes do mundo e cita, além de Bolsonaro, Donald Trump, nos Estados Unidos, Viktor Orbán, na Hungria, e Rodrigo Duterte, nas Filipinas. “Se observarmos partidos e movimentos de extrema direita, a lista é bem

⁵² KRUSE, T.; LINDNER, J.; MARINI, L. Damares Alves é confirmada no Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos. **O Estado de S. Paulo**. 06 dez. 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-anuncia-damares-alves-no-ministerio-da-mulher-familia-e-direitos-humanos,70002635867>. Acesso em 22 ago. 2021.

⁵³ VILA-NOVA, C. Ministra Damares Alves agiu para impedir aborto em criança de 10 anos. **Folha de S. Paulo**, 20 set. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/09/ministra-damares-alves-agiu-para-impedir-aborto-de-crianca-de-10-anos.shtml>. Acesso em 22 ago. 2021.

⁵⁴ CERIONI, C. Menino veste azul e menina veste rosa, diz Damares em vídeo. **Exame**, São Paulo, 03 jan. 2019. Disponível em: <https://exame.com/brasil/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damares-em-video/>. Acesso em 23 ago. 2021.

mais ampla, incluindo o Vox, da Espanha, e a Lega Nord, na Itália, entre outros” (Biroli, 2020, p. 137).

Já Melo (2020), Biroli (2020) e Miguel (2021) consideram que essa guerra antigênero faz parte da reação à agenda da igualdade de gênero e aos avanços conquistados.

A construção do feminismo como ameaça a toda a sociedade, pelos neoconservadores, indica que sua reação não é apenas aos avanços já codificados no âmbito legal e político-institucional, mas também aos feminismos, assim como aos movimentos LGBTQI, enquanto atores políticos. Seu potencial é visto como risco de perda de poder por aqueles cujas posições são resguardadas pelo status quo patriarcal. (BIROLI, 2020, p. 173)

Biroli (2020) também levanta uma questão importante sobre como essas campanhas contra o gênero colaboram para a erosão das democracias. Segundo a autora, isso acontece “na medida em que comprometem valores e requisitos institucionais fundamentais como pluralidade, laicidade, proteção a minorias, direito à livre expressão e oposição” (BIROLI, 2020, p. 137). Além disso, ela afirma que essas campanhas têm servido para legitimar lideranças autoritárias em tempos de antipolítica e a “defesa da família” tem justificado restrições a direitos, naturalizado desigualdades e ameaçando políticas que visam garantir a integridade física de mulheres e pessoas LGBTQIA+. Retomaremos essa discussão sobre democracia e gênero, incluindo o papel do jornalismo, no próximo capítulo.

3 JORNALISMO, GÊNERO E DEMOCRACIA

3.1 Ataques à imprensa e às mulheres jornalistas

"Quadrúpede". "Cala a boca". "Não podem contratar qualquer uma para ser jornalista e perguntar besteira". "Tô apaixonado por você". "Você é casada com uma pessoa que vota em mim". Essas foram algumas das agressões de Bolsonaro às mulheres jornalistas⁵⁵ durante o exercício do mandato de presidente da República. Em 2020, especialmente, temos uma escalada desses ataques. Em um deles, o presidente afirmou que a jornalista Patrícia Campos Mello, do jornal Folha de S.Paulo, "queria dar o furo a qualquer preço", o que lhe rendeu uma denúncia à Organização das Nações Unidas⁵⁶. A mensagem, repetida pelo deputado Eduardo Bolsonaro, filho do ex-presidente, se referia à declaração de um ex-funcionário de uma agência de disparos em massa por WhatsApp que afirmou que a jornalista teria tentado "se insinuar' sexualmente para ele em busca de informações"⁵⁷.

Os ataques de Bolsonaro foram inúmeros mas não são propriamente uma novidade para essas profissionais. Sarmiento (2018), em seus "Estudos feministas de mídia e política", sinaliza que as mulheres jornalistas precisam lidar com assédios verbais e com questionamentos a todo o momento sobre a rotina com a família e os filhos, principalmente quando ocupam o alto escalão ou cargos em editorias de "assuntos considerados como do 'universo masculino', como política, economia e esportes" (SARMENTO, 2018, p. 185).

No caso dos países em que líderes da extrema direita chegaram ao poder, há um outro elemento comum além da própria questão de gênero: a descredibilização da imprensa e dos jornalistas. No Brasil de Jair Bolsonaro essa foi a tendência, assim como nos Estados Unidos de Donald Trump, que foi marcado pela relação hostil do governo com a imprensa, pelo uso de redes sociais, principalmente o *Twitter*, e pela ideia da comunicação direta (YESTE; FRANCH, 2018). González et al. (2021), entre

⁵⁵ 9 ATAQUES de Bolsonaro a jornalistas — e quais os temas que levaram presidente a perder a linha. **BBC News Brasil**, 05 mai. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52553647>. Acesso em mar. 2023.

⁵⁶ BOLSONARO é denunciado na ONU por ataques contra mulheres jornalistas. **Fenaj**, 07 jul. 2020. Disponível em: <https://fenaj.org.br/bolsonaro-e-denunciado-na-onu-por-ataques-contras-mulheres-jornalistas/>. Acesso em: 25 ago. 2021.

⁵⁷ SCHREIBER, M. Ataque de Bolsonaro a repórter é 'tentativa de calar mulheres e prejudicar imprensa', diz organização internacional. **BBC News Brasil**, Brasília, 18 fev. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51551610>. Acesso em 22 ago. 2021.

outras características do governo Bolsonaro, aponta essa relação violenta com a imprensa.

Uma vez eleito, o Governo Bolsonaro manteve discursos e ações que seguem apelando a essa identidade conservadora e autoritária. As manifestações incluem não só o presidente, com ataques dirigidos particularmente à imprensa, como também seus ministros. A ministra da Família, em uma reunião, comemorou o fato de que, a partir do novo governo, se retornaria à definição de que meninos usam azul e meninas usam rosa, além de propor a abstinência sexual como contraceptivo para os jovens. O ministro da Educação denunciou a existência do “marxismo cultural” e da “doutrinação” nas Universidades. O ministro das Relações Exteriores usou frequentemente linguagem anticomunista. (GONZÁLEZ et al., 2021, p. 38)

Um dos episódios contra a imprensa aconteceu em março de 2020, quando Bolsonaro falaria com jornalistas sobre o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) e cedeu a fala para o humorista Márvio Lucio, o Carioca, que distribuiu bananas para os profissionais de imprensa (ALBUQUERQUE, 2022). “Muitos deles, revoltados, deram as costas e se retiraram do evento. Tão ultrajante quanto tenha sido, o episódio não foge a um padrão mais abrangente de ataques sistemáticos à imprensa e aos jornalistas por parte do governo” (ALBUQUERQUE, 2022, p. 17).

Dados do Relatório da Violência Contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil – 2022, lançado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj)⁵⁸, em janeiro de 2023, mostram que o número de ataques a jornalistas e a veículos de imprensa em 2022 chegou a 376, e o ex-presidente Jair Bolsonaro foi o principal agressor, sendo responsável por 104 casos (27,66% do total). “A descredibilização da imprensa, que foi uma estratégia adotada pelo governo Bolsonaro, voltou a ser a violência mais frequente, em 2022”, com 87 casos de ataques que tentaram desqualificar a informação jornalística. Segundo a Fenaj, em 2022, Jair Bolsonaro, que era candidato à reeleição, reduziu os ataques à liberdade de imprensa: foram 43 casos a menos que em 2021 (147). Mas, de 2019 a 2022, Bolsonaro foi o principal agressor, de acordo com a Fenaj, com 570 ataques a veículos de comunicação e aos jornalistas, numa média de 142,5 agressões por ano; um ataque a cada dois dias e meio (FENAJ, 2023).

⁵⁸ Ataques diretos a jornalistas aumentaram em 2022, aponta Relatório da FENAJ. 30 jan. 2023. Disponível em: <https://fenaj.org.br/ataques-diretos-a-jornalistas-aumentaram-em-2022-aponta-relatorio-da-fenaj/>

De acordo com a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), os ataques à imprensa eram um método do governo Bolsonaro⁵⁹. “A hostilidade propagada por essa rede, que chamamos de ‘sistema Bolsonaro’, tem sérias consequências, porque encoraja apoiadores do governo a fazer o mesmo, multiplicando as engrenagens desse sistema”, afirmou, em 2020, o diretor regional da Repórteres Sem Fronteiras (RSF) para a América Latina, Emmanuel Colombié. A instituição publicou o relatório *Violência de Gênero contra Jornalistas*, realizado em 2021, que traz um panorama da violência contra mulheres jornalistas e ataques de gênero a comunicadoras(es) no Brasil naquele ano. De acordo com o relatório, 127 jornalistas e meios de comunicação foram alvos de violência de gênero, sendo que mulheres jornalistas representam 91,3% das vítimas. Os principais agressores identificáveis foram homens, correspondendo a 95% dos abusos dentro e fora da internet.

Amorim (2021, p. 467) afirma que a relação com a imprensa foi tensa desde a campanha de 2018, “com um discurso hostil à liberdade de expressão e de imprensa”. Apesar disso, a autora destaca que a mídia, “embora crítica, é mais condescendente com o governo Bolsonaro, numa perspectiva comparada, do que com a esquerda (FERES JR., 2020)” e que o ex-presidente promoveu movimentos de deslegitimação e desqualificação do trabalho da imprensa, acusando jornalistas e empresas de perseguição, além de promover o desmonte da comunicação pública.

Na visão de Veiga (2021), Bolsonaro apostou na polarização da opinião pública e, para isso, depreciava adversários, estimulava a desinformação e deslegitimava partidos, instituições, jornalistas e a imprensa. Para Guazina, Leite e Santos (2021), agressões, ataques e o acirramento de conflitos, típicos de Bolsonaro e de representantes de seu governo, “chamam a atenção da mídia, pavimentando o caminho para a veiculação de discursos extremistas” (GUAZINA; LEITE; SANTOS; 2021, p. 45). Assim como Nascimento et al (2018), as autoras destacam que o discurso de líderes populistas como Bolsonaro atrai a atenção da mídia *mainstream* ao priorizar a ruptura da normalidade, com as declarações politicamente incorretas.

No caso brasileiro, como mostram Mitozo et al. (2019), a incorporação de temas da agenda moral de Bolsonaro tem se dado, muitas vezes, a partir das publicações do atual presidente nas mídias sociais. Ao analisarem a

⁵⁹ Ataque à imprensa é método no governo Bolsonaro, diz RSF. **Abraji**. 14, jul. 2020. Acesso em mar. 2023. Disponível em: <https://www.abraji.org.br/noticias/ataque-a-imprensa-e-metodo-no-governo-bolsonaro-diz-rsf>

incorporação de tweets na cobertura política dos jornais brasileiros de referências, as autoras apontam que o *Twitter* tem desempenhado um papel central para políticos e cidadãos se comunicarem e tem dado abrigo a discursos de líderes populistas que se tornam atrativos para a mídia por preencherem critérios de noticiabilidade, atendendo às buscas por escândalos e polêmicas” (GUAZINA; LEITE; SANTOS, 2021, p. 45)

Para Amorim (2021, p. 472), Bolsonaro usava o argumento da perseguição e a produção de fake news para desqualificar o trabalho da imprensa e anular a crítica.

Fontes e Marques (2022, p. 6) destacam que Bolsonaro utiliza as redes sociais para atingir jornalistas e veículos de comunicação e que essa postura antagônica em relação à imprensa tem um papel fundamental para arregimentar apoiadores para que ajam da mesma forma e acusem a mídia tradicional de sabotar seu líder político. Marques (2023) reforça que essa postura de ataque ao jornalismo e aos jornalistas faz parte do perfil dos populistas, tanto de esquerda como de direita.

3.2 A relação entre democracia, jornalismo e a função de cão de guarda

Após tratar da descredibilização da imprensa como um método da extrema direita no Brasil e no mundo, neste tópico vamos nos debruçar sobre a relação entre jornalismo e democracia e de que forma um impacta o outro. No Brasil, essa discussão ficou ainda mais relevante principalmente após o controverso processo de impeachment de Dilma Rousseff e a chegada de Jair Bolsonaro à Presidência. Mendonça (2021) considera que, sob qualquer perspectiva teórica para definir a democracia, “é inegável como a política brasileira tem enfrentado processos de instabilidade e desdemocratização ao menos desde 2014, agravando-se no pós-2019” (MENDONÇA, 2021, p. 375). E entre os valores democráticos, Mendonça (2021) cita a liberdade e o debate público, que garante direito ao contraditório e à participação, pactos não respeitados por Bolsonaro. “Paralelamente às inverdades, nota-se a estratégia permanente de realizar declarações bombásticas que operam como ‘cortinas de fumaça’”, retirando pautas importantes da agenda midiática (MENDONÇA, 2021, p. 388). Entre essas declarações, ele destaca quando Bolsonaro

insinuou que a esposa do presidente francês era feia⁶⁰ ou quando perguntou o que era “*golden shower*”⁶¹.

Nesse contexto, a esfera pública e o valor democrático da discussão veem-se suprimidos não pela invisibilidade ou exclusão da fala, mas pela saturação de desinformação, ataques, ameaças e discursos que levam à incredulidade das próprias fontes de informação e conhecimento. Na cacofonia de opiniões tidas como equivalentes, ganha quem produz mais barulho público. Perde a democracia. (MENDONÇA, 2021, p. 389)

Schmitz (2018), ao citar Waisbord, afirma que o jornalismo estimula o debate e a diversidade de opinião, o que “possibilita que os cidadãos examinem os governos e outros atores poderosos, identificando as demandas públicas e as suas políticas”. Mas o autor também alerta para os limites desse papel, já que as empresas de comunicação têm relações com governos e grandes corporações e podem invisibilizar pautas e temas. Nesse sentido, Maia (2006) acrescenta que “os media não são meros canais neutros para outras fontes, mas, sim, organizações que controlam o acesso dos atores sociais aos seus canais e regulam os fluxos de comunicação” (MAIA, 2006, p. 7).

Maia (2006) também lembra que o jornalismo tem a função de fiscalizar, dar visibilidade e promover uma espécie de prestação de contas do Estado com a sociedade, a chamada *accountability*.

A questão da *accountability* é fundamental para a qualificação da democracia moderna. Ela acarreta para os representantes políticos, na organização de seus poderes e obrigações, o dever de responder aos cidadãos, de replicar às críticas a eles endereçadas e de aceitar (alguma) responsabilidade sobre suas falhas, incompetência ou desonestidade. O jornalismo tem sido tratado, desde Edmund Burke, Jeremy Bentham e James Mill, como um dos atores clássicos capazes de promover controle na partilha de poder, através de mecanismos de *checks and balances*, mantendo o governo *accountable* na ordem democrática. (MAIA, 2006, p. 2)

Miguel (2019) ressalta que o jornalismo seria o principal mecanismo para permitir a *accountability* do sistema político, mas, para ele, essa narrativa é “mítica”,

⁶⁰ APÓS comentário de Bolsonaro sobre primeira-dama francesa, Macron diz esperar que brasileiros 'tenham presidente que se comporte à altura'. **G1**. 26 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/08/26/apos-comentario-de-bolsonaro-sobre-primeira-dama-francesa-macron-diz-esperar-que-brasileiros-tenham-presidente-que-se-comporte-a-altura.ghtml>. Acesso em 29 mar. 2023.

⁶¹ FERNANDES, T. 'O que é golden shower', pergunta Bolsonaro após publicar vídeo polêmico. **Folha de S. Paulo**. 06 mar. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/o-que-e-golden-shower-pergunta-bolsonaro-apos-publicar-video-polemico.shtml>. Acesso em: 29 mar. 2023.

considerando que, ao definir o que vai e o que não vai virar notícia, “o jornalismo aplica critérios de seleção e de hierarquização que estão longe de ser objetivos. Mas esses critérios passam a transitar socialmente como universais exatamente porque ganham a visibilidade concedida pela mídia” (MIGUEL, 2019, p. 121).

Como prática social, o jornalismo se constituiu em torno de um conjunto de valores que sustentam sua pretensão de expor o mundo “tal qual ele é” a seu público. Os ideais clássicos de imparcialidade, neutralidade e objetividade podem ter sido desafiados por percepções mais complexas dos processos de produção das notícias, mas continuam ocupando posição central na autoimagem dos jornalistas, na constituição dos esquemas de atribuição de valor a seu trabalho, na defesa desse trabalho diante das pressões internas e externas ao campo jornalístico, na construção de um referencial ético compartilhado pelos próprios jornalistas - e também na sua legitimidade diante dos consumidores de informação. (BIROLI; MIGUEL, 2017)

Um outro valor fundamental para o jornalismo e que dialoga diretamente com o conceito de democracia é o pluralismo, ou seja, quem está e quem não está representado.

E, para avançar nesse binômio jornalismo-democracia, devemos entrar nos estudos sobre jornalismo cão de guarda (*watchdog*). De acordo com Schmitz (2018), o termo “cão de guarda” foi usado pela primeira vez em 1904 nos Estados Unidos e refere-se, como o próprio nome sugere, a um papel de defesa da democracia, monitorando e exigindo respostas de autoridades e instituições. Hellmueller et al. (2016) fazem um breve histórico sobre jornalismo cão de guarda e explicam que, nos anos 1960, com o contexto da Guerra do Vietnã e dos movimentos pelos direitos civis nos Estados Unidos, o termo passou a incluir reportagens aprofundadas e investigativas (Hellmueller et al, 2016, p. 1079). Em seguida, com o escândalo de *Watergate*, o conceito ganhou ainda mais força. “Marder (1998) explica que o modelo de cão de guarda não pode consistir em exposições ocasionais em profundidade, mas que exige que os jornalistas façam perguntas duras às elites/líderes governamentais que o público em geral não pode” (Hellmueller et al, 2016, p. 1079)⁶².

Schmitz (2018) diz que o modelo cão de guarda refere-se ao desempenho do papel dos jornalistas nos questionamentos, críticas, denúncias, investigações em coberturas de processos judiciais ou administrativos e das atividades dos poderes do Estado, das organizações e seus agentes, tornando visíveis os fatos, com o propósito

⁶² Do original: “Marder (1998) explains that the watchdog model cannot consist of occasional in-depth exposés, but that it requires journalists to ask elites/government leaders hard-hitting questions that the general public cannot”.

de defender o interesse público. “Não se trata da posição política do jornalista, mas da sua capacidade de questionar, criticar e denunciar” (SCHMITZ, 2018, p. 3).

Maia (2006) considera que, mesmo quando a divulgação dos atos não geram investigação e punição, por exemplo, a imprensa tem a função de pautar a discussão e contribuir com o debate público sobre determinado tema. Marquez-Ramírez et al. (2020) também reforçam o papel do jornalismo cão de guarda para o funcionamento das democracias, já que atua fiscalizando “os poderes estabelecidos e no escrutínio do comportamento das elites” (MARQUEZ-RAMÍREZ et al., 2020, p. 54).

Um elemento importante que define a dimensão do cão de guarda é a função de escrutínio do comportamento oficial. Isto pode aplicar-se, por exemplo, a casos de corrupção, fraude, crime de colarinho branco, bloqueio político de iniciativas legais, assédio, desinformação, violações dos direitos humanos e abusos corporativos. (MELLADO, 2015, p. 604)⁶³

Considerando isso, a autora (MELLADO, 2015, p. 604) explica que o jornalista pode questionar a veracidade e a validade de atos e declarações, além de criticar e recorrer a fontes e instituições para confrontar informações. Essa é uma discussão fundamental para esta pesquisa, já que iremos analisar a cobertura da pauta de gênero e a relação entre Bolsonaro e as mulheres em três portais de notícias.

Outra questão não menos importante para a discussão entre jornalismo e democracia - e absolutamente atual e complexa - é levantada por Fontes e Marques (2022). Segundo os autores (2022, p. 16), os veículos de comunicação, ao conceder visibilidade aos líderes populistas, podem se beneficiar financeiramente e reforçar a autoridade do jornalismo, sobretudo em um ambiente de protagonismo das redes sociais e na busca incessante por audiência nessas plataformas. Eles acrescentam que, desde 2020, a Folha de S. Paulo, por exemplo, tem promovido uma campanha "pró-democracia", afirmando que se opõe a governantes autoritários e destacando que o jornal defende "o reforço das instituições democráticas" (FONTES; MARQUES, 2022, p. 16). Ou seja, a grande imprensa estaria, em nome de questões comerciais, dando visibilidade às agendas antidemocráticas e enfatizando características como a

⁶³ Do original: “An important element that defines the watchdog dimension is the function of scrutinizing official behavior. This can apply, for example, to cases of corruption, fraud, white-collar crime, political blockading of legal initiatives, harassment, misinformation, human rights violations and corporate abuses”.

personalização e a polarização política, e, dessa forma, contribuindo para manter “um cenário conveniente para que o populismo floresça e prospere”.

Assim, as organizações noticiosas podem eventualmente fortalecer os líderes que põem em risco valores como a liberdade de imprensa, abrindo caminho a representantes que pretendem minar a autoridade e legitimidade do jornalismo (Fawzi 2018; Mourão et al., 2018). Em resumo, a maximização do lucro a curto prazo pode levar a graves danos aos valores centrais do jornalismo (Kovach e Rosenstiel 2021), corroendo a percepção do público de valores como a neutralidade e imparcialidade (Ojala 2021). (FONTES; MARQUES, 2022, p. 16-17)⁶⁴

Outra questão trazida pelos autores é sobre o grau de intervenção que os veículos estão imprimindo, afrouxando a divisão entre o que é notícia e o que é opinião, discussão que trataremos a seguir.

3.3 Poder e imprensa no Brasil

Neste tópico, trataremos sobre a relação entre poder e imprensa no Brasil, já que é fundamental situar os portais que serão analisados nesta pesquisa. Para esse breve histórico, vamos partir de meados do século XX, quando houve a “modernização” do jornalismo brasileiro com a importação de ideais de objetividade inspirados no modelo do jornalismo norte-americano, além de novas técnicas de redação, políticas editoriais e novos projetos gráficos (DIAS, 2019). Segundo o autor, a partir da década de 1950 “começa a se delinear a ‘nova’ imprensa brasileira, aparentemente livre das amarras partidárias e das paixões políticas, livre do ‘amadorismo’ e do ‘improvisado’” (DIAS, 2019, p. 477).

Nas duas décadas seguintes, principalmente após 1964, o autor detalha que temos uma fase de apoio mútuo entre os grupos de comunicação e o governo militar, que resultou em um processo de consolidação financeira dessas empresas e de uma relação relativamente estável entre mídia e política.

É com a deflagração do regime militar, a partir dos anos 1960, que se inicia um projeto efetivo de institucionalização daquilo que poderíamos chamar de uma “modernização conservadora” no Brasil, alavancada pelo processo de

⁶⁴ Do original: “Therefore, news organizations may eventually strengthen leaders who jeopardize values such as press freedom, paving the way to representatives aiming to undermine journalism’s authority and legitimacy (Fawzi 2018; Mourão et al., 2018). To summarize, maximizing the profit in the short term may lead to 16 Journalism 0(0) severe damages to journalism’s core values (Kovach and Rosenstiel 2021), eroding the audience’s perception of values such as neutrality and impartiality (Ojala 2021)”.

consolidação da indústria cultural proporcionado pela ditadura. (DIAS, 2019, p. 477)

É nesse período que se constrói uma relação política clientelista entre grupos de comunicação e Estado que, na visão de Dias (2019), beneficiou ambos os sistemas na “abertura lenta e gradual que se daria mais à frente” com a redemocratização.

Nos anos 1980, o jornalismo brasileiro manteve a lógica norte-americana da neutralidade e da objetividade (FONTES; MARQUES, 2022), mas, no Brasil, os contextos econômico, político e histórico mostram que a ideia de objetividade se dá como um “poder moderador”, influenciando os tomadores de decisão. Para Marques (2023), o cenário brasileiro deve levar em conta essas diferenças em relação ao contexto norte-americano, apesar das empresas de comunicação afirmarem adotar o perfil objetivo e imparcial, e distanciado como preferem Mellado et al (2012).

No entanto, os atributos de neutralidade e objetividade que os profissionais do jornalismo se atribuem competem com o alinhamento histórico dos proprietários dos media com as elites econômicas e políticas (Albuquerque 2005; Guerrero 2014). De fato, as relações simbióticas entre os magnatas da comunicação social e o governo têm caracterizado o cenário brasileiro ao longo das últimas décadas (Pimentel e Marques 2021; Porto 2007). (MARQUES, 2023, p. 5)⁶⁵

Além disso, Fontes e Marques (2022) alertam para o fato de que o país, diferentemente da Europa, não tem uma comunicação pública forte e mantém, assim como os demais países da América Latina, uma relação de dependência com as verbas governamentais, criando um conflito de interesses. Na visão de Albuquerque (2022, p. 213), “a cultura da objetividade jornalística, no sentido que o termo adquiriu nos Estados Unidos, jamais fincou raízes no Brasil”.

Entre 1985 e 2016, Porto et al. (2020) consideram que houve um importante nível de instabilidade na relação entre mídia e política, mas mantendo a hegemonia dos grandes conglomerados familiares de comunicação. Vale destacar que, a partir dos anos 2000, com a disseminação da internet, os jornais impressos do Brasil e do mundo passam a enfrentar problemas econômicos, fruto da migração da publicidade

⁶⁵ Do original: “Nonetheless, the attributes of neutrality and objectivity that journalism professionals assign themselves compete with media owners’ historical alignment with economic and political elites (Albuquerque 2005; Guerrero 2014). In fact, symbiotic relationships between media moguls and the government have characterized the Brazilian scenario over the past many decades (Pimentel and Marques 2021; Porto 2007)”.

para as novas tecnologias e da pulverização da produção e da distribuição de conteúdo que deixou de ser exclusividade dos grandes veículos de imprensa (QUESADA, 2018).

Um outro aspecto relacionado à questão comercial do jornalismo, tão central nessa lógica empresarial presente no Brasil e nos Estados Unidos, foi levantado por Lycarião, Magalhães e Albuquerque (2018). Segundo os autores, houve uma mudança no padrão *catch-all* - mais objetivo e ideologicamente neutro -, com uma maior intervenção política e identificação ideológica por parte da imprensa. Essa mudança teria ocorrido mais fortemente com a massificação da internet e com uma maior oferta de produtos midiáticos, e teria começado ainda nos anos 1980 com a disseminação da TV a cabo nos Estados Unidos. No Brasil, esse processo também teria sido intensificado pela polarização e pelo “refluxo da democracia brasileira nos últimos anos – também alimentado por um processo de radicalização política e mediática (LYCARIÃO; MAGALHÃES; ALBUQUERQUE, 2018, p. 14)”.

A internet, com sua proliferação de milhares de sites de notícias com pequenas redações politizadas, fez com que esse público mais interessado em política, mais seletivo em termos de canais e, agora, cada vez mais politicamente consistente tivesse à mão, ou a alguns cliques, a capacidade de encontrar uma mídia muito mais adequada a seu paladar, ou seja, menos centrista e mais partidária. (LYCARIÃO; MAGALHÃES; ALBUQUERQUE, 2018, p. 5)

Feres Júnior e Sassara (2018, p. 225) levantam uma outra questão não menos importante: a interferência dos conglomerados familiares da grande imprensa na opinião pública e nos resultados eleitorais. Na visão dos autores, apesar do crescimento do número de internautas no Brasil, quase todo o conteúdo jornalístico do país é produzido pelas grandes empresas de comunicação de perfil conservador e que têm uma predisposição a dar uma cobertura negativa a candidatos de esquerda.

Historicamente, esse viés tem sido tão acentuado que, por vezes, os gigantes da mídia tomaram a iniciativa de se defender, argumentando que sua posição é simplesmente o resultado de uma postura vigilante em relação ao poder político com o interesse da sociedade no coração, tudo isso muito de acordo com o papel que a mídia deve ter nas sociedades democráticas modernas. Isso também é conhecido como a função de vigilância da mídia. Mostramos em outros lugares que no Brasil os gigantes da mídia não atuam como cães de guarda quando candidatos de centro-direita concorrem à presidência, mas apenas em relação a candidatos de esquerda e centro-esquerda, um viés que revela o argumento do cão de guarda ser bastante infundado (Feres Júnior e Sassara, 2016, p. 226).

Como exemplo, Amorim (2021) resgata esse argumento de Feres Jr. e destaca que o autor identificou, a partir dos relatórios de monitoramento do Manchetômetro, que não se verificou o mesmo comportamento dado a Dilma Rousseff nos governos Temer e Bolsonaro, “não com a mesma intensidade” (AMORIM, 2021, p. 471). Biroli e Miguel (2017) afirmam que o golpe parlamentar de 2016, que tirou Dilma Rousseff da Presidência, reafirmou a centralidade dos meios de comunicação de massa na disputa política. No caso do processo eleitoral de 2018, Porto et al. destacam o crescimento da Rede Record e das igrejas evangélicas, especialmente da Igreja Universal, que trazem mudanças importantes no padrão de relacionamento entre o sistema de comunicação e o sistema político. Esses exemplos reforçam o argumento de Dias (2019) que afirma que a grande imprensa assume um papel de agente legítimo para intervir diretamente na vida política sob a ideia de um jornalismo objetivo, plural e apartidário e que, diferentemente do caso norte-americano, pautado na busca pelos fatos da “objetividade jornalística”, no Brasil a imprensa teve um papel político muito mais ativo.

Já Albuquerque (2022, p. 18) considera que “há, hoje, fartas evidências de que as organizações jornalísticas tiveram um papel de destaque no processo de desestabilização das instituições políticas”. O autor cita a série de reportagens “Vaza Jato”, conduzida pelo Intercept Brasil, que revelou a colaboração entre promotores e a imprensa com o objetivo de atacar a credibilidade das lideranças petistas, principalmente de Lula. Ele lembra que, em março de 2016, os jornalistas Ricardo Noblat e Merval Pereira, de O Globo, ameaçaram uma intervenção militar caso Dilma não fosse retirada do cargo e o fato de que jornalistas que cobriram a Operação Lava Jato foram fotografados comemorando a prisão de Lula.

O engajamento político explícito das organizações jornalísticas, por um período tão prolongado, cobrou um alto preço, na medida em que a impediu de reivindicar com sucesso a sua condição de agente politicamente imparcial, comprometido com o ethos da objetividade jornalística. Isso a tornou vulnerável a ataques, tanto por parte da esquerda - para quem ela constituía um “Partido da Imprensa Golpista” - como da extrema direita que, paradoxalmente, a caracterizava como esquerdista. (ALBUQUERQUE, 2022, p. 18)

E para que possamos avançar na pesquisa, no próximo tópico vamos tratar sobre o perfil e a história de cada um dos grupos midiáticos analisados neste trabalho.

3.3.1 Grupos Folha, Globo e Record

Os portais que serão analisados nesta pesquisa (Folha de S. Paulo, G1 e R7) fazem parte de três dos maiores conglomerados de mídia do país. O primeiro deles é o Grupo Folha, responsável pelo jornal Folha de S. Paulo e pelo portal folha.com.br, além da agência de notícias Folhapress e do instituto de pesquisa Datafolha⁶⁶. É um dos principais grupos de mídia do país e se define, em sua descrição institucional, como o “jornal mais influente do Brasil” que cresceu com base em quatro alicerces: “pluralismo, apartidarismo, jornalismo crítico e independência”.

Fundada em 1921, a Folha teve sua fase de modernização na década de 1960, na gestão da família Frias e com a aproximação com os governos militares da ditadura (DIAS, 2019, p. 477). Atualmente tem uma audiência dividida entre leitores da versão impressa e da digital, e detalha, na área institucional do site, que a primeira continua a responder pela maior parte da receita publicitária. Em relação à audiência online, o site diz que é medida em dezenas de milhões por mês⁶⁷, já que oferta acesso gratuito a um número determinado de textos jornalísticos - para ter acesso a todo o conteúdo é preciso fazer uma assinatura -, mas não divulga o número médio de leitores.

Em março de 2019, atualizou o Projeto Editorial e fez a divulgação no site com o título “Jornalismo profissional é antídoto para notícia falsa e intolerância”⁶⁸ com 12 princípios “editoriais, políticos e éticos”⁶⁹. Entre os destaques relevantes para este trabalho apontamos, de forma resumida, os seguintes: a promoção dos direitos humanos (4); o questionamento de autoridades públicas e poderes privados (5); o cultivo à pluralidade (6); a garantia ao contraditório (7); atitude apartidária e desatrelada de governos, oposições, doutrinas, conglomerados econômicos e grupos de pressão (8); e distinção visível entre notícias, mesmo que haja interpretação analítica, e opiniões (10).

Marques (2023) destaca a retórica de defesa da credibilidade e do interesse público.

⁶⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/institucional/>

⁶⁷ Disponível em: <http://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projeto-editorial-folha-de-s-paulo/sua-excelencia-o-consumidor-de-noticias.shtml>

⁶⁸ Disponível em: <http://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projeto-editorial-folha-de-s-paulo/sua-excelencia-o-consumidor-de-noticias.shtml>

⁶⁹ Disponível em: <http://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projeto-editorial-folha-de-s-paulo/principios-editoriais.shtml>

Após mais de duas décadas, a FSP atualizou e reafirmou publicamente, em março de 2019, seu compromisso com o jornalismo "crítico, apartidário e pluralista". Ao admitir dificuldades causadas pela transformação em seu modelo de negócios e pela cacofonia de narrativas que circulam no ambiente de comunicação digital, a empresa enfatizou que "o maior patrimônio do jornalismo é sua credibilidade [...] construída não apenas pela aplicação rigorosa da boa técnica [...] mas também pela integridade, na essência e na aparência, de cada um de seus profissionais". (MARQUES, 2023, p. 7)⁷⁰

Já o Grupo Globo, responsável pelo portal de notícias G1, pela Rede Globo, e por uma série de emissoras de rádio e TV por todo o país, teve, a partir dos anos 1960, um explícito alinhamento com os governos militares (DIAS, 2019; PORTO et al., 2020), o que trouxe uma forte crescimento para a sua rede de televisão recém inaugurada, "moldando a estrutura de um sistema midiático que perdura praticamente incólume até os dias de hoje" (DIAS, 2019, p. 477). Com a redemocratização, os posicionamentos políticos e editoriais da emissora têm se manifestado nas eleições presidenciais, como lembram Porto et al (2020).

Em agosto de 2011, o grupo publicou um documento assinado por Roberto Irineu Marinho, João Roberto Marinho e José Roberto Marinho destacando que O Globo foi fundado em 1925 por Irineu Marinho e que as empresas jornalísticas das Organizações Globo - atual Grupo Globo -, "agem de acordo com princípios que as conduziram a posições de grande sucesso" em decorrência "do bom jornalismo que praticam"⁷¹. O texto também diz que "certamente houve erros, mas a posição de sucesso em que se encontram hoje mostra que os acertos foram em maior número", o que pode ser uma referência ao apoio ao golpe civil-militar de 1964, e que rendeu um pedido de desculpas do grupo em 2013 (DIAS, 2019).

O texto também dá destaque à "Era Digital" e à "confusão entre o que é ou não jornalismo" e divulga os Princípios Editoriais do Grupo Globo, que estão divididos da seguinte forma⁷²: Preâmbulo: Breve definição de jornalismo; Seção I: Os atributos da informação de qualidade: 1) A isenção; 2) A correção; 3) A agilidade; Seção II: Como o jornalista deve proceder diante das fontes, do público, dos colegas, do veículo

⁷⁰ Do original: "After more than two decades, the FSP publicly updated and reaffirmed its commitment to "critical, non-partisan, and pluralist" journalism in March 2019. By admitting difficulties caused by the transformation in its business model and by the cacophony of narratives circulating in the digital communication environment, the company emphasized that "the greatest asset of journalism is its credibility [...] built not only by the rigorous application of good technique [...] but also by the integrity, in essence, and appearance of each of its professionals."

⁷¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html#p/rincipios-editoriais>

⁷² Disponível em: <https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html#p/rincipios-editoriais>

para o qual trabalha e das redes sociais; Seção III: Os valores cuja defesa é um imperativo do jornalismo.

Por fim, temos o Grupo Record, que tem como principais veículos a Record TV, a Record News e o portal R7. Curiosamente, o site não divulga quaisquer informações sobre o histórico ou os princípios jornalísticos do grupo, mas dá destaque à Igreja Universal do Reino de Deus no espaço institucional do grupo⁷³. Apesar da falta de transparência no que se refere ao jornalismo praticado, Porto et al. (2020) destacam que a TV Record, adquirida em 1989 pelo bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal, a partir de 2008 se consolida como a segunda maior rede de televisão no país, chegando a 17% da audiência nacional entre sete horas da manhã e meia noite.

Entre os acontecimentos recentes que marcaram o Grupo Record podemos citar a eleição presidencial de 2018 e o alinhamento dos veículos com a candidatura de Jair Bolsonaro. Um dos fatos mais importantes dessa campanha é a entrevista concedida por Bolsonaro com exclusividade à Record TV no mesmo horário do debate promovido pela TV Globo. O candidato havia justificado a ausência no debate por conta do atentado de 06 de setembro, mas isso não o impediu de falar cerca de 24 minutos à emissora (PORTO et al, 2020, p. 25).

Assistimos, em 2018, à consolidação de uma nova aliança política por meio da mobilização da classe média urbana e que inclui um candidato outsider e de extrema direita, as igrejas evangélicas (incluindo a IURD), instituições de accountability (incluindo o Judiciário e o Ministério Público) e lideranças militares. Esta aliança se estabelece com uma forte oposição às instituições que constituíram, a partir da redemocratização em 1985, o bloco histórico hegemônico, incluindo a classe política tradicional e o sistema partidário centrado na polarização PSDB-PT e mediado pelo MDB. No campo da mídia, o bloco histórico tradicional esteve sustentado no poder comunicacional da Rede Globo de televisão. (PORTO et al., 2020, p. 11)

Para os autores, a emissora deixa claro nesse episódio que tinha a intenção de esvaziar o debate da Globo e oferecer um espaço privilegiado para Bolsonaro, principalmente considerando a postura “passiva e submissa” do repórter.

Se, de um lado, temos a pacífica e gentil relação do governo Bolsonaro com a Record, de outro, temos reiterados ataques do presidente e de apoiadores aos veículos da Folha e da Globo. Segundo Abranches (2019), além da Rede Globo, Bolsonaro adicionou “ao eixo do mal jornalístico” a Folha de S. Paulo. Em maio de 2020, por exemplo, tanto Folha de S. Paulo como as emissoras do Grupo Globo

⁷³ Disponível em: <https://recordtv.r7.com/institucional>

anunciaram a suspensão da cobertura no Palácio do Alvorada por falta de segurança dos jornalistas⁷⁴. De acordo com levantamento da revista Piauí, Bolsonaro atacou veículos do Grupo Globo em 45% das lives que fez entre março de 2019 a setembro de 2022. O segundo alvo preferencial foi a Folha de S. Paulo, criticada em 34% das lives nesse período⁷⁵. Dados como esses são importantes para que possamos entender o contexto que cerca essa pesquisa que trata da eleição presidencial de 2022 e que analisa esses três portais, tema que será abordado no próximo capítulo.

⁷⁴ FOLHA de S.Paulo' também deixará cobertura do Alvorada por falta de segurança. **VALOR**, 25 mai. 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/05/25/folha-de-spaulo-tambem-deixara-cobertura-do-alvorada-por-falta-de-seguranca.ghtml>

⁷⁵ BOLSONARO atacou veículos do Grupo Globo em 4 a cada 10 lives. **PIAÚI**, 30 set. 2022. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/bolsonaro-atacou-veiculos-do-grupo-globo-em-4-cada-10-lives/>

4 CAMPANHA DE 2022: MÉTODOS DE BUSCA E ANÁLISE DAS NOTÍCIAS

Após a contextualização política e a discussão sobre jornalismo, gênero e democracia, chegamos ao capítulo que trata do objeto desta pesquisa: a eleição presidencial de 2022. No pleito, os dois principais candidatos foram Jair Bolsonaro, que tentava a reeleição, e Luiz Inácio Lula da Silva, que saiu vitorioso da disputa e voltou à Presidência pela terceira vez. Em relação a voto e gênero, segundo a equipe do Centro de Estudos de Opinião Pública (CESOP/Unicamp, 2023), se a decisão fosse apenas das mulheres, Lula teria sido eleito em primeiro turno, de acordo com dados do Datafolha. “Entre esse eleitorado, o candidato do PT se manteve na liderança durante toda a campanha, diferentemente do que aconteceu com o eleitor do sexo masculino” (CESOP, 2023, p. 38). Os autores destacam que a intenção de votos das mulheres chegava a 47% para Lula e 51% das intenções de voto, considerando apenas votos válidos. Às vésperas da eleição, o percentual chegou a 55% das intenções de voto das mulheres (CESOP, 2023).

A vitória de Lula, no entanto, não significou vitória no Legislativo. Melo (2023) destaca que, em 2018, partidos de direita conquistaram a maioria das cadeiras da Câmara dos Deputados pela primeira vez desde a redemocratização e que, em 2022, essa margem foi ainda mais ampla.

Considerando esse cenário da eleição de 2022, a proposta deste trabalho é analisar as matérias jornalísticas que tratavam da pauta de gênero e da relação entre Jair Bolsonaro e as mulheres, publicadas nos dois turnos da eleição, entre 16 de agosto a 30 de outubro. A ideia é investigar de que forma os portais escolhidos - G1, R7 e Folha de S. Paulo - pautaram esse tema: se deram visibilidade e de que forma se posicionaram ou não, com viés crítico, uso de fontes ou apenas utilizando as declarações e atos, sem promover uma discussão sobre o tema.

A escolha dos três portais é uma tentativa de analisar possíveis posicionamentos diferentes dos veículos, considerando que o Grupo Record esteve mais alinhado ao governo, enquanto os grupos Globo e Folha sofreram ataques do presidente e de seus apoiadores. Amorim (2021) mostra, por exemplo, que os dados da pesquisa “A cara da democracia: eleições 2020”, do Instituto da Democracia e da Democratização da Comunicação, revelam que os entrevistados que se informaram pelas TVs Record, Bandeirantes e SBT tinham uma tendência maior de avaliar o governo como “bom” ou “ótimo”, o que não acontecia com os que assistiam à Globo.

“Record e SBT são justamente as emissoras que recebem menções positivas do presidente Bolsonaro. Ao que tudo indica, tem surtido efeito junto ao seu eleitorado a campanha do presidente contra os grupos Globo e Folha de S. Paulo” (AMORIM, 2021, p. 470).

A autora também traz, em seu trabalho, dados do dossiê elaborado pela organização não governamental Artigo 19 em 2020 sobre violações contra jornalistas durante os primeiros 20 meses do governo Bolsonaro. Os veículos nominalmente atacados foram Globo e suas afiliadas (114 vezes ou 25% dos casos), Folha de S. Paulo (56 vezes ou 12%) e O Estado de S. Paulo (22 vezes ou 5%). Ao mesmo tempo, “veículos que se pautaram por uma linha editorial ou cobertura mais próximos dos posicionamentos do presidente, como SBT e Record, foram mencionados de forma positiva e não violenta, apontados como exemplos de um bom jornalismo” (AMORIM, 2021, p. 469).

Todos esses levantamentos nos ajudam a questionar, previamente, se os portais G1 e Folha de S. Paulo teriam um posicionamento mais combativo, com críticas a Bolsonaro, e se o R7 teria silenciado ou sido mais complacente na abordagem das pautas que tratam sobre a relação entre Bolsonaro e as mulheres.

4.1 Questões propostas pela pesquisa

A proposta desta pesquisa é analisar a cobertura dos portais de notícias no que se refere às questões de gênero, tendo como referência a função de cão de guarda que o jornalismo desempenha. A partir disso, temos como objetivo responder às seguintes perguntas:

P1: Como os portais se posicionaram nas matérias que trataram da pauta de gênero na campanha de 2022?

P2: Houve diferenças de cobertura entre os veículos analisados no que se refere a pautar ou silenciar sobre esse tema?

P3: As matérias apenas traziam a descrição de declarações e atos (jornalismo declaratório) ou outras fontes e informações com a função de questionar?

P4: As matérias continham algum viés de opinião ou posicionamento positivo ou negativo? Se sim, isso foi feito por fontes ou pelo próprio jornalista autor da matéria?

P5: Qual veículo desempenhou o papel mais vigilante no que se refere aos valores democráticos?

4.2 Metodologia de busca e análise das notícias

A proposta desta pesquisa é fazer um levantamento quantitativo e qualitativo das matérias publicadas nos portais brasileiros G1, do grupo Globo, R7, do grupo Record, e Folha de S. Paulo utilizando as ferramentas da análise de conteúdo (BARDIN, 2016; CARLOMAGNO; ROCHA, 2016; SAMPAIO; LYCARIÃO, 2018, 2021), com o objetivo de testar os diferentes níveis de *accountability* exercidos por esses veículos no que se refere à relação entre Jair Bolsonaro e as mulheres na eleição presidencial de 2022. O período analisado é de 16 de agosto a 30 de outubro de 2022, durante os dois turnos da eleição presidencial. É importante destacar que, no caso dos portais G1 e R7, a origem das notícias pode vir dos vários veículos de cada grupo, e, no caso da Folha, pode ser da edição impressa, de agência de notícia ou de produção jornalística do próprio portal. Tanto o G1 como o R7 dão acesso aberto e ilimitado ao conteúdo, mas, no caso da Folha de S. Paulo, foi necessário fazer uma assinatura para acessar todas as matérias.

4.2.1 Fase 1: Busca das matérias

Para fazer esse levantamento, elegemos a busca por títulos e abres (linha fina) de matérias jornalísticas, não incluindo, portanto, editoriais e artigos de opinião, unindo palavras-chave que relacionem Bolsonaro à questão de gênero. Decidimos, por conta da relevância, considerar os blogs dos três portais que cobrem a área política. Após uma pré-análise dos três veículos de imprensa, foram considerados termos como “mulher/es”, “meninas”, e, por conta dos sucessivos episódios de ataques de Bolsonaro às mulheres jornalistas, esta pesquisa inseriu as expressões “repórter”, “jornalista” e “apresentadora”. A busca prévia também mostrou a

importância de temas como aborto e a política de distribuição de absorventes, que foram inseridos na busca. Além disso, inserimos o termo “primeira-dama” e os nomes “Michelle” e “Damares”, ministra do governo Bolsonaro. A partir desse levantamento inicial, excluimos matérias que não tratavam da campanha presidencial, como matérias relacionadas a disputas ao Senado e aos estados.

Tabela 1 - Critérios de inclusão e exclusão

Critérios de inclusão	Critérios de exclusão
<ul style="list-style-type: none"> • Busca por títulos e abres de matérias jornalísticas; • Devem ser considerados os blogs de política dos três portais. No caso da FSP, considerar as colunas Mônica Bergamo e Painel. • Foram considerados termos como “mulher/es”, “meninas”, e, “repórter”, “jornalista” e “apresentadora”, além de temas como aborto, a política de distribuição de absorventes, “primeira-dama” e os nomes “Michelle” e “Damares”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Devem ser excluídos editoriais e artigos de opinião; • Excluir matérias que não tratam da campanha presidencial, como matérias relacionadas a disputas ao Senado e aos estados. • Excluir conteúdos de colunas de comportamento e blogs de outras áreas que não tratem da cobertura política.

Fonte: Elaborada pela autora.

A seguir, temos as listas das matérias levantadas nos portais G1, R7 e Folha de S. Paulo. A busca foi realizada pela consulta diária dos três portais durante todo o período da campanha presidencial de 2022, nas páginas de notícias, com checagem na área dedicada à cobertura da eleição.

Tabela 2 - Matérias G1

Data	Código / Título	Link
29/08/2022	A1 - Líderes nas pesquisas cometem erros, e mulheres ganham protagonismo no 1º debate	https://g1.globo.com/politica/blog/julia-duailibi/post/2022/08/29/lideres-nas-pesquisas-cometem-erros-e-mulheres-ganham-protagonismo-no-1o-debate.ghtml
29/08/2022	A2 - Campanha de Bolsonaro lamenta 'gol contra' com ataque a mulheres no debate da Band	https://g1.globo.com/politica/blog/andreia-sadi/post/2022/08/29/campanha-de-bolsonaro-lamenta-gol-contra-com-ataque-a-mulheres-no-debate-da-band.ghtml
29/08/2022	A3 - Políticas para as mulheres: o que dizem os planos de governos dos candidatos à Presidência	https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/08/29/politicas-para-as-mulheres-o-que-dizem-os-planos-de-governos-dos-

		candidatos-a-presidencia.ghtml
30/08/2022	A4 - Estrago de ataque de Bolsonaro a mulheres foi maior que o previsto e comitê da reeleição busca reação	https://g1.globo.com/politica/blog/valdo-cruz/post/2022/08/30/estrago-de-ataque-de-bolsonaro-a-mulheres-foi-maior-que-o-previsto-e-comite-da-reeleicao-busca-reacao.ghtml
03/09/2022	A5 - Em ato no RS, Bolsonaro pergunta se mulheres prefeririam 'Lei Maria da Penha ou uma pistola' em situação de perigo	https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/eleicoes/2022/noticia/2022/09/03/em-ato-no-rs-bolsonaro-pergunta-se-mulheres-prefeririam-lei-maria-da-penha-ou-uma-pistola-em-situacao-de-perigo.ghtml
06/09/2022	A6 - TSE mantém limite de tempo para participação de Michelle em propaganda de Bolsonaro	https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/09/06/tse-mantem-restricoes-para-participacao-de-michelle-em-propagandas-de-bolsonaro.ghtml
07/09/22	A7 - Tática clássica do machismo', afirma Sadi sobre comparação de Bolsonaro entre primeiras-damas	https://g1.globo.com/globonews/estudio-i/video/tatica-classica-do-machismo-afirma-sadi-sobre-comparacao-de-bolsonaro-entre-primeiras-damas-10917302.ghtml
14/09/22	A8 - Barbaridade', 'ação terrorista', 'desrespeito'... Presidenciáveis repudiam ofensa de bolsonarista a Vera Magalhães	https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/09/14/barbaridade-acao-terrorista-desrespeito-presidenciaveis-repudiam-ofensa-de-bolsonarista-a-vera-magalhaes.ghtml
15/09/22	A9 - Bolsonaro dá a senha para que homens ataquem mulheres, diz antropóloga Isabela Kalil	https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2022/09/15/bolsonaro-da-a-senha-para-que-homens-facam-isso-diz-isabela-kalil-sobre-ataques-a-mulheres.ghtml
15/09/22	A10 - Ataque a jornalista desgasta Bolsonaro e vira problema na reta final da campanha	https://g1.globo.com/politica/blog/valdo-cruz/post/2022/09/15/ataque-a-jornalista-desgasta-bolsonaro-e-vira-problema-na-reta-final-da-campanha.ghtml
03/10/2022	A11 - QG de Lula quer 'carta aos brasileiros' para conservadores; Bolsonaro vai reforçar guerra ideológica e prometer 13º do Auxílio Brasil para mulheres	https://g1.globo.com/politica/blog/andreia-sadi/post/2022/10/03/aliados-lula-conservadores-bolsonaro-guerra-ideologica.ghtml
06/10/2022	A12 - Comitê de Bolsonaro cria núcleo para tentar conter rejeição entre mulheres; Michelle coordenará	https://g1.globo.com/politica/blog/valdo-cruz/post/2022/10/06/comite-de-bolsonaro-cria-nucleo-para-tentar-conter-rejeicao-entre-mulheres-michelle-coordenara.ghtml
14/10/2022	A13 - Na TV, Lula fala sobre fome e moradia; Bolsonaro tenta associar ex-presidente à defesa do aborto	https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/14/na-tv-lula-fala-sobre-fome-e-moradia-bolsonaro-tenta-associar-ex-presidente-a-defesa-do-aborto.ghtml

15/10/2022	A14 - Michelle viaja a mais estados do que Bolsonaro e foca no Norte e Nordeste	https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/15/michelle-viaja-a-mais-estados-do-que-bolsonaro-e-foca-no-norte-e-nordeste.ghtml
15/10/2022	A15 - Pintou um clima': fala de Bolsonaro sobre meninas venezuelanas repercute e gera críticas nas redes	https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/15/pintou-um-clima-fala-de-bolsonaro-sobre-meninas-venezuelanas-repercute-e-gera-criticas-nas-redes.ghtml
15/10/2022	A16 - Deputado pede que PGR investigue conduta de Bolsonaro após fala sobre meninas venezuelanas	https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/15/deputado-do-pv-pede-que-pgr-investigue-conduta-de-bolsonaro-apos-fala-sobre-meninas-venezuelanas.ghtml
16/10/2022	A17 - Bolsonaro faz live na madrugada para se defender após frase sobre meninas venezuelanas	https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/16/bolsonaro-faz-live-na-madrugada-para-se-defender-apos-frase-sobre-meninas-venezuelanas.ghtml
16/10/2022	A18 - Bolsonaro não mencionou prostituição durante visita a venezuelanas em 2021	https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/16/bolsonaro-nao-mencionou-prostituicao-em-visita-a-venezuelanas-em-2021.ghtml
16/10/2022	A19 - YouTube retira do ar live em que Bolsonaro afirma que 'pintou um clima' em visita a meninas venezuelanas	https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/16/youtube-retira-do-ar-live-em-que-bolsonaro-afirma-que-pintou-um-clima-em-visita-a-meninas-venezuelanas.ghtml
16/10/2022	A20 - Senador pede ao STF investigação de Bolsonaro após fala sobre meninas venezuelanas	https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/16/senador-pede-ao-stf-investigacao-de-bolsonaro-apos-fala-sobre-meninas-venezuelanas.ghtml
17/10/2022	A21 - Declaração sobre venezuelanas desgasta Bolsonaro e dá votos a Lula, dizem petistas e bolsonaristas	https://g1.globo.com/politica/blog/valdo-cruz/post/2022/10/17/declaracao-sobre-venezuelanas-desgasta-bolsonaro-e-da-votos-a-lula-dizem-petistas-e-bolsonaristas.ghtml
17/10/2022	A22 - Por que Lula não citou a pedofilia no debate contra Bolsonaro	https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-quevedes/post/2022/10/17/por-que-lula-nao-citou-a-pedofilia-no-debate-contra-bolsonaro.ghtml
17/10/2022	A23 - Comissão de Direitos Humanos da Câmara Legislativa do DF pede proteção para adolescentes venezuelanas após fala de Bolsonaro	https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/10/17/comissao-de-direitos-humanos-da-camara-legislativa-do-df-pede-protecao-para-adolescentes-venezuelanas-apos-fala-de-bolsonaro.ghtml
18/10/2022	A24 - Bolsonaro agora nega prostituição em casa de meninas venezuelanas e, ao lado de Michelle, diz que mulheres do local eram trabalhadoras	https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/18/apos-dizer-que-meninas-venezuelanas-se-arrumavam-para-fazer-programa-bolsonaro-diz-que-mulheres-de-casa-que-visitou-eram-trabalhadoras.ghtml

18/10/2022	A25 - Bolsonaro disse 'pintou um clima' por achar que 'meninas venezuelanas estariam se prostituindo', diz PP de Ciro Nogueira	https://g1.globo.com/politica/blog/andreia-sadi/post/2022/10/18/bolsonaro-disse-pintou-um-clima-por-achar-que-meninas-venezuelanas-estariam-se-prostituindo-diz-partido-de-chapa-do-presidente.ghtml
18/10/2022	A26 - Em outros vídeos, Bolsonaro insinuou ou afirmou que meninas venezuelanas estavam bem arrumadas para 'fazer programa'	https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/18/bolsonaro-afirmou-em-setembro-que-meninas-venezuelanas-estavam-bem-arrumadas-para-fazer-programa.ghtml
18/10/2022	A27 - Lula diz no podcast Flow que Bolsonaro teve 'comportamento de um pedófilo' no caso das meninas venezuelanas	https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/18/lula-diz-que-bolsonaro-teve-comportamento-de-um-pedofilo-no-caso-das-meninas-venezuelanas.ghtml
20/10/2022	A28 - TSE concede direito de resposta a Bolsonaro por associação a aborto e milícia em campanha de Lula	https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/20/tse-concede-direito-de-resposta-a-bolsonaro-por-associacao-a-aborto-e-milicia-em-campanha-de-lula.ghtml
21/10/2022	A29 - Ao lado de Lula, Tebet comenta fala sobre meninas venezuelanas e chama Bolsonaro de pedófilo	https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/21/ao-lado-de-lula-tebet-comenta-fala-sobre-meninas-venezuelanas-e-chama-bolsonaro-de-pedofilo.ghtml
25/10/2022	A30 - Caso Roberto Jefferson: campanha de Bolsonaro teme perder votos de mulheres	https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/25/campanha-de-bolsonaro-teme-perder-votos-de-mulheres-apos-ataques-de-jefferson-a-policiais-federais.ghtml
25/10/2022	A31 - TSE concede direito de resposta a Bolsonaro após campanha de Lula associá-lo a aborto e milícia	https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/25/tse-concede-direito-de-resposta-a-bolsonaro-apos-campanha-de-lula-associa-lo-a-aborto-e-milicia.ghtml
13/10/2022	A32 - Lewandowski manda para a Justiça Federal do Pará pedido de investigação de falas de Damares sobre exploração infantil	https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/10/13/lewandowski-manda-para-justica-federal-do-para-pedido-de-apuracao-sobre-fala-de-damares.ghtml
13/10/2022	A33 - Damares não apresenta provas e diz ter ouvido 'nas ruas' denúncias sobre estupro e tráfico de crianças no Marajó	https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2022/10/13/damares-nao-apresenta-provas-e-diz-ter-ouvido-nas-ruas-denuncias-sobre-estupro-e-trafico-de-criancas-no-marajo.ghtml
13/10/2022	A34 - MPF diz que, em 30 anos, nenhuma denúncia sobre tráfico de crianças no Marajó mencionou torturas citadas por Damares	https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2022/10/13/em-30-anos-nenhuma-denuncia-ao-mpf-sobre-trafico-de-criancas-no-marajo-mencionou-torturas-citadas-por-damares.ghtml
13/10/2022	A35 - Damares diz que denúncia de tráfico de crianças se baseou em 'conversas com o povo na rua'	https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/10/13/damares-diz-que-se-baseou-em-conversas-com-o-povo-na-rua-ao-denunciar-exploracao-infantil.ghtml

14/10/2022	A36 - Da existência de imagens a relatos das ruas: Damares dá diferentes versões sobre supostas torturas contra crianças no Marajó	https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2022/10/14/damares-marajo-versoes.ghtml
17/10/2022	A37 - Prazo para Ministério dar detalhes ao MPF após fala de Damares sobre supostas torturas contra crianças no Marajó termina nesta segunda	https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2022/10/17/termina-nesta-segunda-feira-prazo-para-ministerio-dar-explicacoes-a-procuradoria-do-mpf-apos-relatos-de-damares-sobre-supostas-torturas-contras-criancas-no-marajo.ghtml

Fonte: Elaborada pela autora.

Na busca, chegamos a 37 matérias do G1 que tratam das seguintes pautas: repercussão de debate (4 matérias), plano de governo com foco em políticas para as mulheres (1), ataque de bolsonarista à jornalista Vera Magalhães (3), declaração de Bolsonaro (2), pauta sobre as venezuelanas (13), caso Roberto Jefferson (1), declaração de Damares sobre crianças da Ilha de Marajó (6), pauta com decisão judicial sobre a campanha (3), estratégia de campanha (4).

Na Tabela 3, temos o levantamento das matérias do portal R7.

Tabela 3 - Matérias R7

Data	Código / Título	Link
26/09/2022	B1 - Bolsonaro fala sobre políticas para as mulheres e resistência do eleitorado feminino	https://noticias.r7.com/jr-na-tv/videos/bolsonaro-fala-sobre-politicas-para-as-mulheres-e-resistencia-do-eleitorado-feminino-26092022
3/10/2022	B2 - Bolsonaro deve anunciar 13º do Auxílio Brasil a mulheres a partir de 2023	https://noticias.r7.com/eleicoes-2022/bolsonaro-deve-anunciar-13-do-auxilio-brasil-a-mulheres-a-partir-de-2023-03102022
4/10/2022	B3 - Yudi declara voto em Bolsonaro, é perseguido por haters e recebe apoio da primeira-dama	https://noticias.r7.com/eleicoes-2022/yudi-declara-voto-em-bolsonaro-e-perseguido-por-haters-e-recebe-apoio-da-primeira-dama-04102022
6/10/2022	B4 - Damares e Michelle formam grupo para atrair voto das mulheres no 2º turno	https://noticias.r7.com/eleicoes-2022/damares-e-michelle-formam-grupo-para-atrair-voto-das-mulheres-no-2-turno-06102022
8/10/2022	B5 - Em Goiânia, Michelle Bolsonaro participa de encontro com mulheres: 'Basta de mentira'	https://noticias.r7.com/eleicoes-2022/em-goiania-michelle-bolsonaro-participa-de-encontro-com-mulheres-basta-de-mentira-08102022

10/10/2022	B6 - Polícia investiga ameaças de homem a Damares e eleitores de Bolsonaro: 'Purificar a raça'	https://noticias.r7.com/eleicoes-2022/policia-investiga-ameacas-de-homem-a-damares-e-eleitores-de-bolsonaro-purificar-a-raca-10102022
10/10/2022	B7 - Damares Alves e Michelle Bolsonaro vão ao Norte em busca do voto feminino	https://noticias.r7.com/eleicoes-2022/damares-alves-e-michelle-bolsonaro-vaao-norte-em-busca-do-voto-feminino-10102022
11/10/2022	B8 - 'Mulheres com Bolsonaro' faz ofensiva por voto e confronta feministas	https://noticias.r7.com/prisma/christina-lemos/mulheres-com-bolsonaro-faz-ofensiva-por-voto-e-confronta-feministas-11102022
14/10/2022	B9 - Homem atira contra igreja antes de evento com Michelle Bolsonaro	https://noticias.r7.com/eleicoes-2022/homem-atira-contra-igreja-antes-de-evento-com-michelle-bolsonaro-15102022
16/10/2022	B10 - Moraes proíbe PT de usar vídeos que associam indevidamente Bolsonaro à pedofilia	https://noticias.r7.com/eleicoes-2022/moraes-proibe-pt-de-usar-ideos-que-associam-indevidamente-bolsonaro-a-pedofilia-16102022
17/10/2022	B11 - Michelle e Damares se reúnem com venezuelanas citadas por Bolsonaro	https://noticias.r7.com/eleicoes-2022/michelle-e-damares-se-reunem-com-venezuelanas-citadas-por-bolsonaro-18102022
18/10/2022	B12 - Jornalista xinga filha de Bolsonaro e Michelle; primeira-dama rebate: 'Medidas serão tomadas'	https://noticias.r7.com/eleicoes-2022/jornalista-xinga-filha-de-bolsonaro-e-michelle-primeira-dama-rebate-medidas-serao-tomadas-19102022
18/10/2022	B13 - Em vídeo, Bolsonaro pede desculpas por fala sobre meninas venezuelanas; veja	https://noticias.r7.com/eleicoes-2022/em-video-bolsonaro-pede-desculpas-por-fala-sobre-meninas-venezuelanas-veja-18102022
19/10/2022	B14 - Damares e Michelle vão ao Sudeste em busca de votos para Bolsonaro	https://noticias.r7.com/eleicoes-2022/damares-e-michelle-vaao-sudeste-em-busca-de-votos-para-bolsonaro-19102022
19/10/2022	B15 - Michelle Bolsonaro chora ao contar que filha foi xingada por colegas	https://noticias.r7.com/eleicoes-2022/michelle-bolsonaro-chora-ao-contar-que-filha-foi-xingada-por-colegas-19102022
19/10/2022	B16 - Ministros de Bolsonaro viram governadores e senadores; dos outros, presidiários, diz Damares	https://noticias.r7.com/eleicoes-2022/ministros-de-bolsonaro-viram-governadores-e-senadores-dos-outros-presidiarios-diz-damares-19102022
21/10/2022	B17 - PT terá que remover propaganda que liga governo a aumento de violência contra a mulher	https://noticias.r7.com/eleicoes-2022/pt-tera-que-remover-propaganda-que-liga-governo-a-aumento-de-violencia-contra-a-mulher-21102022

22/10/2022	B18 - Ficaram 16 anos e não fizeram nada', diz Michelle Bolsonaro sobre o PT	https://noticias.r7.com/eleicoes-2022/ficaram-16-anos-e-nao-fizeram-nada-diz-michelle-bolsonaro-sobre-o-pt-22102022
23/10/2022	B19 - Com presença de Damares, acampamento ex-MST declara apoio a Bolsonaro	https://noticias.r7.com/eleicoes-2022/com-presenca-de-damares-acampamento-ex-mst-declara-apoio-a-bolsonaro-24102022
30/10/2022	B20 - Michelle Bolsonaro vota em Ceilândia, região administrativa do DF	https://noticias.r7.com/eleicoes-2022/michelle-bolsonaro-vota-em-ceilandia-regiao-administrativa-do-df-30102022
14/09/2022	B21 - Republicanos repudia ataque contra jornalista e convoca deputado a dar explicações	https://noticias.r7.com/eleicoes-2022/republicanos-repudia-ataque-contra-jornalista-e-convoca-deputado-a-dar-explicacoes-14092022
10/10/2022	B23 - Estudante é vítima de perseguição após declarar apoio a Bolsonaro	https://noticias.r7.com/eleicoes-2022/estudante-e-vitima-de-perseguiacao-apos-declarar-apoio-a-bolsonaro-10102022

Fonte: Elaborada pela autora.

No levantamento do portal R7, excluímos uma matéria pré-selecionada (B22) por se tratar da campanha de Damares para o Senado. Em relação às pautas das 22 matérias encontradas, temos: estratégia de campanha (5), decisão judicial (2), declarações de Michelle e Damares (4), caso venezuelanas (2), ataque à jornalista Vera Magalhães (1), políticas para mulheres (2), ataques a apoiadores de Bolsonaro (5), votação Michelle (1).

Em seguida, na Tabela 4, temos as matérias colhidas no portal Folha de S. Paulo.

Tabela 4 - Matérias Folha de S. Paulo

Data	Código / Título	Link
16/08/2022	C1 - Michelle aparece em palanque, rouba cena e é ovacionada em Juiz de Fora; veja vídeo	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/michelle-aparece-em-palanque-rouba-cena-e-e-ovacionada-em-juiz-de-fora-veja-video.shtml
22/08/2022	C2 - Lula critica ataques a Janja e chama Bolsonaro de mandacaru	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/lula-critica-ataques-a-janja-e-chama-bolsonaro-de-mandacaru.shtml
28/08/2022	C3 - Bolsonaro ataca jornalista Vera Magalhães e Tebet e diz que são uma vergonha; veja vídeo	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/bolsonaro-ataca-jornalista-vera-magalhaes-e-tebet-e-diz-que-sao-uma-vergonha-veja-video.shtml

28/08/2022	C4 - Bolsonaro vira alvo principal de 1º debate, e Lula se esquivava sobre corrupção	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/bolsonaro-vira-alvo-principal-de-1o-debate-e-lula-se-esquiva-sobre-corrupcao.shtml
29/08/2022	C5 - Tema das mulheres dominou 1º debate presidencial; veja vídeo	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/tema-das-mulheres-dominou-1o-debate-presidencial-veja-video.shtml
29/08/2022	C6 - Campanha de Bolsonaro minimiza efeito de ataque a mulheres e vai insistir em corrupção contra Lula	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/campanha-de-bolsonaro-minimiza-efeito-de-ataque-a-mulheres-e-vai-insistir-em-corrupcao-contra-lula.shtml
29/08/2022	C7 - Debate teve falas misóginas e ausência de referência a mulheres negras, apontam especialistas	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/debate-teve-falas-misoginas-e-ausencia-de-referencia-a-mulheres-negras-apontam-especialistas.shtml
29/08/2022	C8 - Debate mostra que agenda feminina ainda é vista como política de papo furado	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/debate-mostra-que-agenda-feminina-ainda-e-vista-como-politica-de-papo-furado.shtml
29/08/2022	C10 - Mulheres fazem história com recorde de candidatas à Presidência, mas enfrentam desafios	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/mulheres-fazem-historia-com-recorde-de-candidatas-a-presidencia-mas-enfrentam-desafios.shtml
30/08/2022	C11 - Post tira vídeo de contexto para atacar jornalista Vera Magalhães	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/post-tira-video-de-contexto-para-atacar-jornalista-vera-magalhaes.shtml
1/09/2022	C15 - Bolsonaro faz piada machista e diz que notícia boa para mulher é beijinho e presente	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/bolsonaro-faz-piada-machista-e-diz-que-noticia-boa-para-mulher-e-beijinho-e-presente.shtml
3/09/2022	C16 - Sozinha na rua, prefere Lei Maria da Penha ou pistola?', pergunta Bolsonaro a mulheres	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/sozinha-na-rua-prefere-lei-maria-da-penha-ou-pistola-pergunta-bolsonaro-a-mulheres.shtml?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=newsia
4/09/2022	C17 - Lula, Bolsonaro e Ciro miram voto de mulheres e mostram esposas na propaganda	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/lula-bolsonaro-e-ciro-miram-voto-de-mulheres-e-mostram-esposas-na-propaganda.shtml?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=newsia
10/09/2022	C18 - Datafolha: Veja a evolução de Lula e Bolsonaro entre homens e mulheres	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/datafolha-veja-a-evolucao-de-lula-e-bolsonaro-entre-homens-e-mulheres.shtml
10/09/2022	C19 - Datafolha: Bolsonaro é visto como o que mais mente e mais ataca mulheres	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/datafolha-bolsonaro-e-visto-como-o-que-mais-mente-e-mais-ataca-mulheres.shtml
12/09/2022	C20 - Datafolha: Mulheres têm votos mais 'soltos' para presidente	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/datafolha-mulheres-tem-votos-mais-soltos-para-presidente.shtml

14/09/2022	C21 - Deputado bolsonarista hostiliza jornalista Vera Magalhães após debate em SP	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/dep-utado-hostiliza-jornalista-vera-magalhaes-apos-debate-em-sp.shtml
14/09/2022	C22 - Lula, Ciro, Tebet e Pacheco condenam agressão de deputado bolsonarista a jornalista	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/lula-ciro-tebet-e-pacheco-condenam-agressao-de-deputado-bolsonarista-a-jornalista.shtml
14/09/2022	C23 - Bolsonaro volta a apelar para voto feminino e, desta vez, ignora coro por 'imbrochável'	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/bolsonaro-volta-a-apelar-para-voto-feminino-e-desta-vez-ignora-coro-por-imbrochavel.shtml
14/09/2022	C24 - Mulher é ajudadora do esposo, diz Michelle ao lado de Bolsonaro	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/mulher-e-ajudadora-do-esposo-diz-michelle-ao-lado-de-bolsonaro.shtml
22/09/2022	C25 - Podcast discute cotas para mulheres nestas eleições e machismo nos partidos	https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/09/podcast-discute-cotas-para-mulheres-nestas-eleicoes-e-machismo-nos-partidos.shtml
23/09/2022	C26 - Datafolha: Veja evolução de Lula e Bolsonaro entre homens e mulheres	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/datafolha-veja-evolucao-de-lula-e-bolsonaro-entre-homens-e-mulheres.shtml
24/09/2022	C27 - Campanha de Bolsonaro lamenta atritos com Tebet e Soraya e comemora falas de economia	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/campanha-de-bolsonaro-lamenta-atritos-com-tebet-e-soraya-e-comemora-falas-de-economia.shtml
24/09/2022	C28 - Bolsonaro trava embate com Ciro, Tebet e Soraya, e Lula é atacado por ausência em debate	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/bolsonaro-trava-embate-com-ciro-tebet-e-soraya-e-lula-e-atacado-por-ausencia-em-debate.shtml
25/09/2022	C29 - Jair Renan defende a mãe e rebate provocação de Michelle Bolsonaro	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/jair-renan-defende-a-mae-e-rebate-provocacao-de-michelle-bolsonaro.shtml
27/09/2022	C30 - Governo não é autor de projetos sobre mulheres sancionados por Bolsonaro e citados na campanha	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/09/governo-nao-foi-autor-de-projetos-sobre-mulheres-sancionados-por-bolsonaro-e-citados-na-campanha.shtml
27/09/2022	C31 - Datafolha: Mulheres indecisas têm percepção negativa de Bolsonaro e da economia	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/datafolha-mulheres-indecisas-tem-percepcao-negativa-de-bolsonaro-e-da-economia.shtml
30/09/2022	C32 - Datafolha: Lula mantém vantagem sobre Bolsonaro entre mulheres e homens	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/datafolha-lula-mantem-vantagem-sobre-bolsonaro-entre-mulheres-e-homens.shtml
1º/10/2022	C33 - Governo Bolsonaro corta verba de ações para mulheres em até 99% no Orçamento de 2023	https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/10/governo-bolsonaro-corta-verba-de-acoes-para-mulheres-em-ate-99-no-orcamento-de-2023.shtml
3/10/2022	C34 - Em campanha, Bolsonaro promete anunciar 13º do Auxílio Brasil para mulheres	https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/10/bolsonaro-promete-anunciar-13o-do-auxilio-brasil-para-mulheres.shtml
3/10/2022	C35 - Com Auxílio, mulheres e mais pobres são 1º alvo de Bolsonaro para reduzir vantagem de Lula	https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/10/com-auxilio-mulheres-e-mais-pobres-sao-1o-alvo-de-bolsonaro-para-reduzir-vantagem-de-lula.shtml

5/10/2022	C36 - Bolsonaro escala Michelle e Damares para tentar reduzir rejeição feminina	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/bolsonaro-escala-michelle-e-damares-para-reduzir-rejeicao-feminina.shtml
5/10/2022	C37 - Bolsonaro já defendeu aborto como 'escolha do casal' e relatou experiência pessoal em entrevista	https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2022/10/bolsonaro-ja-defendeu-aborto-como-escolha-do-casal-e-relatou-experiencia-pessoal-em-entrevista.shtml
15/10/2022	C38 - Bolsonaro diz que 'pintou um clima' com 'meninhas de 14 e 15 anos', e vídeo vira munição de adversários	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/bolsonaro-diz-que-pintou-um-clima-com-meninhas-de-14-e-15-anos-e-video-vira-municao-de-adversarios.shtml
16/10/2022	C39 - Lula publica vídeo com fala de Bolsonaro sobre garotas venezuelanas	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/lula-publica-video-com-fala-de-bolsonaro-sobre-garotas-venezuelanas.shtml
16/10/2022	C40 - Venezuelana refuta fala de Bolsonaro e diz que casa abrigava ação social	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/venezuelana-refuta-fala-de-bolsonaro-e-diz-que-casa-abrigava-acao-social.shtml
16/10/2022	C41 - Moraes manda campanha de Lula remover conteúdo que associa Bolsonaro a pedofilia por fala sobre venezuelanas	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/moraes-manda-campanha-de-lula-remover-conteudo-que-associa-bolsonaro-a-pedofilia-por-fala-sobre-venezuelanas.shtml
16/10/2022	C42 - Senador aciona STF após Bolsonaro dizer que 'pintou um clima' com meninas	https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2022/10/stf-e-acionado-apos-bolsonaro-dizer-que-pintou-um-clima-com-meninas-venezuelanas.shtml
16/10/2022	C43 - Bolsonaro faz live à 0h e ataca PT após ter dito que 'pintou um clima' com meninas de 14 anos	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/bolsonaro-diz-que-pt-ultrapassou-todos-os-limites-ao-mencionar-video-sobre-venezuelanas-em-que-fala-pintou-um-clima.shtml
16/10/2022	C44 - Michelle e Damares devem visitar venezuelanas após fala de Bolsonaro de que 'pintou um clima' com adolescentes	https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2022/10/michelle-e-damares-devem-visitar-venezuelanas-apos-fala-de-bolsonaro-de-que-pintou-um-clima-com-adolescentes.shtml
16/10/2022	C45 - Grupo de advogados pede que Bolsonaro seja investigado após 'suposto flerte' com meninas	https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2022/10/grupo-de-advogados-pede-que-bolsonaro-seja-investigado-apos-suposto-flerte-com-meninas.shtml
16/10/2022	C46 - YouTube remove entrevista em que Bolsonaro fala de venezuelanas	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/youtube-remove-entrevista-em-que-bolsonaro-fala-de-venezuelanas.shtml
16/10/2022	C47 - Michelle defende Bolsonaro e diz que marido tem mania de falar 'se pintar um clima'	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/michelle-defende-bolsonaro-e-diz-que-marido-tem-mania-de-falar-se-pintar-um-clima.shtml
16/10/2022	C48 - Tebet diz que Bolsonaro precisa responder na justiça caso das meninas venezuelanas	https://aovivo.folha.uol.com.br/poder/2022/10/03/6209-as-principais-noticias-do-segundo-turno-das-eleicoes-acompanhe.shtml#post420855

16/10/2022	C49 - Lula diz que não vai agredir Vera após Bolsonaro atacá-la em debate	https://aovivo.folha.uol.com.br/poder/2022/10/16/6213-lula-e-bolsonaro-participam-do-primeiro-debate-do-2-turno-acompanhe.shtml#post420896
17/10/2022	C51 - Michelle e Damares encontram venezuelanas após vídeo de Bolsonaro	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/michelle-encontra-venezuelanas-apos-video-de-bolsonaro.shtml
18/10/2022	C52 - Falta pudor e decência, diz Joaquim Barbosa sobre visita de Michelle e Damares a venezuelanas	https://aovivo.folha.uol.com.br/poder/2022/10/03/6209-as-principais-noticias-do-segundo-turno-das-eleicoes-acompanhe.shtml#post420954
18/10/2022	C53 - Bolsonaro gravou vídeo de retratação após encontro de primeira-dama com família citada em podcast	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/bolsonaro-grava-pedido-de-desculpas-por-vincular-meninas-venezuelanas-a-prostituicao-veja-video.shtml
18/10/2022	C54 - Bolsonaro se comporta como se fosse pedófilo, diz Lula ao podcast Flow	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/bolsonaro-se-comporta-como-se-fose-pedofilo-diz-lula-ao-podcast-flow.shtml
20/10/2022	C56 - TSE dá direito de resposta a Bolsonaro na propaganda de Lula sobre aborto e relação com o crime	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/tse-da-direito-de-resposta-a-bolsonaro-na-propaganda-de-lula-sobre-aborto-e-relacao-com-o-crime.shtml
20/10/2022	C57 - Não olhe para meu marido, olhe para mim que sou uma serva do Senhor', diz Michelle a evangélicas	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/nao-olhe-para-meu-marido-olhe-para-mim-que-sou-uma-serva-do-senhor-diz-michelle-a-evangelicas.shtml
21/10/2022	C58 - Dilma critica Bolsonaro e diz que 'quem preza a família deve prezar meninas de 15 anos'	https://aovivo.folha.uol.com.br/poder/2022/10/03/6209-as-principais-noticias-do-segundo-turno-das-eleicoes-acompanhe.shtml#post421040
21/10/2022	C59 - Michelle Bolsonaro vai a Minas no mesmo dia de ex-presidente e entoa 'Lula ladrão'	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/michelle-bolsonaro-vai-a-minas-no-mesmo-dia-de-ex-presidente-e-entoa-lula-ladrao.shtml
24/10/2022	C60 - Em vídeo, Michelle Bolsonaro chama Kelmon de 'padre mais amado do Brasil'; veja	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/em-video-michelle-bolsonaro-chama-kelmon-de-padre-mais-amado-do-brasil-veja.shtml
26/10/2022	C61 - Quem são as 'Mulheres com Bolsonaro', uma aposta do presidente para a reeleição	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/que-m-sao-as-mulheres-com-bolsonaro-uma-aposta-do-presidente-para-a-reeleicao.shtml
27/10/2022	C62 - Micheque' e 'macumbeira' lideram ofensas nas redes de Michelle e Janja	https://www1.folha.uol.com.br/folha-social-mais/2022/10/micheque-e-macumbeira-lideram-ofensas-nas-redes-de-michelle-e-janja.shtml
24/09/2022	C63 - Jovem é agredida com paulada na cabeça após crítica a Bolsonaro em Angra	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/jovem-e-agredida-com-paulada-na-cabeca-apos-critica-a-bolsonaro-em-angra.shtml
13/10/2022	C64 - Damares dá diferentes versões sobre denúncias: 'Vão achar que menti, mas é para preservar investigações'	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/10/damares-da-diferentes-versoes-sobre-denuncias-vao-achar-que-menti-mas-e-para-preservar-investigacoes.shtml

13/10/2022	C65 - CPI investigou 100 mil casos de crimes sexuais contra crianças e não achou nenhum como o descrito por Damares	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/10/cpi-investigou-100-mil-casos-de-crimes-sexuais-contra-criancas-e-nao-achou-nenhum-como-o-descrito-por-damares.shtml
13/10/2022	C66 - Aliados de Damares não veem risco de cassação por fala sem provas sobre pedofilia	https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2022/10/aliados-de-damares-nao-veem-risco-de-cassacao-por-fala-sem-provas-sobre-pedofilia.shtml
10/10/2022	C67 - Advogados pedem que STF investigue declarações de Damares sobre estupro de crianças	https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2022/10/advogados-pedem-que-stf-investigue-declaracoes-de-damares-sobre-estupro-de-criancas.shtml
11/10/2022	C68 - Ministério tem três dias para prestar informações após falas de Damares	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/10/ministerio-tem-tres-dias-para-prestar-informacoes-apos-falas-de-damares.shtml

Fonte: Elaborada pela autora.

Na Folha de S. Paulo, excluimos seis matérias pré-selecionadas por serem conteúdos oriundos de colunas de comportamento e de outras áreas. Foram consideradas apenas as colunas de Mônica Bergamo e Painel (editada por Fábio Zanini, e produzida por Guilherme Seto e Danielle Brant), que, assim como os blogs do G1, cobrem os bastidores da política e têm um perfil mais informativo que opinativo. As pautas das 62 matérias foram distribuídas da seguinte forma: repercussão de debate (6), declaração de Michelle Bolsonaro (6), declaração de Lula (1), ataque à jornalista Vera Magalhães (4), caso das venezuelanas (16), declaração de Bolsonaro (2), pesquisa eleitoral (6), aborto (2), caso das crianças da Ilha de Marajó (5), decisão judicial sobre a campanha (1), estratégia de campanha (7), candidaturas femininas (2), ataques a opositores de Bolsonaro (1), ofensas a Michelle e Janja (1), políticas para mulheres (2).

4.2.2 Fase 2: Categorias de análise

Realizada essa primeira fase de busca e mapeamento das pautas, partiremos para o conteúdo das matérias selecionadas, de acordo com as categorias de análise. Sampaio e Lycarião (2021) explicam que a codificação é “um método que permite ao pesquisador organizar e agrupar dados codificados em categorias ou famílias pelo compartilhamento de suas características”. Carlomagno e Rocha (2016) também destacam que a análise de conteúdo requer regras objetivas para a inclusão e exclusão de conteúdos nas categorias.

Para fazer a análise das matérias levantadas na busca, vamos adotar a metodologia utilizada por Márquez-Ramírez et al (2020), que, no trabalho “*Detached or Interventionist? Comparing the Performance of Watchdog Journalism in Transitional, Advanced and Non-democratic Countries*”, analisaram 64 veículos de imprensa de 18 países e classificaram o comportamento do jornalismo cão de guarda como “intervencionista” ou “distanciado” (*detached*). Entre os resultados, as pesquisadoras chegaram à conclusão que a abordagem intervencionista é mais comum em países com tradição de uma imprensa partidária ou que atravessam uma crise sociopolítica. Já a orientação “*detached*”, segundo eles, predomina em países com a tradição jornalística associada aos ideais de objetividade, que inclui o Brasil. Em países não democráticos, os autores afirmam que a função de cão de guarda do jornalismo é quase inexistente. “No geral, o desempenho de uma forma destacada do papel de cão de guarda é significativamente maior do que um papel de cão de guarda intervencionista em todo o mundo” (Márquez-Ramírez et al., 2020, p. 63), com destaque na abordagem distanciada para a imprensa dos Estados Unidos e da Polônia, seguidos por Alemanha, Espanha, México, Argentina, Brasil, Grécia e Hungria.

Para medir essas duas variações do papel de cão de guarda - distanciado e intervencionista - os autores consideraram três elementos principais: intensidade do escrutínio, a voz do escrutínio, e fonte do evento (MARQUEZ-RAMÍREZ et al., 2020). Novais (2022), que também utilizou a metodologia dos autores para analisar a cobertura da extrema direita em Portugal, destaca:

Resumidamente, a lógica deles é a seguinte: quanto maior o nível de intensidade (variando de questionamento à crítica e denúncia), a presença da voz do jornalista na reportagem (em vez de uma terceira parte ou fonte), e a iniciativa do repórter em procurar e revelar exposições (com processos judiciais ou investigações externas) mais forma intervencionista é a forma de jornalismo de vigilância, e vice-versa. (NOVAIS, 2022, p. 322)⁷⁶

Seguindo essa lógica, temos, na Tabela 5, as categorias de análise, que serão aplicadas a todas as matérias de cada um dos três portais.

⁷⁶ Do original: In a nutshell, their rationale is: the higher the level of the intensity (ranging from questioning to criticizing and denouncing), the presence of the journalist’s voice in reporting (instead of a third party or source), and the reporter’s initiative in seeking and unveiling exposes (au lieu of covering judiciary processes or external investigations) the more interventionist form of watchdog journalism and vice versa.

Tabela 5 - Categorias de análise

Indicadores
<p>Informações judiciais/processos administrativos A notícia inclui informações sobre julgamentos, processos judiciais ou administrativos contra indivíduos ou grupos de poder.</p>
<p>Questionamento de fontes Questionamento de indivíduos ou grupos de poder por meio de citações, declarações e/ou opiniões dadas por alguém que não seja o jornalista.</p>
<p>Críticas de fontes A crítica é feita a indivíduos ou grupos de poder na forma de citações, declarações e/ou opiniões negativas dadas por alguém que não seja o jornalista.</p>
<p>Denúncia de fontes Citações e/ou depoimentos são fornecidos por outras pessoas que não o jornalista, que dão conta, acusam ou evidenciam algo oculto, não apenas ilegal, mas também irregular ou inconveniente, em relação a indivíduos ou grupos de poder.</p>
<p>Investigação externa A notícia inclui investigações que não foram realizadas pelo jornalista – como pesquisas judiciais, administrativas, especializadas/acadêmicas, entre outras – mas que ele cobre extensivamente.</p>
<p>Questionamento do jornalista Por meio de depoimentos e/ou opiniões, o jornalista questiona a validade ou veracidade do que os indivíduos ou grupos no poder dizem ou fazem.</p>
<p>Críticas do jornalista O jornalista faz uma afirmação ou referência em que julga ou condena negativamente o que os indivíduos ou grupos no poder dizem ou fazem.</p>
<p>Denúncia do jornalista O jornalista faz uma afirmação ou referência em que acusa ou evidencia algo oculto, não apenas ilegal, mas também irregular ou inconveniente em relação a indivíduos ou grupos de poder.</p>
<p>Relatório de conflito O jornalista invoca uma fonte, uma instituição ou um indivíduo de uma esfera de poder como oponente.</p>

Fonte: Elaborada com base no JRP Project.

4.2.3 Hipóteses

As hipóteses desta pesquisa consideram o histórico dos três portais no que se refere ao candidato Jair Bolsonaro e uma pré-análise das matérias levantadas. A primeira é de que a Folha de S. Paulo teria um perfil mais combativo, com mais críticas e denúncias, considerando o posicionamento do Grupo em pautas como do caso da jornalista Patrícia Campos Mello, que faz parte da empresa. A segunda é que o G1 teria uma postura questionadora, mas em menor grau que a Folha, usando a voz das fontes para manter a aparência de imparcialidade. A última considera que o R7 é a

mais ausente do debate de gênero, não pautando ou fazendo uso do jornalismo declaratório.

Essas hipóteses dialogam com os dados sobre violência contra jornalistas, praticada por agentes do governo Bolsonaro e por apoiadores, e também pela tensa relação entre os Grupos Globo e Folha com Bolsonaro, o que não foi observado com o Grupo Record em quatro anos de governo.

5 A PAUTA DE GÊNERO NA CAMPANHA DE 2022

Para analisar a pauta de gênero na campanha presidencial de 2022 elegemos portais de três grandes conglomerados de comunicação do país: Grupo Globo, Grupo Record e Folha de S. Paulo. Após aplicar todos os critérios de inclusão e exclusão descritos no Livro de Códigos (Apêndice A), chegamos ao total de 121 matérias, sendo 37 do G1, 22 do T7 e 62 da Folha de S. Paulo.

Tabela 6 - Resultados quantitativos

Portais	G1	R7	Folha de S. Paulo
Número de matérias	37	22	62

Fonte: Elaborada pela autora.

Os dados mostram um primeiro grande destaque que é a discrepância do resultado do portal R7 em relação aos demais. O número reduzido de matérias (n=22) já denota a baixa prioridade dada à pauta que relaciona Jair Bolsonaro às mulheres. Em segundo lugar na análise quantitativa, temos o G1, seguido pela Folha de S. Paulo, que tem quase o triplo da quantidade de matérias do R7.

5.1 Análise e discussão dos resultados

Para garantir a confiabilidade desta pesquisa, foram realizadas duas análises de conteúdo. A primeira foi realizada entre agosto e setembro de 2023, com checagem dos resultados realizada após um mês, como recomendam Sampaio e Lycarião (2021), já que a codificação foi feita por uma única pessoa. É fundamental ressaltar que entre as duas análises foram feitos ajustes no Livro de Códigos. Um deles foi explicitar que matérias que tratam de temas não relativos à eleição presidencial devem ser excluídas, assim como colunas que não cobrem a área política, o que rendeu a exclusão de sete matérias durante a checagem.

Outro ponto relevante do processo de análise é que, dada a dificuldade para determinar qual a fronteira entre questionamento e crítica (tanto de fontes como do jornalista), decidimos, com base no Livro de Códigos do JRP Project, que, para ser considerado questionamento, é necessário que haja menção explícita na matéria. Quanto às críticas, vale destacar que elas podem vir em qualquer parte da matéria,

incluindo legendas, infográficos e vídeos. Essas observações se justificam pelo fato de que esses foram os principais pontos de discordância entre as duas análises, mas que foram devidamente sanadas com a adoção desses critérios. Além disso, matérias que tratam de pesquisa eleitoral foram classificadas com a presença de investigação externa.

Na análise das 37 matérias do G1, temos 10 oriundas de blogs de jornalistas, como Blog da Julia Duailibi, comentarista de política e economia da GloboNews; Blog da Andréia Sadi, que escreve sobre bastidores da política no portal, além de ser apresentadora do Estúdio I (GloboNews) e comentarista de política da CBN; Blog do Valdo Cruz, comentarista de política e economia da GloboNews; e Blog do Octavio Guedes, comentarista de política da GloboNews. Além dos blogs, vale ressaltar que o portal conta com vídeos da GloboNews, como é o caso da matéria A7, que traz um vídeo de Andréia Sadi, e o podcast O Assunto, de Renata Lo Prete, como é o caso da A9, que trata de agressões a jornalistas.

Os resultados do G1 têm como destaques o uso de relatório de conflito (81,1% das matérias) e críticas das fontes (64,86%). Em mais da metade das matérias também encontramos informações judiciais ou de processos administrativos (51,35%). O recurso da denúncia foi o menos utilizado pelo veículo, com 10,81% no caso das fontes. Em relação à voz do jornalista nas matérias, temos resultados relevantes em: crítica do jornalista em mais da metade das matérias (56,75%), questionamento do jornalista (24,32%) e denúncia do jornalista (21,62%).

Com os resultados, podemos destacar que o G1 deu visibilidade para a pauta que trata da relação entre Bolsonaro e o eleitorado feminino, teve preocupação com o contraponto nas matérias e, em alguns casos, há crítica explícita já no título. Como exemplos temos: “‘Tática clássica do machismo’, afirma Sadi sobre comparação de Bolsonaro entre primeiras-damas”; “Bolsonaro dá a senha para que homens ataquem mulheres, diz antropóloga Isabela Kalil”; “Declaração sobre venezuelanas desgasta Bolsonaro e dá votos a Lula, dizem petistas e bolsonaristas”; “Em ato no RS, Bolsonaro pergunta se mulheres prefeririam ‘Lei Maria da Penha ou uma pistola’ em situação de perigo”.

Imagens 1 e 2 - Matérias G1

ELEIÇÕES
POLÍTICA

Em outros vídeos, Bolsonaro insinuou ou afirmou que meninas venezuelanas estavam bem arrumadas para 'fazer programa'

Declarações contam mesma história de vídeo que viralizou no fim de semana, no qual presidente diz que 'pintou um clima' com adolescentes. Nesta terça, Bolsonaro voltou ao tema, negou que houvesse prostituição na casa e pediu desculpas.

Por g1 — Brasília
18/10/2022 15h08 · Atualizado há 11 meses







Pintou um clima: veja declarações de Bolsonaro sobre meninas venezuelanas

Por Julia Duailibi
Julia Duailibi é comentarista de política e economia da GloboNews.

Líderes nas pesquisas cometem erros, e mulheres ganham protagonismo no 1º debate

29/08/2022 01h13 · Atualizado há um ano







Fonte: Portal G1

Quanto às pautas, temos um número elevado de matérias sobre o caso das venezuelanas (13), com muitas suítes nos dias subsequentes. Na matéria A26, cujo título é “Em outros vídeos, Bolsonaro insinuou ou afirmou que meninas venezuelanas estavam bem arrumadas para ‘fazer programa’”, o portal faz uma das oito denúncias feitas pelo jornalista, além de criticar explicitamente Bolsonaro. Ao analisar vídeos anteriores, o repórter revela que Bolsonaro teria falado em “programa” e depois negou. Quanto à crítica, a matéria diz:

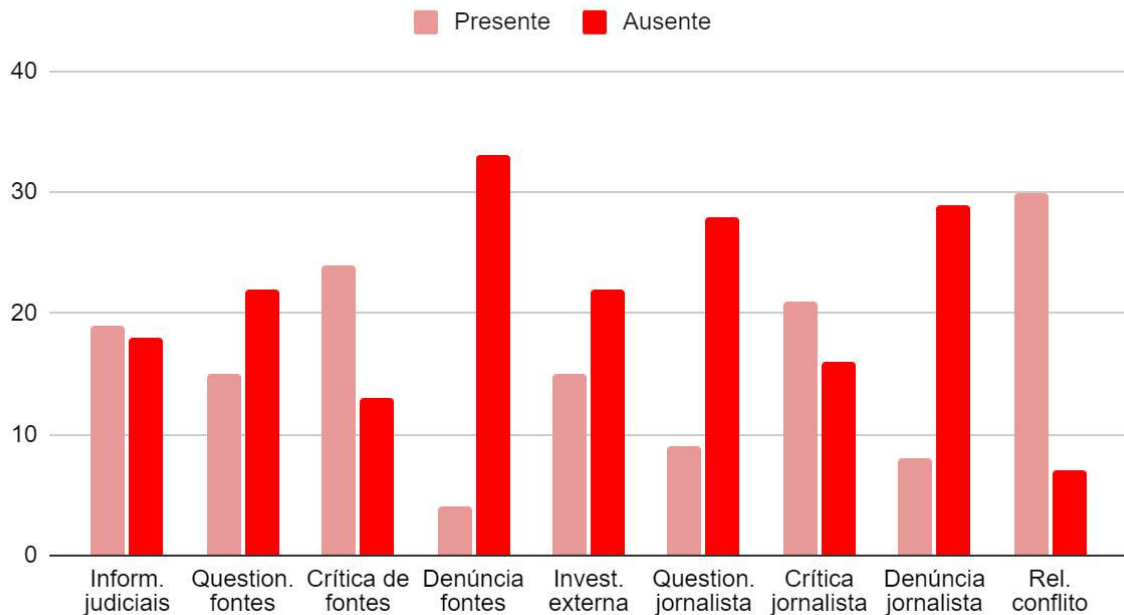
Em duas ocasiões desde o último domingo, Bolsonaro disse que a então ministra Damares Alves visitou as meninas venezuelanas ainda em 2021 para buscar maiores detalhes sobre o caso, e descobriu que não havia prostituição infantil no local. Bolsonaro não explicou, no entanto, por que voltou a afirmar em entrevistas recentes que as venezuelanas “faziam programa” – mais de um ano após o suposto esclarecimento feito por Damares. (G1, 2022)

A estratégia de utilizar a imagem de Michelle Bolsonaro para atrair mais votos femininos também virou pauta no G1. Entre os exemplos temos as matérias A12 (“Comitê de Bolsonaro cria núcleo para tentar conter rejeição entre mulheres; Michelle coordenará”) e A14 (“Michelle viaja a mais estados do que Bolsonaro e foca no Norte e Nordeste”). Na A24 (“Bolsonaro agora nega prostituição em casa de meninas venezuelanas e, ao lado de Michelle, diz que mulheres do local eram trabalhadoras”),

que trata da crise desencadeada pela fala sobre as venezuelanas, temos esse enfoque já no título. Na A30 (“Caso Roberto Jefferson: campanha de Bolsonaro teme perder votos de mulheres”), também fica evidente a preocupação com o voto das mulheres.

Gráfico 1 - Resultados G1

Análise de conteúdo - G1



Fonte: Elaborada pela autora.

Já no R7, temos o predomínio de matérias muito curtas e declaratórias, sendo a maioria sem contraponto ou qualquer outra informação que enriqueça a publicação. Entre os resultados, temos um bastante relevante: em quatro das nove categorias de análise (questionamento de fontes, denúncia de fontes, crítica do jornalista e denúncia do jornalista) não há presença desses indicadores nas matérias coletadas. Em outras duas categorias (investigação externa e questionamento do jornalista), existe apenas uma incidência de matéria em cada uma.

O viés positivo adotado, assim como tamanho reduzido das matérias e a escolha das imagens para ilustrá-las, também é ponto de destaque do R7. Ou seja, a maioria das matérias assume o ponto de vista da campanha de Bolsonaro ou é relatorial, sem outras vozes. Na matéria cujo título é “Michelle e Damares se reúnem com venezuelanas citadas por Bolsonaro”, vale ressaltar a escolha da palavra “citadas” e do abre que diz: “Encontro, que ocorreu nesta segunda-feira (17), durou

mais de uma hora; 'O objetivo é acolher, é abraçá-las', disse a senadora eleita". Em nenhum momento da matéria há menção sobre a repercussão negativa do tema e sobre os pedidos de investigações de diversos atores políticos, noticiados nos outros veículos.

Imagens 3 e 4 - Matérias R7

Notícias > Eleições 2022

Michelle e Damares se reúnem com venezuelanas citadas por Bolsonaro

Encontro, que ocorreu nesta segunda-feira (17), durou mais de uma hora; 'O objetivo é acolher, é abraçá-las', disse a senadora eleita

ELEIÇÕES 2022 | Do R7
17/10/2022 - 22H52 (ATUALIZADO EM 18/10/2022 - 09H11)



Damare Alves (Republicanos), Michelle Bolsonaro e Jair Bolsonaro (PL)
REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Fonte: Portal R7

Notícias > Política > Cristina Lemos

'Mulheres com Bolsonaro' faz ofensiva por voto e confronta feministas

Movimento quer reunir mulheres conservadoras e tem primeira-dama na liderança. Parlamentares reeleitas e esposas de governadores alinhados aderem

CHRISTINA LEMOS | Do R7
11/10/2022 - 10H21 (ATUALIZADO EM 11/10/2022 - 12H48)



Movimento busca forjar 'feminismo de direita' e ampliar adesão à reeleição de Bolsonaro
MARCIO CAMARGO / AGENCIA BRASIL / 08.03.2022

Outro dado observado na análise do portal do Grupo Record é a presença de pautas que tratam de agressões sofridas apenas por apoiadores de Bolsonaro. Entre elas temos: "Homem atira contra igreja antes de evento com Michelle Bolsonaro"; "Michelle Bolsonaro chora ao contar que filha foi xingada por colegas"; e "Yudi declara voto em Bolsonaro, é perseguido por haters e recebe apoio da primeira-dama". Nessa última, o abre continua na mesma linha: "Michelle Bolsonaro desejou 'coragem e força' ao ator, em meio a ataques de haters de esquerda nas redes sociais". A matéria repete a expressão "haters de esquerda" e diz que Yudi não se posicionou para obter vantagem nas redes, "até porque o resultado foi totalmente o oposto". Em outro exemplo, o portal publica: "Jornalista xinga filha de Bolsonaro e Michelle; primeira-dama rebate: 'Medidas serão tomadas'". No abre da matéria temos: "Barbara Gancia

criticou Bolsonaro e chamou Laura, 12 anos, de 'p...' pelas redes sociais". A matéria diz:

No Twitter, ao criticar Bolsonaro pelo episódio com adolescentes venezuelanas, Barbara Gancia citou Laura e a xingou de "p...".
 "Para bolsonarista imbrochável feito o nosso presidente, quando a filha do Bolsonaro se arruma, ela parece uma p...", escreveu Barbara.
 Também pelas redes sociais, Michelle reagiu. "Só lembrando a esta senhora que minha filha Laura é uma criança. Medidas serão tomadas", postou a primeira-dama no Instagram. (R7, 2022)

Além de ter uma condução questionável, é importante destacar que a matéria não ouviu a jornalista Barbara Gancia.

Em outra publicação, o portal reproduz o vídeo da entrevista de Bolsonaro ao Jornal da Record. O texto diz: "Eduardo Ribeiro cita o argumento de adversários de Jair Bolsonaro de que o candidato à reeleição pelo PL não valoriza as mulheres e não produz políticas públicas para essa parcela da população" e convida o leitor a ver o vídeo com a resposta do candidato. No vídeo, Bolsonaro diz, entre outras coisas, a seguinte frase: "eu tenho uma filha, eu tenho três netas, eu quero o bem delas".

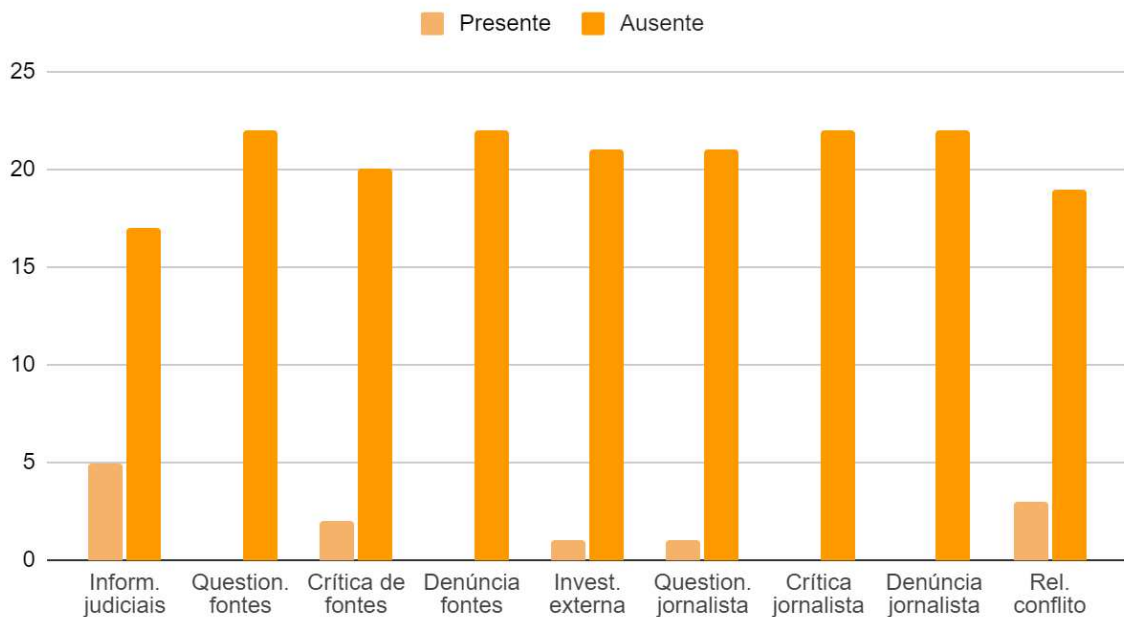
Nas pautas positivas para a campanha de Bolsonaro, também há destaque para a estratégia do grupo "Mulheres com Bolsonaro" para atrair o voto feminino ("Em Goiânia, Michelle Bolsonaro participa de encontro com mulheres: 'Basta de mentira'", "Mulheres com Bolsonaro' faz ofensiva por voto e confronta feministas", matéria do blog de Christina Lemos, apresentadora do Jornal da Record). A ex-ministra e senadora eleita, Damares Alves também é uma fonte bastante utilizada pelo portal, como em "Ministros de Bolsonaro viram governadores e senadores; dos outros, presidiários, diz Damares"; ""Com presença de Damares, acampamento ex-MST declara apoio a Bolsonaro".

No caso de matérias que falam de processos judiciais, há um viés positivo para a campanha de Bolsonaro, como em "Moraes proíbe PT de usar vídeos que associam indevidamente Bolsonaro à pedofilia". Vale destacar o uso do "indevidamente" já no título.

Um outro detalhe curioso é que, em várias matérias, o portal não utiliza o nome da coligação de Lula, mas usa "PT", assumindo o discurso bolsonarista.

Gráfico 2 - Resultados R7

Análise de conteúdo - R7



Fonte: Elaborada pela autora.

Por fim, a Folha de S. Paulo foi a líder no número de matérias (n=62) e, na análise de conteúdo, destacou-se pelo uso de relatório de conflito (59,67%) e crítica de fontes (56,45%). As críticas do jornalista também são destaque no levantamento da Folha, com 43,54%. Investigação externa apareceu em 38,70% e informações judiciais e processos administrativos em 32,25% das matérias. A categoria que mede o uso de denúncias foi o mais baixo observado no portal, com 8,06% de fontes e 6,45% dos jornalistas.

Dentre os títulos que demonstram a postura crítica do veículo temos: “Bolsonaro faz piada machista e diz que notícia boa para mulher é beijinho e presente”; “Governo não é autor de projetos sobre mulheres sancionados por Bolsonaro e citados na campanha”; “Governo Bolsonaro corta verba de ações para mulheres em até 99% no Orçamento de 2023”; “Bolsonaro diz que 'pintou um clima' com 'meninhas de 14 e 15 anos', e vídeo vira munição de adversários”.

Imagens 5 e 6 - Matérias Folha de S. Paulo

GOVERNO BOLSONARO · ELEIÇÕES 2022 · MACHISMO

Bolsonaro faz piada machista e diz que notícia boa para mulher é beijinho e presente

Presidente fez comentário em sua transmissão semanal antes de falar sobre queda na taxa de feminicídio



Marianna Holanda

BRASÍLIA O presidente [Jair Bolsonaro \(PL\)](#) disse nesta quinta-feira (1º), em tom de brincadeira, que notícia boa para mulher é "beijinho, rosa, presente, férias".

A piada machista foi feita durante sua transmissão semanal nas redes sociais.



Fonte: Portal Folha de S. Paulo

Governo Bolsonaro corta verba de ações para mulheres em até 99% no Orçamento de 2023

Na proposta, 47 de 74 políticas tiveram redução; especialista fala em descaso



Idiana Tomazelli
Marianna Holanda

BRASÍLIA Dois terços das ações que beneficiam mulheres no Orçamento tiveram cortes na proposta para 2023, enviada pelo governo [Jair Bolsonaro \(PL\)](#) ao Congresso no fim de agosto. Nos casos mais expressivos, a tesouraria representa 99% do que havia sido reservado inicialmente em 2022.

Os dados foram reunidos pela [Folha](#) usando a lista de iniciativas consideradas pelo próprio governo na formulação do chamado [Orçamento Mulher](#), uma relação de políticas públicas que exercem impacto nos direitos da população feminina do país.

O documento elenca 79 ações orçamentárias, que incluem desde medidas focadas no combate à desigualdade de gênero até políticas universais, mas que afetam as mulheres de forma distinta. Nesse segundo grupo, há iniciativas nas áreas de saúde, educação, habitação e [assistência social](#).



Para ilustrar a análise de conteúdo, temos a matéria cujo título é “Bolsonaro ataca jornalista Vera Magalhães e Tebet e diz que são uma vergonha; veja vídeo”. A matéria foi classificada, por exemplo, com a presença de crítica do jornalista, crítica de fontes e questionamento de fontes (presença explícita no trecho: “No último bloco do debate, quando candidatos puderam fazer perguntas para os seus adversários, Tebet questionou o presidente por que ele tinha “tanta raiva das mulheres.”). Já a matéria “Debate teve falas misóginas e ausência de referência a mulheres negras, apontam especialistas” demonstra a presença de denúncia e crítica do jornalista:

Porém, dos 46 projetos sancionados durante seu mandato, nenhum foi de autoria do Executivo, e 6 propostas que beneficiavam as mulheres foram vetadas pelo mandatário, como a distribuição gratuita de absorvente a mulheres de baixa renda, mostrou uma reportagem do UOL. Durante todo o governo, o atual presidente deixou claro que sua política para as mulheres é

ser contra aborto, proibir as drogas e dar armas para as mulheres do campo. (FSP, 2022)

Na matéria “Debate mostra que agenda feminina ainda é vista como política de papo furado”, Angela Boldrini, autora da matéria, é bastante explícita nas críticas:

Apesar da busca pelo voto de mulheres, os candidatos à Presidência mostraram desconhecer conceitos básicos como misoginia e política de paridade de gênero e trataram as 109 milhões de brasileiras como um nicho a ser conquistado, não como o maior grupo populacional do Brasil. A questão feminina ganhou centralidade graças ao ataque misógino do presidente Jair Bolsonaro (PL) à jornalista Vera Magalhães, da TV Cultura. Misógino porque ofende com elementos de gênero: "Acho que você dorme pensando em mim" e "tem uma paixão por mim" são ofensas que dialogam com o fato de a jornalista ser mulher. (FSP, 2022)

Nas matérias C30 (“Governo não é autor de projetos sobre mulheres sancionados por Bolsonaro e citados na campanha”) e C33 (“Governo Bolsonaro corta verba de ações para mulheres em até 99% no Orçamento de 2023”), temos a presença de denúncia do jornalista, enquanto na C40 (“Venezuelana refuta fala de Bolsonaro e diz que casa abrigava ação social”) temos denúncia de fonte, já que a venezuelana ouvida na matéria desmente a versão dada por Bolsonaro. Aliás, o caso das venezuelanas foi o que rendeu o maior número de matérias na Folha (16) - assim como no G1 (13). De acordo com Martins (2023), o Observatório das Eleições registrou a discussão que associava o então presidente à pedofilia. “A questão veio à tona a partir de uma fala do próprio Bolsonaro, que disse que “pintou um clima” entre ele e garotas venezuelanas, as quais o presidente associou à prostituição” (MARTINS, 2023, p. 114). A autora, que monitorou as menções ao tema no Twitter, no Facebook, no Instagram, no YouTube e em grupos bolsonaristas no WhatsApp entre os dias 14 e 18 de outubro, mostra que a discussão tomou as redes do campo lulista e alcançou o campo bolsonarista, que se viu na obrigação de responder. Isso teria freado a produção de “mais ações de desinformação por parte do bolsonarismo, que teve de suspender a artilharia para dar respostas”. (MARTINS, 2023, p. 117).

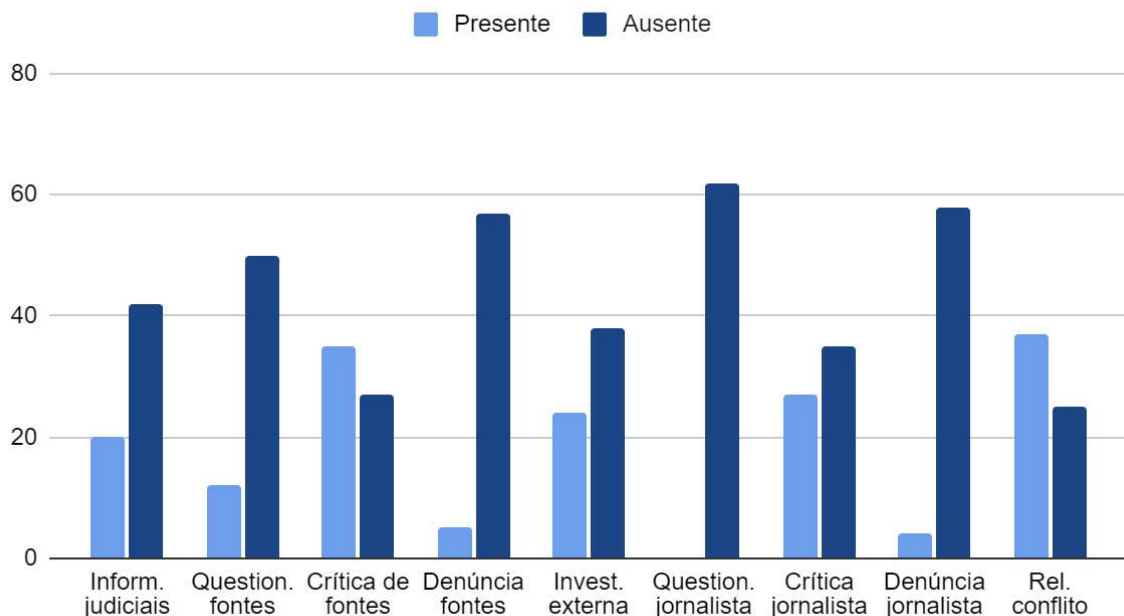
Em relação às pautas que tratam da estratégia de colocar Michelle e Damares na linha de frente da campanha de Bolsonaro, como na C36 (“Bolsonaro escala Michelle e Damares para tentar reduzir rejeição feminina”), não há nenhuma menção a processos ou episódios que possam tentar explicar essa rejeição das eleitoras.

"[Michelle] vai andar pelo Brasil com a Damares. Nos ajuda bastante, até para mostrar que foi impregnada por parte da mídia a ideia de que sou um troglodita que não gosta de mulheres", disse Bolsonaro na terça. A campanha do presidente já vem usando a primeira-dama para aproximá-lo das mulheres. A avaliação é que é possível avançar na fatia das eleitoras com perfil religioso, muitas vezes mães mais conservadoras. (FSP, 2022)

O mesmo acontece na C57 ("'Não olhe para meu marido, olhe para mim que sou uma serva do Senhor', diz Michelle a evangélicas"), que é bastante relatorial, com exceção do parágrafo em que o jornalista corrige Michelle: "(...) e ignorando outras que a antecederam, afirmou que o Brasil nunca teve "uma primeira-dama atuante" antes. A antropóloga Ruth Cardoso, esposa de Fernando Henrique Cardoso, engajou-se em políticas sociais, por exemplo".

Gráfico 3 - Resultados Folha de S. Paulo

Análise de conteúdo - FSP



Fonte: Elaborado pela autora.

Considerando os dados levantados nos três portais (Apêndice E), temos o G1 com os maiores percentuais em todas as categorias analisadas: informações judiciais (51,35%), questionamento de fontes (40,54%), crítica de fontes (64,86%), denúncia de fontes (10,81%), investigação externa (40,54%), questionamento do jornalista (24,32%), crítica do jornalista (56,75%), denúncia do jornalista (21,62%) e relatório de conflito (81,1%). Esses resultados contrariam as duas primeiras hipóteses levantadas por esta pesquisa, que diziam que Folha de S. Paulo teria um perfil mais

combativo, com mais críticas e denúncias, seguido pelo G1, que optaria pela voz das fontes para manter a aparência de imparcialidade. Na verdade, os dados da cobertura da eleição de 2022 mostram que o portal do Grupo Globo foi o que mais usou todos os recursos disponíveis de vigilância. No entanto, se considerarmos o número absoluto de matérias, temos, por exemplo, 27 matérias com críticas do jornalista e 35 com crítica de fontes na Folha de S. Paulo, números superiores aos 21 e 24 do G1, respectivamente.

No caso do R7, a hipótese inicial, de que seria portal com menos vigilância, se confirmou, e, considerando os resultados encontrados, chegamos à conclusão de que o veículo ultrapassa o jornalismo relatorial e assume a defesa da campanha de Bolsonaro. Em algumas matérias, inclusive, é difícil identificar a função de cão de guarda, tamanho o alinhamento com o discurso do ex-presidente. Como lembra Albuquerque, (2022), o papel de cão de guarda é o de expor os abusos cometidos por agentes do Estado e por detentores de poder, mas há casos em que essa função é inibida a tal ponto que chega a “desempenhar um papel de ‘cão de colo’ (*lapdog*) em relação aos poderosos” (ALBUQUERQUE, 2022, p. 188).

Em relação aos resultados de Marquez-Ramírez et al. (2020), os dados da eleição de 2022 comprovam que o papel de cão de guarda do jornalismo praticado no Brasil é, em sua maioria, do tipo distanciado e significativamente maior que a forma intervencionista. Isso significa, por exemplo, que a função de vigilância é mais frequente com o uso da voz de terceiros e menos com a voz do próprio jornalista e, no caso da intensidade do escrutínio, tem-se mais questionamentos e críticas e, por último, denúncias. No caso dos três portais analisados, também temos uma forte presença de relatório de conflito - que consiste no uso de uma fonte, uma instituição ou um indivíduo de uma esfera de poder como oponente - no G1 (81,1%) e na Folha de S. Paulo (59,67%). No R7, o percentual foi de apenas 13,63%. A presença de questionamento e de crítica, tanto de fontes como dos jornalistas, também são altos no G1 e na Folha e superam em muito o percentual de denúncias, confirmando a abordagem distanciado do jornalismo cão de guarda praticada no Brasil (MARQUEZ-RAMÍREZ et al., 2020). Já o R7, como citamos, é um caso à parte por ter um baixo percentual em todos os indicadores.

Dessa forma, concluímos que os resultados desta pesquisa confirmam a tradição distanciado do jornalismo cão de guarda brasileiro e apontam o G1 como o portal mais vigilante na eleição de 2022 em relação às pautas que tratam da relação

entre Bolsonaro e as mulheres. Em seguida, temos a Folha de S. Paulo, com o maior número absoluto de matérias, e com uma presença relevante de críticas e informações adicionais como processos judiciais e investigações externas. Por último, o R7 apresenta um baixo número de matérias e índice de vigilância, demonstrando um alinhamento à campanha de Jair Bolsonaro.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o objetivo de analisar a cobertura da grande imprensa sobre a relação entre Jair Bolsonaro e as mulheres na eleição presidencial de 2022. Para isso, foram analisados os portais Folha de S. Paulo, G1 e R7, de três dos maiores conglomerados de mídia do país: Grupo Folha, Grupo Globo e Grupo Record. A pesquisa levou em conta os principais acontecimentos políticos do país nas duas últimas décadas, tendo como marcos temporais a primeira vitória de Lula, em 2002, e o processo eleitoral de 2022. Nesse intervalo de 20 anos, o Brasil passou por fases de crescimento e de crise na economia, teve inúmeras manifestações de rua e um processo de impeachment que abalaram o cenário político, viu a ascensão das direitas no Brasil e no mundo, o crescimento das igrejas evangélicas e a vitória de Jair Bolsonaro em 2018. Durante o governo Bolsonaro (2019-2022), atravessou a maior pandemia do século com retrocessos na saúde e em diversas áreas. Com esse cenário, chegamos à disputa eleitoral de 2022, que, entre os elementos centrais, teve a rejeição das mulheres ao candidato à reeleição, fruto de um longo histórico de agressões e ofensas por parte do ex-presidente.

E para analisar de que forma a grande imprensa tratou a pauta de gênero e a relação entre Bolsonaro e as mulheres durante o processo eleitoral, levantamos as notícias entre 16 de agosto e 30 de outubro de 2022, período oficial de campanha, nos três portais. Chegamos a um total de 121 matérias, sendo 22 do R7, 37 do G1 e 62 da Folha de S. Paulo. Com o conteúdo coletado, o objetivo foi analisar as matérias sob a perspectiva do jornalismo cão de guarda, ou seja, observando se houve questionamentos, críticas, denúncias e investigações com o propósito de defender o interesse público (SCHMITZ, 2018). Para isso, adaptamos a metodologia de Marquez-Ramírez et al. (2020) e analisamos a presença ou ausência dos seguintes indicadores nas matérias: informações judiciais/processos administrativos; questionamento de fontes, críticas de fontes; denúncia de fontes; investigação externa; questionamento do jornalista; críticas do jornalista; denúncia do jornalista; e relatório de conflito.

Os resultados da análise de conteúdo confirmaram uma das hipóteses formuladas por este trabalho, que apontava para uma menor vigilância do R7. O portal, de fato, apresentou os menores índices e registrou a ausência de quatro dos nove indicadores. O baixo número de matérias somado à ausência de contraponto e à

adoção de um discurso favorável à campanha de Jair Bolsonaro nos leva a questionar se houve a efetiva função do jornalismo cão de guarda.

Já no caso do G1 e da Folha de S. Paulo, temos a caracterização do jornalismo cão de guarda distanciado, com o uso maior de críticas e de questionamentos, principalmente de fontes. No entanto, as hipóteses iniciais que tratam desses portais não se confirmaram. Os dados analisados mostraram que o portal G1, do Grupo Globo, foi o que proporcionalmente mais usou os recursos de vigilância, seguido pela Folha de S. Paulo.

Para Marquez-Ramírez et al. (2020), práticas rotineiras do jornalismo como críticas e questionamentos já demonstram algum grau de monitoramento e vigilância. Para os autores, “o escrutínio nem sempre gera responsabilidade real, mas um cão de guarda parcial, tímido ou partidário ainda é melhor do que nenhum cão de guarda” (MARQUEZ-RAMÍREZ, 2020, p. 70)⁷⁷.

Os resultados deste trabalho devem levar em conta que os veículos do Grupo Record adotaram uma postura alinhada a Bolsonaro, enquanto os outros dois grupos tiveram uma relação conflituosa com o governo federal entre 2019 e 2022. Em maio de 2020, por exemplo, tanto Folha de S. Paulo como as emissoras do Grupo Globo anunciaram a suspensão da cobertura no Palácio do Alvorada por falta de segurança dos jornalistas⁷⁸, frequentemente atacados por apoiadores e pelo próprio presidente. De acordo com levantamento da revista Piauí, Bolsonaro atacou veículos do Grupo Globo em 45% das lives que fez entre março de 2019 e setembro de 2022, e a Folha de S. Paulo, criticada em 34% das lives nesse período⁷⁹.

Dessa relação tensa, Marques (2023) ressalta que o Grupo Globo mudou o procedimento habitual e passou a evitar a exibição de vídeos de declarações de Bolsonaro, que passaram a ser narradas por jornalistas da empresa. O autor também destaca que, em setembro de 2022, a Folha publicou um relatório criticando o crescimento da Jovem Pan após a adoção do “dialeto bolsonarista” e o recebimento

⁷⁷ Do original: “Given the political, societal, and economic circumstances of news production, scrutiny not always elicits actual accountability, but partial, timid, or partisan-driven watchdog is still better than no watchdog at all”.

⁷⁸ FOLHA de S.Paulo' também deixará cobertura do Alvorada por falta de segurança. VALOR, 25 mai. 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/05/25/folha-de-spaulo-tambem-deixara-cobertura-do-alvorada-por-falta-de-seguranca.ghtml>

⁷⁹ BOLSONARO atacou veículos do Grupo Globo em 4 a cada 10 lives. PIAUÍ, 30 set. 2022. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/bolsonaro-atacou-veiculos-do-grupo-globo-em-4-cada-10-lives/>

de verbas federais e de empresas que apoiavam o ex-presidente (MARQUES, 2023, p.9), sinalizando uma mudança de comportamento nos dois grupos.

Uma outra discussão levantada por este trabalho é o papel do jornalismo em um contexto de discursos extremistas e violentos, como foram observados durante a trajetória política de Bolsonaro. Marques (2023), por exemplo, destaca que profissionais e estudiosos têm questionado se os valores normativos do jornalismo, como a imparcialidade, se adequam ao ambiente desafiador de hoje, que inclui supremacistas brancos e neonazistas. Já Amorim (2021) levanta a questão da objetividade jornalística em um contexto de disseminação de informações falsas. Para a autora, confrontar versões sem entrar no mérito se são falsas cria um falso equilíbrio, uma falsa equivalência na cobertura, favorecendo a lógica da desinformação.

A forma como os meios de comunicação tratam a pauta de gênero e as mulheres também merece ser discutida continuamente. Escosteguy (2020) enfatiza que a mídia participa ativamente na definição da realidade e na construção de representações das mulheres e de outras identidades de gênero e de sexualidade, assim como as plataformas digitais “dão vazão à raiva, ao ódio e desprezo às mulheres e às identidades LGBTQI+, em confrontação a um processo de reconhecimento da diversidade afetiva, sexual e de gênero, em andamento” (ESCOSTEGUY, 2020, p. 133).

Todas essas questões sobre jornalismo, gênero e democracia ajudaram a compor este trabalho, mas é fundamental destacar que a contribuição desta pesquisa é limitada e tem um recorte pequeno para debates tão estruturais e complexos, que certamente continuarão sendo objeto de estudo dos pesquisadores.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, S. **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGUIAR, B. S.; PEREIRA, M. R. **O antifeminismo como backlash nos discursos do governo Bolsonaro.** Agenda Política. Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos. Volume 7, Número 3, São Carlos, 2019.

ALBUQUERQUE, A. **A modernização autoritária do jornalismo no Brasil (1950-2020).** Curitiba: Appris, 2022.

ALMANSA-MARTÍNEZ, A.; TORRES, M. J. F. **Comunicación política y movimientos sociales en España: del 15M a Podemos.** Organicom, ano 13, número 24, 2016. Disponível em: https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/8392/2016_almansamartinez_comunicacion_politica_movimientos.pdf. Acesso em: 28 jul. 2021.

ALONSO, A. **A comunidade moral bolsonarista.** In: Democracia em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AMORIM, A. P. **A imprensa no governo Bolsonaro sob os ataques à liberdade de expressão.** In: AVRITZER, L.; KERCHE, F.; MARONA, M. (Org.). Governo Bolsonaro: Retrocesso democrático e degradação política. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

AVRITZER, L.; KERCHE, F.; MARONA, M. (Org.). **Governo Bolsonaro: Retrocesso democrático e degradação política.** Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.

BIROLI, F. **Mulheres e política nas notícias: Estereótipos de gênero e competência política.** Revista Crítica de Ciências Sociais, 90, Set. 2010.

BIROLI, F., MIGUEL, L. F. **Notícias em disputa: Mídia, democracia e formação de preferências no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2017.

BIROLI, F., MACHADO, M. D. C., VAGGIONE, J. M. **Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina.** São Paulo: Boitempo, 2020.

CARLOMAGNO, Márcio C.; ROCHA, Leonardo C. **Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica.** Revista Eletrônica de Ciência Política, vol. 7, n. 1, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45771/28756>. Acesso em: 09 ago. 2023.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança.** Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CESOP/Unicamp. **A eleição de 2022 segundo as pesquisas de intenção de voto.** In: AVRITZER, L.; SANTANA, E.; BRAGATTO, R. C. (Orgs.) Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

DE OLIVEIRA, B. S.; MAIA, R. C. M. **Redes bolsonaristas:** ataque ao politicamente correto e conexões com o populismo autoritário. *Confluências: Niterói/RJ*. V. 22, n.3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/confluencias/article/view/45506/27126>.

DELGADO, R. G. M. **Del populismo al autoritarismo legalizado.** Análisis histórico comparado entre Venezuela y Nicaragua. *Nóesis, Revista de Ciencias Sociales y Humanidades*, vol. 29, nº 57, jan-jun, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.20983/noesis.2020.1.2>.

DIAS, A. B. **Da modernização à autoridade:** a grande imprensa brasileira, entre a ditadura e a democracia – Folha de S. Paulo e O Globo, 1964-2014. *Opinião Pública, Campinas*, vol. 25, nº 3, set.-dez., 2019.

ESCOSTEGUY, A. C. D. **Comunicação e Gênero no Brasil:** discutindo a relação. *Revista Eco-Pós - UFRJ*, v. 23 n. 3 (2020): Crise, Feminismos e Comunicação. DOI: 10.29146/eco-pos.v23i3.27643

FALUDI, S. **Backlash:** o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FERES JUNIOR, J.; GAGLIARDI, J. **O antipetismo da imprensa e a gênese da nova direita.** In: GALLEGU, E. S. (Org.) *Brasil em colapso*. São Paulo: Editora Unifesp, 2019.

FERES JÚNIOR, J.; SASSARA, L. O. **Failed Honeymoon:** Dilma Rousseff's Third Election Round. *Latin American Perspectives*, 2018, 45(3), 224–235. <https://doi.org/10.1177/0094582X18767429>.

FERREIRA, R. R. **Rede de mentiras:** a propagação de fake news na pré-campanha presidencial brasileira. *Observatorio (OBS) Special Issue*, (2018), 139-162. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1272>.

FONSECA, A. B. **Discursos evangélicos de uma nova direita cristã à brasileira.** In: SOLANO GALLEGU, E. (Org.). *Brasil em colapso*. São Paulo: Editora Unifesp, 2019.

FONTES, G. S., MARQUES, F. P. J. **Defending democracy or amplifying populism?** Journalistic coverage, Twitter, and users' engagement in Bolsonaro's Brazil. *Journalism*, 2022, Vol. 0(0) 1–23. DOI: 10.1177/14648849221075429.

GIBSON, J.; CLAASSEN, C.; BARCELÓ, J. **Deplorables:** Emotions, Political Sophistication, and Political Intolerance. *American Politics Research*, 2020, Vol. 48.

GONZALEZ, R.; BAQUERO, M.; GROHMANN, L. G. M. **Nova direita ou vinho velho em odres novos?** A trajetória conservadora no Brasil do último século. *Revista Debates, Porto Alegre*, v. 15, n.2, p. 09-44, maio-ago. 2021.

GUAZINA, L. S.; LEITE, G. G.; SANTOS, E. **A normalização da agenda anti-gênero de Jair Bolsonaro**: uma análise dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de São Paulo. *Sobre jornalismo*, v. 10, nº 1, 2021.

HARVEY, D. et al. **Occupy**: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo, Boitempo Editorial, 2012.

LOPES, M. S.; ALBUQUERQUE, G.; BEZERRA, G. M. L. **“2018, a batalha final”**: Lava Jato e Bolsonaro em uma campanha anticorrupção e antissistema. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 20, n. 3, p. 377–389, set. 2020.

LYCARIÃO, D.; MAGALHÃES, E.; ALBUQUERQUE, A. **Noticiário “objetivo” em liquidação**: a decadência do padrão “catch-all” na mídia comercial. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 1-19, maio, junho, julho e agosto de 2018: ID28384. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.2.28384>.

MAIA, R. C. M. **Mídia e diferentes dimensões da Accountability**. *E-Compós (Brasília)*, v. 7, p. 1-27, 2006.

MAIA, R. C. M. **Media visibility and the scope of accountability**. *Critical Studies in Media Communication*, v. 26, p. 372-392, 2009.

MARQUES, J.; MONT'ALVERNE, C.; MITOZO, I. B. **A empresa jornalística como ator político**: Um estudo quanti-qualitativo sobre o impeachment de Dilma Rousseff nos editoriais de Folha e Estadão. *Observatório (OBS*) Journal*, (2018), 224-245. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1166>.

MARQUES, F. P. J. **Populism and Critical Incidents in Journalism**: Has Bolsonaro Disrupted the Mainstream Press in Brazil? *The International Journal of Press/Politics*, 0(0), 2023. <https://doi.org/10.1177/19401612231153110>.

MARQUEZ-RAMIREZ, M. et al. **Detached or Interventionist?** Comparing the Performance of Watchdog Journalism in Transitional, Advanced and Non-democratic Countries. *The International Journal of Press/Politics*, 2020, Vol. 25(1) 53–75.

MARTINS, H. **A disputa na internet**: plataformas, desinformação e impactos na democracia. In: AVRITZER, L.; SANTANA, E.; BRAGATTO, R. C. (Orgs.) *Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

MELLADO, C. **Professional roles in news content**: Six dimensions of journalistic role performance. *Journalism Studies*, 2015. Vol. 16, No. 4, 596–614, <http://dx.doi.org/10.1080/1461670X.2014.922276>.

MELLO, P. C. **A máquina do ódio**: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. Companhia das Letras: 2020.

MELO, F. **“Não é fumaça, é fogo!** Cruzada antigênero e resistências feministas no Brasil”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 3, 2020.

MELO, C. R. **Câmara dos Deputados 2022**: direita tornou-se majoritária , esquerda e centro recuaram. In: AVRITZER, L.; SANTANA, E.; BRAGATTO, R. C. (Orgs.) Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

MENDONÇA, R. F. **Valores democráticos**. In: AVRITZER, L.; KERCHER, F.; MARONA, M. (Org.). Governo Bolsonaro: Retrocesso democrático e degradação política. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MIGUEL, L. F. **A reemergência da direita brasileira**. In: SOLANO GALLEGOS, E. (Org.). O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

_____. **O colapso da democracia no Brasil**: da constituição ao golpe de 2016. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Expressão Popular, 2019.

_____. **O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita brasileira**. Cadernos Pagu, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8667136>.

MUNDIM, P., VASCONCELLOS, F., OKADO, L. **Social Networks and Mobile Instant Messaging Services in the Election of Jair Bolsonaro as President of Brazil in 2018**. Dados, Rio de Janeiro, vol.66 (2): e20210037, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/dados.2023.66.2.291>.

NASCIMENTO, L.; ALECRIM, M.; OLIVEIRA, J.; OLIVEIRA, M., COSTA, S. **“Não falo o que o povo quer, sou o que o povo quer”**: 30 anos (1987-2017) de pautas políticas de Jair Bolsonaro nos jornais brasileiros. Plural: Revista de Ciências Sociais, vol. 25, núm. 1, 2018, Janeiro-Junho, pp. 135-171. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcsoc.2018.149019>.

NICOLAU, J. **O Brasil dobrou à direita**: Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

NOBRE, M. **Manter o colapso para governar**. In: SOLANO GALLEGOS, E. (Org.). Brasil em colapso. São Paulo: Editora Unifesp, 2019.

NOVAIS, R. A. **Watchdogging Populism**: journalistic roles conception, performance and negotiation in reporting the far-right in Portugal. Braz. journal. res., - Brasília -DF - Vol. 18 - N. 2 - august - 2022. (p. 316 - 349). DOI: 10.25200/BJR.v18n2.2022.1425.

PIAIA, V.; ALVES, M. **Abrindo a caixa preta**: análise exploratória da rede bolsonarista no WhatsApp. Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun. 43 (3). Sep-Dec 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-5844202037>.

PINHEIRO-MACHADO, R.; DE FREIXO, A. (orgs.). **Brasil em Transe: Bolsonarismo, Nova Direita e Desdemocratização**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

PORTO, M.; NEVES, D.; LIMA, B. **Crise hegemônica, ascensão da extrema direita e paralelismo político**: Globo e Record nas eleições presidenciais de 2018. Revista Compolítica, vol. 10, 2020. Disponível em: <http://compolitica.org/revista/index.php/revista/article/view/367/258>.

SAMPAIO, R.; LYCARIÃO, D. **Eu quero acreditar!** Da importância, formas de uso e limites dos testes de confiabilidade na análise de conteúdo. In: Sociologia e Política. v. 26, n. 66, jun. 2018. p. 31-47. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/TPx77JGgGq9qBm4BSn6nW3F/abstract/?lang=pt>.

SAMPAIO, R.; LYCARIÃO, D. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.

SANTOS, Fabiano. TANSCHKEIT, Talita. **Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil**. colomb.int. [on-line]. 2019, n.99, pp.151-186. DOI: <https://doi.org/10.7440/colombiaint99.2019.06>.

SARMENTO, R. **Estudos feministas de mídia e política**: uma visão geral. BIB, São Paulo, n. 87, 3/2018 (publicada em dezembro de 2018), pp. 181-202.

SCHERER-WARREN, I. **Dos movimentos sociais às manifestações de rua: o ativismo brasileiro no século XXI**. Política & Sociedade, Florianópolis, Vol. 13, Nº 28 (set-dez, 2014).

SCHWARCZ, L. M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SETZLER, M. **Did Brazilians Vote for Jair Bolsonaro Because They Share his Most Controversial Views?** Brazilian Political Science Review (BPSR), 2021, 15 (1). <https://doi.org/10.7910/DVN/8TNQHZ>.

SILVA, G. B.; FONTES, G. S.; MARQUES, F. P. J. **Mulheres jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil**: Como as relações de gênero interferem na produção jornalística? Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo - VIII Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo, 28 de agosto de 2021.

TAVARES, C. Q. **A crise do modelo tradicional de jornalismo**: Reconfiguração da prática profissional na redação da Gazeta do Povo. Tese (doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. 212 f. DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGCOM.2018.d.06821513945>.

TUZZO, S. A.; TEMER, A. C. R. P. **As jornalistas sob ataque**: um estudo sobre agressões às profissionais de imprensa em uma sociedade polarizada. Juiz de Fora, PPGCOM – UFJF, v. 15, n. 3, p. 58-74, set./dez. 2021.

VEIGA, L. F. **Cultura política**: valores democráticos, preferências políticas, autoritarismo e nova direita. In: AVRITZER, L.; KERCHER, F.; MARONA, M. (Org.). Governo Bolsonaro: Retrocesso democrático e degradação política. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

WETTSTEIN, M.; ESSER, F.; SCHULZ, A.; WIRZ, D. S.; WIRTH, W. **News Media as Gatekeepers, Critics, and Initiators of Populist Communication:** How Journalists in Ten Countries Deal with the Populist Challenge. *The International Journal of Press/Politics*, 2018, Vol. 23(4) 476–495. DOI: 10.1177/1940161218785979.

APÊNDICE A - LIVRO DE CÓDIGOS

Este livro de códigos tem como base o Codebook for the Analysis of Print, Online, Radio and Television News da pesquisa internacional Journalistic Role Performance Project⁸⁰. O conteúdo foi adaptado para esta pesquisa.

Orientações gerais ao codificador:

- Leia a notícia completa, incluindo título, abre, legenda de fotos e infográficos, para compreender o conteúdo da notícia e se familiarizar com o assunto.
- Prefira iniciar a codificação após uma segunda ou terceira leitura.
- A notícia deve ser avaliada conforme todas as variáveis propostas.
- Deve-se observar as categorias sempre relacionando sua ocorrência relacionando a alguma ação, fato ou declaração envolvendo **Jair Bolsonaro, membros do seu governo, como a ex-ministra Damares Alves, seus apoiadores e a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro**. Portanto, o codificador deverá atentar se adjetivações, julgamentos, críticas, questionamentos, denúncias e revelações que dizem respeito a um desses personagens.
- Codifique SIM para presença dessa categoria ou NÃO para ausência. Em caso de dúvida persistente, codificar NÃO.

Papel de cão de guarda do Jornalismo

De acordo com a definição do codebook do projeto JRP, o papel de cão de guarda procura proteger o interesse público e responsabilizar as várias elites no poder, servindo de "quarto poder". O desempenho do jornalismo mais próximo do papel de cão de guarda implica ser um guardião da consciência, tornando visíveis fatos ocultos pelos detentores do poder. O que define o papel de cão de guarda não é a posição política/ideológica do jornalista, mas sim a função de questionar, criticar ou denunciar instituições e indivíduos que fazem parte de diferentes elites com o objetivo de maximizar a transparência e a eficiência, transparência e eficiência governamentais ou de outras instituições.

⁸⁰ Disponível em: <<https://www.journalisticperformance.org/appendices>>

Categorias de análise

Indicadores
<p>Informações judiciais/processos administrativos A notícia inclui informações sobre julgamentos, processos judiciais ou administrativos contra indivíduos ou grupos de poder.</p>
<p>Questionamento de fontes Questionamento de indivíduos ou grupos de poder por meio de citações, declarações e/ou opiniões dadas por alguém que não seja o jornalista.</p>
<p>Críticas de fontes A crítica é feita a indivíduos ou grupos de poder na forma de citações, declarações e/ou opiniões negativas dadas por alguém que não seja o jornalista.</p>
<p>Denúncia de fontes Citações e/ou depoimentos são fornecidos por outras pessoas que não o jornalista, que dão conta, acusam ou evidenciam algo oculto, não apenas ilegal, mas também irregular ou inconveniente, em relação a indivíduos ou grupos de poder.</p>
<p>Investigação externa A notícia inclui investigações que não foram realizadas pelo jornalista – como pesquisas judiciais, administrativas, especializadas/acadêmicas, entre outras – mas que ele cobre extensivamente.</p>
<p>Questionamento do jornalista Por meio de depoimentos e/ou opiniões, o jornalista questiona a validade ou veracidade do que os indivíduos ou grupos no poder dizem ou fazem.</p>
<p>Críticas do jornalista O jornalista faz uma afirmação ou referência em que julga ou condena negativamente o que os indivíduos ou grupos no poder dizem ou fazem.</p>
<p>Denúncia do jornalista O jornalista faz uma afirmação ou referência em que acusa ou evidencia algo oculto, não apenas ilegal, mas também irregular ou inconveniente em relação a indivíduos ou grupos de poder.</p>
<p>Relatório de conflito O jornalista invoca uma fonte, uma instituição ou um indivíduo de uma esfera de poder como oponente.</p>

Critérios de inclusão e exclusão

A nossa proposta é analisar as notícias sobre Jair Bolsonaro que tratavam da pauta de gênero, publicadas nos dois turnos da eleição, entre 16 de agosto a 30 de outubro, e de que forma os portais escolhidos - G1, R7 e Folha de S. Paulo -

pautaram esse tema, se deram visibilidade e de que forma se posicionaram ou não com viés crítico, uso de fontes ou apenas utilizando as declarações e atos, sem promover uma discussão sobre o tema. É importante destacar que, no caso dos portais G1 e R7, a origem das notícias pode vir dos vários veículos de cada grupo, e, no caso da Folha, pode ser da edição impressa, de agência de notícia ou de produção jornalística do próprio portal. Tanto o G1 como o R7 dão acesso aberto e ilimitado ao conteúdo, mas, no caso da Folha de S. Paulo, foi necessário fazer uma assinatura para acessar todas as matérias.

Para fazer esse levantamento, elegemos a busca por títulos e abres ('linha fina' em alguns estados) de matérias jornalísticas, não incluindo, portanto, editoriais e artigos de opinião, unindo palavras-chave que relacionem Bolsonaro à questão de gênero. Decidimos, por conta da relevância e do volume de notícias, considerar os blogs de notícias dos três portais. Após uma pré-análise dos veículos de imprensa, foram considerados termos como "mulher/es", "meninas", "machista" e "misoginia", e, por conta dos sucessivos episódios de ataques de Bolsonaro às mulheres jornalistas, esta pesquisa inseriu as expressões "repórter", "jornalista" e "apresentadora". A busca prévia também mostrou a importância de temas como aborto e a política de distribuição de absorventes, que foram inseridos na busca. Além disso, inserimos o termo "primeira-dama" e os nomes "Michelle" e "Damares", ministra do governo Bolsonaro. A partir desse levantamento inicial, excluimos matérias que não tratavam da campanha presidencial, como matérias relacionadas a disputas ao Senado e aos governos estaduais.

Tabela - Critérios de inclusão e exclusão

Critérios de inclusão	Critérios de exclusão
-----------------------	-----------------------

<ul style="list-style-type: none">● Busca por títulos e abres de matérias jornalísticas;● Devem ser considerados os blogs de política dos três portais. No caso da FSP, considerar as colunas Monica Bergamo e Painel.● Foram considerados termos como "mulher/es", "meninas", e, "repórter", "jornalista" e "apresentadora", além de temas como aborto, a política de distribuição de absorventes, "primeira-dama" e os nomes "Michelle" e "Damares".	<ul style="list-style-type: none">● Devem ser excluídos editoriais e artigos de opinião;● Excluir matérias que não tratam da campanha presidencial, como matérias relacionadas a disputas ao Senado e aos estados.● Excluir conteúdos de colunas de comportamento e blogs de outras áreas que não tratem da cobertura política.
--	---

Fonte: Elaborada pela autora.

APÊNDICE B - ANÁLISE DE CONTEÚDO G1

Indicador	Presente	Ausente
Informações judiciais/processos administrativos	A6; A10; A14; A16; A17; A19; A20; A22; A23; A25; A28; A30; A31; A32; A33; A34; A35; A36; A37 Total: 19/37 - 51,35%	A1; A2; A3; A4; A5; A7; A8; A9; A11; A12; A13; A15; A18; A21; A24; A26; A27; A29; Total: 18/37 - 48,65%
Questionamento de fontes	A1; A15; A16; A17; A19; A20; A23; A27; A30; A32; A33; A34; A35; A36; A37 Total: 15/37 - 40,54%	A2; A3; A4; A5; A6; A7; A8; A9; A10; A11; A12; A13; A14; A18; A21; A22; A24; A25; A26; A28; A29; A31; Total: 22/37 - 59,46%
Críticas de fontes	A1; A3; A4; A8; A9; A10; A11; A13; A15; A16; A17; A18; A19; A20; A21; A23; A24; A27; A29; A30; A32; A35; A36; A37 Total: 24/37 - 64,86%	A2; A5; A6; A7; A12; A14; A22; A25; A26; A28; A31; A33; A34; Total: 13/37 - 35,14%
Denúncia de fontes	A34; A35; A36; A37 Total: 4/37 - 10,81%	A1; A2; A3; A4; A5; A6; A7; A8; A9; A10; A11; A12; A13; A14; A15; A16; A17; A18; A19; A20; A21; A22; A23; A24; A25; A26; A27; A28; A29; A30; A31; A32; A33; Total: 33/37 - 89,19%
Investigação externa	A1; A3; A5; A6; A7; A11; A12; A13; A14; A15; A16; A17; A19; A20; A21; Total: 15/37 - 40,54%	A2; A4; A8; A9; A10; A18; A22; A23; A24; A25; A26; A27; A28; A29; A30; A31; A32; A33; A34; A35; A36; A37 Total: 22/37 - 59,46%
Questionamento do jornalista	A7; A14; A17; A22; A24; A26; A35; A36; A37 Total: 9/37 - 24,32%	A1; A2; A3; A4; A5; A6; A8; A9; A10; A11; A12; A13; A15; A16; A18; A19; A20; A21; A23; A25; A27; A28; A29; A30; A31; A32; A33; A34; Total: 28/37 - 75,68%
Críticas do jornalista	A1; A2; A3; A4; A5; A7; A8; A9; A10; A15; A16; A19; A20; A21; A22; A23; A24; A26; A35; A36;	A6; A11; A12; A13; A14; A17; A18; A25; A27; A28; A29; A30; A31; A32; A33; A34;

	A37 Total: 21/37 - 56,75%	Total: 16/37 - 43,25%
Denúncia do jornalista	A15; A16; A17; A18; A19; A26; A36; A37 Total: 8/37 - 21,62%	A1; A2; A3; A4; A5; A6; A7; A8; A9; A10; A11; A12; A13; A14; A20; A21; A22; A23; A24; A25; A27; A28; A29; A30; A31; A32; A33; A34; A35; Total: 29/37 - 78,38%
Relatório de conflito	A1; A3; A4; A5; A6; A7; A8; A9; A10; A11; A13; A15; A16; A17; A18; A19; A20; A21; A22; A23; A24; A25; A27; A29; A32; A33; A34; A35; A36; A37 Total: 30/37 - 81,1%	A2; A12; A14; A26; A28; A30; A31; Total: 7/37 - 18,9%

* Elaborada pela autora.

APÊNDICE C - ANÁLISE DE CONTEÚDO R7

Indicador	Presente	Ausente
Informações judiciais/processos administrativos	B6; B10; B11; B13; B17; Total: 5/22 - 22,72%	B1; B2; B3; B4; B5; B7; B8; B9; B12; B14; B15; B16; B18; B19; B20; B21; B23 Total: 17/22 - 77,28%
Questionamento de fontes	Total: 0/22	B1; B2; B3; B4; B5; B6; B7; B8; B9; B10; B11; B12; B13; B14; B15; B16; B17; B18; B19; B20; B21; B23 Total: 22/22
Críticas de fontes	B12; B21 Total: 2/22 - 9,1%	B1; B2; B3; B4; B5; B6; B7; B8; B9; B10; B11; B13; B14; B15; B16; B17; B18; B19; B20; B23 Total: 20/22 - 90,9%
Denúncia de fontes	Total: 0/22	B1; B2; B3; B4; B5; B6; B7; B8; B9; B10; B11; B12; B13; B14; B15; B16; B17; B18; B19; B20; B21; B23 Total: 22/22
Investigação externa	B8; Total: 1/22 - 4,54%	B1; B2; B3; B4; B5; B6; B7; B9; B10; B11; B12; B13; B14; B15; B16; B17; B18; B19; B20; B21; B23 Total: 21/22 - 95,46%
Questionamento do jornalista	B1 Total: 1/22 - 4,54%	B2; B3; B4; B5; B6; B7; B8; B9; B10; B11; B12; B13; B14; B15; B16; B17; B18; B19; B20; B21;; B23 Total: 21/22 - 95,46%
Críticas do jornalista	Total: 0/22	B1; B2; B3; B4; B5; B6; B7; B8; B9; B10; B11; B12; B13; B14; B15; B16; B17; B18; B19; B20; B21; B23 Total: 22/22
Denúncia do jornalista	Total: 0/22	B1; B2; B3; B4; B5; B6; B7; B8; B9; B10; B11; B12; B13; B14; B15; B16; B17; B18; B19; B20; B21; B23 Total: 22/22

Relatório de conflito	B12; B15; B21 Total: 3/22 - 13,63%	B1; B2; B3; B4; B5; B6; B7; B8; B9; B10; B11; B13; B14; B16; B17; B18; B19; B20; B23 Total: 19/22 - 86,37%
-----------------------	--	--

* Elaborada pela autora.

APÊNDICE D - ANÁLISE DE CONTEÚDO FSP

Indicador	Presente	Ausente
Informações judiciais/processos administrativos	C3; C5; C16; C17; C28; C41; C42; C44; C45; C46; C48; C54; C56; C60; C63; C64; C65; C66; C67; C68 Total: 20/62 - 32,25%	C1; C2; C4; C6; C7; C8; C10; C11; C15; C18; C19; C20; C21; C22; C23; C24; C25; C26; C27; C29; C30; C31; C32; C33; C34; C35; C36; C37; C38; C39; C40; C43; C47; C49; C51; C52; C53; C57; C58; C59; C61; C62 Total: 42/62 - 67,75%
Questionamento de fontes	C3; C4; C5; C7; C37; C38; C42; C64; C65; C66; C67; C68 Total: 12/62 - 19,35%	C1; C2; C6; C8; C10; C11; C15; C16; C17; C18; C19; C20; C21; C22; C23; C24; C25; C26; C27; C28; C29; C30; C31; C32; C33; C34; C35; C36; C37; C39; C40; C41; C43; C44; C45; C46; C47; C48; C49; C51; C52; C53; C54; C56; C57; C58; C59; C60; C61; C62; C63; Total: 50/62 - 80,65%
Críticas de fontes	C2; C3; C4; C5; C6; C7; C8; C21; C22; C28; C31; C33; C35; C38; C39; C40; C42; C44; C45; C46; C47; C48; C49; C51; C52; C53; C54; C58; C61; C62; C63; C65; C66; C67; C68 Total: 35/62 - 56,45%	C1; C10; C11; C15; C16; C17; C18; C19; C20; C23; C24; C25; C26; C27; C29; C30; C32; C34; C36; C37; C41; C43; C56; C57; C59; C60; C64; Total: 27/62 - 43,55%
Denúncia de fontes	C40; C42; C45; C46; C48 Total: 5/62 - 8,06%	C1; C2; C3; C4; C5; C6; C7; C8; C10; C11; C15; C16; C17; C18; C19; C20; C21; C22; C23; C24; C25; C26; C27; C28; C29; C30; C31; C32; C33; C34; C35; C36; C37; C38; C39; C41; C43; C44; C47; C49; C51; C52; C53; C54; C56; C57; C58; C59; C60; C61; C62; C63; C64;

		C65; C66; C67; C68 Total: 57/62 - 91,94%
Investigação externa	C6; C7; C8; C10; C15; C17; C18; C19; C20; C26; C27; C28; C30; C31; C32; C33; C34; C35; C36; C46; C59; C62; C63; C65; Total: 24/62 - 38,70%	C1; C2; C3; C4; C5; C11; C16; C21; C22; C23; C24; C25; C29; C37; C38; C39; C40; C41; C42; C43; C44; C45; C47; C48; C49; C51; C52; C53; C54; C56; C57; C58; C60; C61; C64; C66; C67; C68 Total: 38/62 - 61,3%
Questionamento do jornalista	Total: 0/62	C1; C2; C3; C4; C5; C6; C7; C8; C10; C11; C15; C16; C17; C18; C19; C20; C21; C22; C23; C24; C25; C26; C27; C28; C29; C30; C31; C32; C33; C34; C35; C36; C37; C38; C39; C40; C41; C42; C43; C44; C45; C46; C47; C48; C49; C51; C52; C53; C54; C56; C57; C58; C59; C60; C61; C62; C63; C64; C65; C66; C67; C68 Total: 62/62
Críticas do jornalista	C3; C4; C5; C6; C7; C8; C10; C11; C15; C16; C17; C21; C22; C23; C24; C27; C28; C30; C33; C37; C53; C57; C59; C60; C61; C64; C66; Total: 27/62 - 43,54%	C1; C2; C18; C19; C20; C25; C26; C29; C31; C32; C34; C35; C36; C38; C39; C40; C41; C42; C43; C44; C45; C46; C47; C48; C49; C51; C52; C54; C56; C58; C62; C63; C65; C67; C68 Total: 35/62 - 56,46%
Denúncia do jornalista	C11; C30; C33; C60; Total: 4/62 - 6,45%	C1; C2; C3; C4; C5; C6; C7; C8; C10; C15; C16; C17; C18; C19; C20; C21; C22; C23; C24; C25; C26; C27; C28; C29; C31; C32; C34; C35; C36; C37; C38; C39; C40; C41; C42; C43; C44; C45;

		C46; C47; C48; C49; C51; C52; C53; C54; C56; C57; C58; C59; C61; C62; C63; C64; C65; C66; C67; C68 Total: 58/62 - 93,55%
Relatório de conflito	C2; C3; C4; C5; C6; C7; C8; C15; C21; C22; C28; C33; C35; C37; C38; C39; C40; C42; C44; C45; C46; C47; C48; C49; C51; C52; C53; C54; C58; C60; C62; C63; C64; C65; C66; C67; C68 Total: 37/62 - 59,67%	C1; C10; C11; C16; C17; C18; C19; C20; C23; C24; C25; C26; C27; C29; C30; C31; C32; C34; C36; C41; C43; C56; C57; C59; C61; Total: 25/62 - 40,33%

* Elaborada pela autora.

APÊNDICE E - ANÁLISE DE CONTEÚDO GERAL

Categorias de análise	G1		R7		FSP	
	Presente	Ausente	Presente	Ausente	Presente	Ausente
Informações judiciais/processos administrativos	19/37 51,35%	18/37 48,65%	5/22 22,72%	17/22 77,28%	20/62 32,25%	42/62 67,75%
Questionamento de fontes	15/37 40,54%	22/37 59,46%	-	22/22 100%	12/62 19,35%	50/62 80,65%
Crítica de fontes	24/37 64,86%	13/37 35,14%	2/22 9,1%	20/22 90,9%	35/62 56,45%	27/62 43,55%
Denúncia de fontes	4/37 10,81%	33/37 89,19%	-	22/22 100%	5/62 8,06%	57/62 91,94%
Investigação externa	15/37 40,54%	22/37 59,46%	1/22 4,54%	21/22 95,46%	24/62 38,7%	38/62 61,3%
Questionamento do jornalista	9/37 24,32%	28/37 75,68%	1/22 4,54%	21/22 95,46%	-	62/62 100%
Crítica do jornalista	21/37 56,75%	16/37 43,25%	-	22/22 100%	27/62 43,54%	35/62 56,46%
Denúncia do jornalista	8/37 21,62%	29/37 78,38%	-	22/22 100%	4/62 6,45%	58/62 93,55%
Relatório de conflito	30/37 81,1%	7/37 18,9%	3/22 13,63%	19/22 86,37%	37/62 59,67%	25/62 40,33%

* Elaborada pela autora.